

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM RECURSOS NATURAIS**

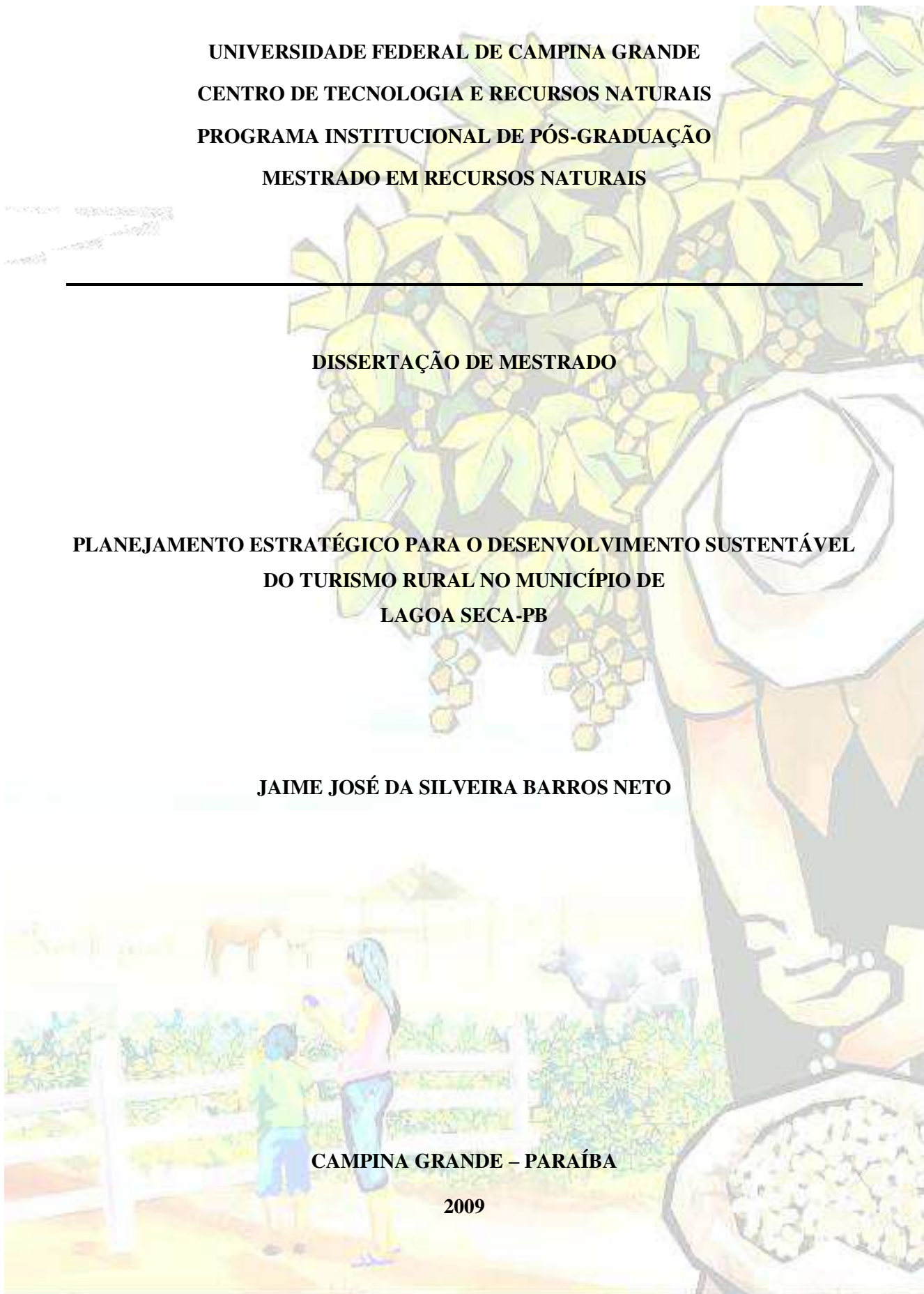
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE
LAGOA SECA-PB**

JAIME JOSÉ DA SILVEIRA BARROS NETO

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2009



JAIME JOSÉ DA SILVEIRA BARROS NETO

**PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL DO TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE
LAGOA SECA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa Institucional de Mestrado em Recursos Naturais do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande, como parte dos requisitos necessários ao título de Mestre em Recursos Naturais.

Área de Concentração: Sociedade e Recursos Naturais

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento, Sustentabilidade e Competitividade

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Vieira de Azevedo

UAEA/CTRN/UFCG

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

MARÇO - 2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFCG

B277p
2009

Barros Neto, Jaime José da Silveira.

Planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável do turismo rural no município de Lagoa Seca - PB / Jaime José da Silveira Barros Neto. — Campina Grande, 2009.

199 f.

Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais. Referências.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Vieira de Azevedo.

1. Recursos Naturais. 2. Agroturismo. 3. Planejamento Ambiental. 4. Conservação Ambiental. I. Título.

CDU – 556.38:338.482.2(043)

JAIME JOSÉ DA SILVEIRA BARROS NETO

**PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
DO TURISMO RURAL NO MUNICÍPIO DE
LAGOA SECA-PB**

Dissertação apresentada ao Programa Institucional de Mestrado em Recursos Naturais do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração - Sociedade e Recursos Naturais e linha de pesquisa - Desenvolvimento, Sustentabilidade e Competitividade, como parte dos requisitos necessários ao título de Mestre em Recursos Naturais.

BANCA EXAMINADORA

PARECER



Prof. Dr. Carlos Alberto Vieira de Azevedo
UAEA/CTRN/UFCG

Aprovado.



Prof. Dr. Jógerson Pinto Pereira
UAEA/CTRN/UFCG

Aprovado



Dr. João Felinto dos Santos
EMEP/PA/PB

Aprovado

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

MARÇO - 2009

*Dedico a minha mãe Maria Isabel
e ao meu pai Francisco de Assis,
pelo imenso amor, carinho e cuidado
que sempre tiveram comigo em todos os momentos de minha vida.*

A quem devo tudo que sou hoje.

Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Pela colaboração e contribuição, das mais distintas formas, registro o meu fraterno
agradecimento:

A Deus, sempre presente em todos os momentos, abençoando, iluminando e por colocar
todas as pessoas a seguir no meu caminho.

Aos meus Pais, Francisco de Assis e Isabel, pelo amor incondicional e presença
constante.

Aos meus irmãos André e Isabella, pelo amor e incentivo de toda esta vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Azevedo, pela orientação objetiva, de fundamental
importância na elaboração deste estudo e pela confiança depositada em minutos, minha
sincera gratidão.

A minha tia, madrinha e “mãe”, Maria do Carmo, por compartilhar todos os momentos
de minha vida e em especial por ser minha “coleguinha” no Mestrado.

A minha família Suêrda, Solagne, “Ninhinha”, Marcus, Renata, Maria do Céu,
Consuelo, João Paulo, Karla, Jalber, Dorinha, Tiago e minha amada avó Dalda.

Ao corpo docente do Mestrado em Recursos Naturais, pelo alto nível das abordagens
dos mais variados temas que contribuíram para o enriquecimento de minha experiência
pessoal.

Aos meus colegas de Mestrado, em especial, Rosângela e João Batista, pelo apoio
durante do curso.

Aos meus amigos Fabiana, Klayton, Isabelle, Filipe, Guilherme e Lana pelo incentivo e
paciência, e todos os amigos do coração que me incentivaram por todo percurso.

A minha prima Esther pela ajuda e contribuição nas visitas de campo.

Aos meus alunos Vanessa e Sílvio, pela contribuição na pesquisa do trabalho.

Agradeço aos membros da banca: Dr. João Felinto (EMEPA-PB e tio), Dr. Prof.
Jógeron Pinto (CTRN/UFCG), que muito contribuíram com suas considerações.

“A terra nos ensina mais coisas sobre nós mesmos,
que todos os livros. Porque nos oferece resistência.
Ao enfrentar um obstáculo o homem aprende a se conhecer.
Contudo para superá-lo, ele necessita de ferramenta. Uma plaina, um arado.
O lavrador, em sua labuta, vai arrancando lentamente alguns segredos
à natureza; e a verdade que ele obtém é universal”.

Saint-Exupery

Terra dos Homens (1973)



SUMÁRIO

LISTAS DE FIGURAS

LISTA DE GRÁFICOS

ABREVIATURAS

RESUMO

RESUMEN

1. INTRODUÇÃO	15
2. OBJETIVOS	17
2.1. Objetivo Geral.....	17
2.2. Objetivos Específicos	17
3. REVISÃO DE LITERATURA	18
3.1. Turismo Responsável e Planejamento.....	18
3.1.1. Análise das etapas do planejamento.....	22
3.2. Conservação Ambiental e Turismo	25
3.3. Impactos e turismo	27
3.3.1. Impactos Ambientais	27
3.3.2. Sociocultural	32
3.3.3. Econômico	33
3.3.4. Político-institucional	34
3.4. A Paisagem como Recurso para o Turismo	35
4. TURISMO RURAL	38
4.1. Evolução	38
4.2. Conceitos	41
4.3. Características básicas do Turismo Rural.....	45
4.4. Agroturismo	47
4.4.1. Agroturismo e Agroecologia	51
4.5. Marcos legais	52
4.6. O Turista do Turismo Rural.....	56
4.7. Bases para o Desenvolvimento do Turismo Rural.....	57
4.8. A viabilidade da região para o Turismo Rural.....	58
4.9. Atrativos	59
4.10. Agregando atratividade	62
4.10.1 Agregação de valor à produção agropecuária.....	63
4.11. Lidando com a sazonalidade.....	64
4.12. Utilização de práticas de gestão ambiental para o Turismo Rural	64
4.13. Políticas Públicas para o Turismo Rural no Brasil.....	65
5. METODOLOGIA	71
5.1. Procedimentos metodológicos	72
5.2. Técnicas de pesquisa e instrumentos para coleta de dados.....	72
5.3. Delineamento Estatístico	75
6. RESULTADOS E DISCURSÕES	76
6.1. Análise situacional do município de Lagoa Seca-PB para a atividade do turismo.....	76
6.1.1 Inventário da infra-estrutura de apoio ao turismo	76
6.1.2 Inventário dos serviços e equipamentos	92
6.1.3 Inventário dos atrativos turísticos.....	102
6.1.4 Estudo do mercado turístico	135

6.1.5 Diagnóstico situacional ambiental, econômico, sociocultural e político-institucional.....	153
6.2. Prognóstico do município de Lagoa Seca - PB para a atividade do turismo rural.....	161
6.2.1. Visão 2012	161
6.2.2. Posicionamento Desejado	162
6.2.3. Objetivo Geral.....	162
6.2.4. Objetivos Específicos	162
6.2.5. Metas	162
6.2.6. O Portfólio de Produtos por Mercados.....	163
6.2.7. Portfólio de prioridades de produtos por Mercado	163
6.2.8. Linhas de ação.....	164
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES	168
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	171
9. APÊNDICES.....	175
10. ANEXOS.....	191

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de inserção do Agroturismo como submodalidade do Turismo Rural	48
Figura 2 - Macroprogramas e programas do Plano Nacional de Turismo, 2007/2010...67	
Figura 3 - Precipitação média pluviométrica do município de Lagoa Seca -PB.....	77
Figura 4 – Organograma do Poder Executivo do município de Lagoa Seca – PB.....	79
Figura 5 - Organograma da Secretaria da Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer do município de Lagoa Seca - PB.....	80
Figura 6 - Transportes da viação São José (linha Campina Grande/Lagoa Seca).....	85
Figura 7 - Logomarca da Rádio Ypuarana, Lagoa Seca - PB	86
Figura 8 - Sede da 102,7 FM, Lagoa Seca - PB	86
Figura 9 - Farmácia Farma Centro.....	88
Figura 10 - Farmácia Saúde Pharma.....	88
Figura 11 - Banco do Brasil, Lagoa Seca - PB.....	90
Figura 12 - Posto Ipuarana.....	91
Figura 13 - Posto Bela Vista.....	91
Figura 14 - Vista das Unidades Habitacionais da Pousada Magia do Verde	93
Figura 15 - Piscina da Pousada.....	93
Figura 16 - Fachadas das Unidades Habitacionais do Convento Ipuarana	94
Figura 17 – Vista superior do Restaurante O Bananal. Google Earth, 2008.....	95
Figura 18 - Área externa O Bananal	95
Figura 19 - Área interna O Bananal.....	95
Figura 20 - Vista do Restaurante O Bananal	95
Figura 21 - Sinalização para o Restaurante Marcelo da Galinha, Lagoa Seca-PB.....	96
Figura 22 - Panificadora Virgem dos Podres	96
Figura 23 - Panificadora Bom Jesus	96
Figura 24 – Sala-de-Aula da Escola Assis Chateaubriand, UEPB, Lagoa Seca-PB.	98
Figura 25 - Auditório Convento Ipuarana, Lagoa Seca/PB.	99
Figura 26 - Sala de reuniões, Convento Ipuarana, Lagoa Seca/PB	99
Figura 27 - Praça Severino Cabral.....	100
Figura 28 - Praça Frei Malfredo	100
Figura 29 – Vista superior do Vale do Jatobá. Google Earth, 2008.	101
Figura 30 – Vista superior da Vila Forró. Google Earth, 2008.	101
Figura 31 – Pátio da Vila Forró-PB.....	101
Figura 32 – Paisagem da Região do Cumbe, Sítio Cumbe, Lagoa Seca-PB.....	102
Figura 33 – Rio Mamanguape, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB.....	103
Figura 34 - Açude Pesque-e-pague, Sítio das Palmeidas, Lagoa Seca-PB	104
Figura 35 - Cachoeira do Pinga, Lagoa Seca	105
Figura 36 - Corredeiras do Rio Mananguape, no sítio Amaragi, Lagoa Seca - PB.....	106
Figura 37 - Poço Verde, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB.....	107
Figura 38 - Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Sítio Amaragi.....	109
Figura 39 - Inscrições rupestres nas margens do Rio Mamanguape, no sítio Amaragi	109
Figura 40 - Convento Ipuarana, Lagoa Seca-PB.....	110

Figura 41 - Entrada do Convento dos Maristas, Lagoa Seca-PB	111
Figura 42 - Prédio principal do Convento dos Maristas, Lagoa Seca-PB.....	111
Figura 43 - Imagem da Virgem dos Pobres, BR 104, Lagoa Seca - PB	112
Figura 44 - Procissão Corpus Christi, Lagoa Seca-PB	113
Figura 45 - Folder promocional do 3º São Pedro na Praça, Lagoa Seca-PB	114
Figura 46 - Palco Principal do São Pedro na Praça, Lagoa Seca-PB.....	114
Figura 47 - Praça Severino Cabral durante o São Pedro na Praça, Lagoa Seca-PB	114
Figura 48 – Replica de Casa de Farinha.....	116
Figura 49 - Cabeça de Cristo entalhada em Madeira.....	116
Figura 50 - Mulher com Lata D`água	116
Figura 51 - Boneca de Estopa.....	118
Figura 52 - Família de agricultores familiares da Granja Jardim das Flores	120
Figura 53 - Pôr-do-sol da Granja Jardim das Flores	120
Figura 54 - Entrada Sítio das hortaliças	121
Figura 55 - Plantação de Alface, Sítio das hortaliças	121
Figura 56 - Cultivo em consórcio agroecológico do Alface e Chuchu, Sítio Oiti	122
Figura 57 - Sr. Guimarães, Sítio Sr. Guimarães.	122
Figura 58 - Entrada do sítio com palmeiras imperiais.	123
Figura 59 - Proprietário e artesão apresentando sua obra, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB	123
Figura 60 - Produção de licor e geléia, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB	124
Figura 61 - Barreiro construído para pesque-pague, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB	124
Figura 62 - Cultivo de Abelhas, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB	124
Figura 63 - Urutau, ave camuflada de casca do tronco da árvore, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB	124
Figura 64 - Família de agricultores na colheita de laranjas, Sítio das Laranjas, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB	127
Figura 65 - Vista do pátio e casa rural do Sítio Amaragi, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB	128
Figura 66 - Entrada Haras Vale Verde.....	129
Figura 67 – Vista aérea do Haras Vale Verde, Lagoa Seca-PB.	129
Figura 68 - Casa principal, Haras Vale Verde.....	129
Figura 69 – Vista aérea da Estação Ecológica Lagoa dos Canários, Lagoa Seca-PB. .	130
Figura 70 - Cachaça Talante.....	131
Figura 71 – Prateleira com Cachaça Talante comercializada em hipermercado em Campina Grande	131
Figura 72 - Sede EMATER, Lagoa Seca-PB	132
Figura 73 - Turma do Curso Técnico Agrícola da UEPB	133
Figura 74 - Artesanato de Estopa de Lagoa Seca-PB	134
Figura 75 - Bar e Restuarante e ao fundo Pedra de Santo Antônio, Fagundes - PB.....	149
Figura 76 - Inscrições rupestres na Pedra de Ingá - PB	149
Figura 77 - Vale das Pedras.....	150
Figura 78 - Pedra do Marinho, Massarambuda - PB	150

Figura 79 - Lajedo do Pai Mateus, Cabaceiras - PB	151
Figura 80 - Pousada Pai Mateus	152
Figura 81 - Venda de produtos agrícolas a turistas no Vale do Gramame, João Pessoa - PB.....	152
Figura 82 - Visão 2012.....	161
Figura 83 - Mapeamento de fontes de água subterrânea no município de Lagoa Seca - PB.....	191
Figura 84 - Mapa Rodoviário das rodovias que cortam o município de Lagoa Seca-PB	192

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem do Visitante	135
Gráfico 2 - Sexo.....	136
Gráfico 3 - Faixa Etária.....	136
Gráfico 4 - Ocupação do Turista	137
Gráfico 5 - Grau de instrução	137
Gráfico 6 - Fluxo de turistas de acordo com a motivação da viagem.....	138
Gráfico 7 - Tempo médio de permanência no local.....	138
Gráfico 8 - Transporte utilizado	139
Gráfico 9 - Hospedagem	140
Gráfico 10 - Gasto médio	140
Gráfico 11 - Freqüência média/mês de viagens a cidades do interior da Paraíba nos últimos 3 anos - Grupo João Pessoa	141
Gráfico 12 - Freqüência média/mês de viagens a cidades do interior da Paraíba nos últimos 3 anos - Grupo Campina Grande.....	142
Gráfico 13 - Destinos mais visitados - Grupo João Pessoa.....	142
Gráfico 14 - Destinos mais visitados - Grupo Campina Grande	143
Gráfico 15 - Motivação da viagem - Grupo de João Pessoa e Campina Grande	144
Gráfico 16 - Épocas de realização das viagens.....	144
Gráfico 17 - Organização da viagem	145
Gráfico 18 - Exigências mínimas de infra-estrutura.....	146
Gráfico 19 - Interesse por segmentos de turismo	147
Gráfico 20 - Atividade de interesse para o turismo rural	147
Gráfico 21 - Atrativos conhecidos em Lagoa Seca.....	148

ABREVIATURAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

ADESC-Associação de Desenvolvimento Econômico, Social e Comunitária do Almeida

AESA - Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APA - Área de Proteção Ambiental
APETUR - Associação Paraibana de Turismo Rural
AS-PTA - Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
ATRACAR - Associação de Turismo Rural e Cultural do Cariri Paraibano
BNDS - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRASIL/MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário
BRASIL/MTUR - Ministério do Turismo do Brasil
CADASTUR - Cadastro Nacional de Prestadores de Serviços Turísticos, Guias e Bacharéis em Turismo
CAGEPA - Companhia de Água e Esgotos da Paraíba
CDC - Código de Defesa do Consumidor
CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica
CENEAGE - Centro Nacional de Ensino Ambiental e Geração de Emprego
CEPAS - Centro Paroquial de Assistência Social
CNT - Conselho Nacional Turismo
CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente
CONFINS - Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social
CSLL - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido
EMARTER/PB - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba
EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo
EMEPA/PB - Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba
ENERGISA – Grupo Enersiga
ETER - Escola Técnica Redentorista
EVOT - Congregação Holística da Paraíba
FURNÊ/UNIPÊ - Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão/Centro Universitário de João Pessoa
IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias
IESP - Instituto de Ensino Superior
IPI - Imposto sobre Produtos Industrializados
IR - Imposto de Renda
LEADER II - II Programa Nacional Integral Portuguesa
MMA - Ministério do Meio Ambiente
OMT - Organização Mundial de Turismo
ONG – Organização não-governamental
PAB/PB - Programa de Apoio ao Artesanato da Paraíba
PBTUR - Empresa Paraíba de Turismo
PIB - Produto Interno Bruto
PIS/PASEP - Programa de Integração Social
PMJP - Prefeitura Municipal de João Pessoa
PNMT - Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PNT – Plano Nacional de Turismo
PRODETUR - Programa de Desenvolvimento do Turismo
PRONAF Turismo Rural - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar para o Turismo Rural
REDE TRAF - Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar
REDETUR/PB - Rede de Turismo Rural da Paraíba
RESEX - Reservas Extrativistas

RFL - Reserva Florestal
RPPN - Reserva do Patrimônio Particular Natural
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SIMPLES - Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte
SISNAMA - Sistema Nacional de Meio Ambiente
SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SUASA - Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária
TER - Turismo no Espaço Rural
UC - Unidades de Conservação
UEPB - Universidade Estadual da Paraíba
UFMG - Universidade Federal de Campina Grande
UFLA - Universidade Federal de Lavras
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
UNEP/WTO - United Nations Environment Programme/World Tourism Organization
RDC

RESUMO

O Turismo Rural é uma atividade que vem crescendo no Brasil, como meio alternativo de promover o desenvolvimento rural, através da revitalização econômica e social dos territórios rurais, da valorização dos patrimônios e produtos locais, além do importante papel que pode desempenhar na conservação do meio ambiente e na gestão da diversidade das paisagens de espaços agrários. No entanto, seu planejamento ainda é incipiente, realizado pelos municípios e pelas próprias propriedades rurais que têm interesse em desenvolvê-lo. Desta forma, com este estudo se propõe desenvolver o planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável do Turismo Rural no município de Lagoa Seca-PB, integrando premissas conservacionistas e planejamento ambiental. Para a realização do estudo adaptou-se a metodologia apresentada pelo Ministério do Turismo (2007), por meio do Programa de Regionalização do Turismo através da elaboração do inventário da oferta turística local (infra-estrutura de apoio, equipamentos, serviços e atrativos turísticos); realização do estudo do mercado turístico municipal, através do dimensionamento da demanda turística atual e futura e análise dos concorrentes; diagnosticção da situação ambiental, econômica, sócio-cultural e político-institucional para o turismo no município; levantamento dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças e, por fim, a elaboração do prognóstico do município para a atividade do turismo rural. Mediante o emprego do planejamento concluiu-se que o município de Lagoa Seca – PB reúne condições diversificadas de relevo, atividades humanas, beleza natural, existência de recursos naturais, desenvolvimento de atividades agrícolas agroecológicas, de facilidade de acesso, entre outras características que à qualifica para o desenvolvimento do Turismo Rural, e, em especial, o Agroturismo Agroecológico, como segmento do mesmo.

Palavras-chave: agroturismo; planejamento ambiental; conservação ambiental.

RESUMEN

El Turismo Rural es una actividad que viene creciendo en Brasil, como un medio alternativo de promover el desarrollo rural a través de reactivación económica y social de las zonas rurales, recuperación de los activos y de los productos locales, además de la importante función que puede desempeñar en la conservación del medio ambiente y la gestión de la diversidad de los paisajes del espacio agrarios. Sin embargo, su planificación es aún incipiente, llevada a cabo por las ciudades y por sus propias propiedades rurales que tienen un interés en su desarrollo. Por lo tanto, este estudio se propone desarrollar la planificación estratégica para el desarrollo sostenible del Turismo Rural en la ciudad de Lagoa Seca-PB, a través de la integración y conservación del medio ambiente y de la planificación ambiental. Para el estudio se busco la metodología presentada por el Ministerio de Turismo (2007), a través del Programa de Regionalización del Turismo por medio de la preparación del inventario del turismo local (apoyo a la infraestructura, equipo, y servicios y atracciones turísticas). El estudio del mercado turístico local a través del diseño de las actuales y futuras demanda turística y el análisis de los competidores locales; diagnóstico de los factores ambientales, económicos, socioculturales y político-institucional para el turismo en la ciudad, a través de la elevación de los puntos fuertes y debilidades, oportunidades y amenazas y, por último, la creación del pronóstico para la actividad de turismo rural. Así, hicemos el planeamiento e llegamos a la conclusión de que la ciudad de Lagoa Seca - PB reúne las condiciones de topografía diversa, de las actividades humanas, desde la belleza natural, la existencia de los recursos naturales, del desarrollo de las actividades agrícolas y agroecológicas, facilidad de acceso, entre otras características que reúnen condiciones para el desarrollo Turismo Rural, en especial el Agroturismo Agroecológico, como un segmento de ella.

Palabras clave: agroturismo, planificación ambiental, conservación del medio ambiente.

1. INTRODUÇÃO

Durante muitos anos o desenvolvimento rural foi identificado com o setor agrícola, mantendo estreita relação com a difusão do progresso técnico e com a eficiência dos sistemas de produção. Contudo, essas relações de produção e trabalho no meio rural passam por transformações, como a intensificação da globalização e modernização da agricultura, inviabilizando técnica e economicamente muitas das pequenas propriedades rurais (CAVACO, 2001).

Nesse processo, as atividades agropecuárias vêm enfrentando problemas, como a desagregação das formas tradicionais de articulação da produção e uma desvalorização gradativa em relação a outras atividades, levando à busca de novas fontes de renda que gerem a dinamização econômica dos territórios rurais.

Esse novo cenário produtivo no meio rural vem gerando motivação para investimentos privados e apoios governamentais, despertando grande interesse por parte dos empreendedores do campo; descobrindo a importância ambiental, principalmente, no que se refere à conservação dos recursos naturais, entre eles, os hídricos, florestais, de solo e fauna, e, realizando a manutenção da paisagem rural para a própria vida do planeta (SALVATI, 2003).

Essa situação tem propiciado a revalorização do modo de vida e o surgimento de novas funções econômicas, sociais e ambientais no espaço rural. Para Brasil/MTUR(2003) [...] “o agricultor, aos poucos, deixa de ser somente um produtor de matéria-prima e descobre a possibilidade de desenvolvimento de atividades não-agrícolas, de modo a garantir sua permanência no campo”.

Dessa forma, o Turismo Rural propicia o contato direto do consumidor com o produtor que consegue vender, além dos serviços de hospedagem, alimentação e entretenimento, produtos *in natura* (frutas, ovos, verduras) ou beneficiados (compotas, queijos, artesanato). Assim, para o MDA (2004): [...] “obtem-se melhor preço e qualidade dos produtos para o turista e maior renda para o produtor”.

O segmento do Turismo Rural contribui para a revitalização econômica e social dos territórios rurais, na valorização dos patrimônios e produtos locais, além do importante papel que pode desempenhar na conservação do meio ambiente e na gestão da diversidade das paisagens.

Contudo, para que esse tipo de turismo possa, constituir-se em um fator de desenvolvimento, são necessárias, ações de estruturação e caracterização para que essa tendência não ocorra desordenadamente, de modo a consolidar o Turismo Rural como uma opção de lazer para o turista e uma importante e viável oportunidade de renda para o empreendedor rural.

O Município de Lagoa Seca-PB reúne condições diversificadas de relevo, de atividades humanas, de beleza natural, de existência de recursos naturais, de desenvolvimento de atividades agrícolas e agroecológicas, facilidade de acesso, entre outras características que a qualificam para o desenvolvimento do Turismo Rural e em especial o Agroturismo, como um segmento do mesmo.

Contudo, desconhecemos a existência de pesquisas associando: turismo, agricultura, agroecologia, pequenas propriedades rurais, órgãos governamentais e a comunidade organizada para município de Lagoa Seca-PB.

Assim, para que o município possa desenvolver o Turismo Rural, sem risco de baixa sustentabilidade, evidencia-se a necessidade de pesquisa e um processo de planejamento estratégico que considere as potencialidades dos recursos naturais, os padrões de ocupação e uso da terra e as possíveis transformações resultantes da exploração turística. Desta forma, esse processo de planejamento deve integrar e gerenciar, coerente, os elementos físicos, econômicos, sócio-culturais, político-institucionais, técnicos e ambientais, visando à satisfação dos turistas, empreendedores, e, atores locais, além de uma preocupação constante de conservação dos recursos naturais.

Deste modo, com os resultados deste tipo de estudo é possível estabelecer uma relação entre essas ações, criando subsídios a implantação do Turismo Rural, e, em especial, do Agroturismo dentro dos princípios da sustentabilidade, favorecendo, além do aumento da produtividade, da renda do proprietário rural e conservação dos recursos naturais.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Realizar o planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável do Turismo Rural no município de Lagoa Seca-PB, integrando premissas conservacionistas e planejamento ambiental.

2.2. Objetivos Específicos

- Realizar o levantamento, identificação e registro dos Atrativos Turísticos, dos Serviços e Equipamentos Turísticos e da Infra-estrutura de Apoio ao Turismo, do município de Lagoa Seca – PB, como instrumento base de informações para fins de planejamento e gestão da atividade turística local;
- Conhecer a demanda atual e futura para melhor planejar ações no mercado turístico para o município e Lagoa Seca-PB;
- Diagnosticar a situação ambiental, econômica, sócio-cultural e político-institucional para o turismo no município, para que se possa levantar os pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças do desenvolvimento sustentável do turismo no município de Lagoa Seca – PB, sugerindo mecanismos de melhoria da qualidade;
- Elaborar o prognóstico do município para a atividade do turismo rural, apresentando uma visão futura de turismo para os gestores e comunidade local.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Turismo Responsável e Planejamento

Embora não haja uma definição única do que seja turismo, a Organização Mundial de Turismo (OMT), o define como:

As atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros (OMT, 1999).

No Brasil, Beni, conceituou turismo como sendo:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica, que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos (BENI, 2007).

Assim, entendemos que: “o turismo se caracteriza por um dos fenômenos mais significativos da época em que vivemos, atingindo proporções mundiais e influenciando definitivamente os campos político, cultural, econômico e social” (OLIVEIRA, 2002); além do ambiental. Dentro de uma conceituação mais moderna, o turismo é considerado notadamente como propulsor de desenvolvimento socioeconômico, gerador de empregos, carregador de divisas, além de multiplicador e distribuidor de renda.

Paralelamente ao crescimento econômico de sua atividade, o turismo tem procurado desenvolver-se, sobretudo, com consciência ambiental. Mesmo assim, esse tão rápido crescimento, vem gerando fortes impactos negativos, principalmente, referentes ao ambiente natural, através, conforme Dias (2003), pela: [...] “utilização intensiva dos recursos naturais sem uma preocupação com a preservação desses atrativos que formavam [e forma] a base de sustentação da atividade”.

É preciso entender que o turismo pode gerar vantagens do ponto de vista econômico, mas, pode também, implicar em degradação ambiental, perda da identidade local, entre outros possíveis impactos negativos.

Neste contexto, surge a expressão “turismo sustentável ou responsável” que passou a ser utilizada com maior frequência a partir da década de 1990, inserida dentro do contexto de

desenvolvimento sustentável dos recursos naturais e com o reconhecimento dos impactos negativos causados por sua atividade.

Para Silveira (1997): [...] “o turismo sustentável é responsável por gerar menor impacto, sendo válido como estratégia para discussão e proposição de formas concretas de promover um turismo viável e justo com base na dinâmica local e no planejamento participativo”.

Segundo a OMT:

Turismo sustentável é a atividade que satisfaz as necessidades dos turistas e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto a integridade cultural, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuros produtos turísticos sustentáveis são desenvolvidos em harmonia com o meio ambiente, com as comunidades e culturas locais, de forma que estas se convertam em permanentes beneficiários e deixem de ser espectadoras de todo o processo de desenvolvimento, (OMT, 1999).

Já para Swarbrooke:

O turismo sustentável vem satisfazer as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sendo uma atividade economicamente viável, preservando recursos dos quais o turismo necessita para as gerações futuras, como o meio ambiente e a comunidade local, (SWARBROOKE, 2000).

O que podemos perceber nas definições apresentadas é que essa relação entre o meio ambiente, o progresso humano e turismo deve atender às necessidades da humanidade, não comprometendo o desenvolvimento das gerações futuras.

A discussão sobre o desenvolvimento da atividade turística, também deve ter um caráter interdisciplinar, incorporando novos elementos, ciências e novas óticas de percepção da atividade.

Deste modo, a United Nations Environment Programme/World Tourism Organization (UNEP/WTO, 2005), recomendou para o planejamento em turismo sustentável através da:

a) Otimização do uso dos recursos ambientais, que constituem o elemento-chave para o desenvolvimento turístico, com a manutenção dos processos ecológicos e apoio à conservação dos recursos renováveis e da biodiversidade;

b) Respeito à autenticidade sócio-cultural das comunidades dos destinos, com o compromisso de conservação de seu patrimônio construído e seu estilo de vida e valores tradicionais, e fortalecimento da compreensão intercultural e tolerância;

c) Garantia de operações econômicas viáveis, de longo prazo, com a geração de benefícios socioeconômicos para todos os atores envolvidos, incluindo emprego estável e oportunidades de ganhos e serviços sociais às comunidades de destino, de maneira a contribuir para alívio à pobreza.

Assim, entendemos que o turismo, quando planejado e executado dentro dos princípios conceituais da sustentabilidade, fortalece a cultura local e regional preservando a identidade social, fomentando a diversidade cultural das comunidades, grupos e regiões, com elevação da auto-estima dos indivíduos/cidadãos.

As dimensões da sustentabilidade aplicáveis ao desenvolvimento turístico sustentável sugerem os seguintes princípios:

- **Sustentabilidade ecológica:** assegura que o desenvolvimento seja compatível com a manutenção dos processos ecológicos essenciais, diversidade biológica e recursos biológicos. As atividades turísticas devem ser desenvolvidas respeitando os limites dos ambientes envolvidos, com mínimos danos aos ecossistemas;
- **Sustentabilidade social:** as atividades turísticas devem contribuir para distribuição mais igualitária dos benefícios e da renda, reduzindo as desigualdades de padrões de vida e a segregação sócio-espacial, promovendo o exercício de verdadeira cidadania;
- **Sustentabilidade cultural:** assegura que o desenvolvimento e o controle das pessoas sobre suas próprias vidas sejam compatíveis com a cultura e com os valores das pessoas atingidas pelo desenvolvimento, aumentando e fortalecendo a identidade cultural da comunidade;
- **Sustentabilidade econômica:** assegura que o desenvolvimento seja economicamente eficiente, incentivando o fluxo contínuo de investimentos, e que os recursos sejam geridos de forma que suportem (ZIMMERMAN, 1998).

A discussão da sustentabilidade se consolida como um tema central da atualidade, nas discussões do fenômeno turístico, passando a incorporar à visão dessas dimensões em seu planejamento como um mecanismo para inclusão e transformação social, implicando-se, segundo Irving (2002) em **ampla reflexão ética**.

O turismo responsável deve ser, então, compreendido com um processo que devemos atingir e não como o próprio fim. Assim, a melhor maneira de iniciarmos este é através de seu planejamento, antevendo os problema e as dificuldades e propondo as soluções. Para Oliveira (2002), [...] “é a maneira de considerar diversas alternativas e identificar qual a mais adequada a ser implantada em determinada situação”.

Para materializar o planejamento, é usual a elaboração de projetos, que quando bem elaborados, tornam-se uma importante ferramenta de trabalho, otimizando recursos e minimizando erros, de forma a centralizar diversas informações em um único local.

Para este autor:

Um projeto de formatação de produto turístico, por exemplo, valorizará mais determinadas informações e deverá ser apresentado de uma maneira, enquanto que um estudo de mercado e análise de viabilidade de outro empreendimento turístico enfocará outras possibilidades, e resultará em material bem diferente do primeiro. No entanto, em nenhum deles o conteúdo deve ser extremamente rígido. Pelo contrário, o projeto deve ser adaptável às condições reais e permitir que alterações sejam feitas, sem o comprometimento do objetivo geral (OLIVEIRA, 2002).

O autor ainda enfatiza que nos projetos, em determinada situação, sua maior virtude é mostrar a própria inviabilidade, ou seja, através dos estudos realizados para a sua elaboração pode ser diagnosticado que, de alguma forma, a implantação de tal plano seria inviável economicamente, ou causaria algum impacto ambiental, ou outra situação que poderia acarretar grandes problemas no futuro.

Segundo o Ministério do Turismo (através do Programa de Regionalização do Turismo, proposto pelo PNT – Plano Nacional de Turismo) quando tratamos de planejamento para o desenvolvimento sustentável do turismo, o processo deve envolver as seguintes etapas (BRASIL/MTUR, 2007a):

- **Análise situacional da região/município para a atividade do turismo, através da:**
 - **Elaboração ou resgate do inventário da oferta turística;**
 - **Estudo do mercado turístico:**
 - Dimensionamento da demanda turística atual e futura;
 - Análise de mercado.
 - **Diagnóstico situacional da região/município, através do:**
 - Levantamento dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças da atividade turística da região/município.

- **Elaboração do plano de estratégico de desenvolvimento turístico, através da:**
 - **Elaboração do prognóstico:**
 - Definir claramente que objetivos se pretende alcançar no futuro;
 - Estabelecer as metas que se pretende atingir;
 - Estabelecer estratégias distintas para atingir esses objetivos;
 - Definir, para cada objetivo, uma estratégia, entre as escolhidas, para uma análise mais detalhada de viabilidade;
 - Avaliar e escolher a melhor maneira de realizar a estratégia proposta, na forma de uma tarefa a ser realizada.

Ainda que apresentadas de forma didática, as fases, na prática, do processo não é tão esquemático. As etapas são consecutivas, mas também existe sobreposição em alguns momentos, principalmente, quando o planejador já possui experiência e consegue prever alguns resultados.

3.1.1. Análise das etapas do planejamento

- **Análise situacional da região/município turístico**
 - **Elaboração ou resgate do inventário da oferta turística**

Para Oliveira:

O inventário é uma das tarefas mais trabalhosas e demoradas do projeto, mas é também muito importante por ser a base de todas as etapas posteriores. É no inventário que as informações sobre a propriedade e região de entorno deverão ser levantadas para serem trabalhadas. Por ser um processo muito meticuloso, deve ser estruturado de forma a evitar o trabalho de busca por informações supérfluas e, ao mesmo tempo, evitar que informações importantes sejam esquecidas ou abandonadas (OLIVEIRA, 2002).

Para Brasil/MTUR(2007c), o inventário como processo de levantamento, identificação e registro dos atrativos turísticos, dos serviços e equipamentos turísticos e da infra-estrutura de apoio ao turismo divide-se no levantamento ou resgate das informações referentes aos:

- Atrativos turísticos são elementos naturais e culturais com força potencial de atração de turistas, cujo valor reside em características objetivas e subjetivas que lhes conferem autenticidade, genuinidade, diferenciação e sustentabilidade;
- Serviços e equipamentos turísticos são aqueles relacionados aos serviços de operação e agenciamento; transporte; hospedagem; alimentação; recepção; recreação e entretenimento; eventos e outras atividades complementares relacionadas ao turismo;
- Serviços de infra-estrutura são serviços básicos de uma cidade ou de uma localidade, ou seja, são aqueles relacionados a transportes, segurança limpeza, além, é claro, daqueles que dependem da existência de redes de esgoto, energia elétrica, abastecimento de água, rede telefônica etc.

- **Estudo de Mercado**

O estudo de mercado é a base de qualquer planejamento turístico, tornando-se indispensável conhecer a imagem do produto perante o consumidor e as tendências de demanda, tanto real ou atual, como potencial ou futura.

Também, são fundamentais para se verificar, se as idéias manifestadas no Prognóstico, condizem com alguma possibilidade de interesse do consumidor, ou, por outro lado, se já existem empreendimentos similares no mercado, com sucesso ou fracasso.

Segundo Oliveira (2002), o estudo basicamente ampara-se: [...]” na análise da demanda, feita por meio de pesquisas em dados estatísticos, projeções e outras fontes bibliográficas, como também por intermédio de questionários e entrevistas com o público-

alvo”. Este pode ser denominado real se já frequenta a região, ou potencial, se, embora tenha condições, não vai até o local/região em questão.

Por demanda turística o Ministério do Turismo entende que: “é o interesse que os turistas demonstram pelos atrativos e pelos locais de uma determinada região (BRASIL/MTUR, 2007c)”. Portanto, saber se há muita ou pouca procura pelos atrativos e pelos locais interessantes de uma região, ou seja, conhecer o perfil da demanda turística é essencial para se traçar, no futuro, o prognóstico para a região turística.

A demanda turística pode ser influenciada por inúmeros fatores, aumentando ou reduzindo o número de turistas no local. Entre esses fatores, podem ser citados:

- Efetividade da propaganda e do marketing;
- Distância dos grandes centros;
- Qualidade dos serviços;
- Interesse despertado pela oferta turística (singularidade e/ou representatividade);
- Custos;
- Condições de estabilidade política;
- Nível de segurança;
- Sazonalidade, entre outros.

O estudo da demanda turística é imprescindível antes que qualquer investimento seja feito. Para tanto, nesse passo, devem ser estudados, entre outros, o:

- Fluxo de turistas;
- Áreas de procedência dos turistas;
- Meios de transporte utilizados e a frequência de cada um;
- Tipo de alojamento mais procurado;
- Perfil do turista: tempo médio de permanência no local; características socioeconômicas, gasto médio, nível de satisfação do turista e suas preferências etc.;
- Observação da concorrência, diagnosticando o que já é feito, de que forma e para quem. Esta é uma análise interessante por ter custo inferior ao primeiro caso e, desde que bem desenvolvida, a informação fornecer dados atuais e extremamente relacionados com o mercado.

A análise da concorrência consiste em reunir e analisar o máximo de informações possível sobre os territórios concorrentes existentes e potenciais. Esta iniciativa supõe, naturalmente, um conhecimento preciso dos seus próprios produtos turísticos.

A análise da concorrência não deve conduzir à criação de rivalidades, mas permitir, ao contrário, perceber melhor a sua posição no mercado.

- **Diagnóstico situacional da região/município**

- **Levantamento dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças da atividade turística da região/município**

Segundo o II Programa Nacional Integral Portuguesa (LEADER II) (2002): “o diagnóstico consiste antes de mais em confrontar as análises da oferta, da procura, da concorrência e das tendências”.

Para Oliveira (2002): [...] “muitas metodologias são adotadas para sua elaboração, mas sugere-se a utilização da análise FOFA, ou seja, Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Ameaças”.

A metodologia é uma ferramenta para estabelecer o nível do desenvolvimento turístico em que se encontram as localidades, analisando os pontos fracos e fortes, as fraquezas e oportunidades destes locais. Assim temos:

- A força está relacionada com as características do presente, e normalmente encontram-se na própria área estuda;
- A fragilidade também está relacionada com as características do presente, e normalmente encontram-se na própria área estuda;
- As oportunidades estão relacionadas com possibilidades positivas futuras, ou identificadas externamente à área estudada;
- As ameaças estão relacionadas com possibilidades negativas futuras, ou identificadas externamente à área estudada.

Posteriormente, deve-se fazer uma análise cruzada entre Forças x Oportunidades, na busca da capitalização para promover o desenvolvimento mais rápido e consolidação do turismo. Os campos mais acessíveis e ambientes mais preparados para receber a atividade e adquire prioridade um; e, Fraquezas x Ameaças, na busca da sobrevivência do destino no cenário turístico, procurando eliminar ou minimizar ao máximo as fragilidades e monitorar as ameaças. Precisando de interferência com urgência, tem prioridade zero.

- **Elaboração do plano de estratégico de desenvolvimento turístico**
 - **Elaboração do prognóstico**

Nesta fase serão traçados o que será idealizado e os objetivos de desenvolvimento regional manifestados pelos atores locais envolvidos, assim como as metas, estratégias e projetos específicos necessários para o desenvolvimento da atividade turística na região.

Assim, é importante o estabelecimento de uma visão de futuro, na qual o conjunto de dados e informações obtidos a partir da análise situacional representa os diferentes cenários criados nessa projeção de futuro. Em outras palavras, podemos dizer que o prognóstico é a etapa que permite antever como um problema atual será solucionado ou como se fará o encaminhamento de uma questão para chegar a um resultado esperado, no futuro” (BRASIL/MTUR, 2007c).

Deste modo, segundo o BRASIL/MTUR, temos que:

O prognóstico traçado nessa etapa, com base em tudo aquilo que é conhecido no presente, somado às expectativas dos envolvidos, às oportunidades e potencialidades levantadas, e às restrições e riscos que poderão influenciar o Plano ou o projeto, indica aquilo que pode ser esperado no futuro, a médio e longo prazo. A formulação do prognóstico representa o momento de tomada de decisão tanto sobre “o que fazer”, como sobre “o como fazer” (BRASIL/MTUR, 2007).

3.2. Conservação Ambiental e Turismo

Segundo Beni (2007): [...] “a ação do homem sobre o meio ambiente tem provocado a perda da qualidade dos recursos naturais em muitos ecossistemas, [...] por vezes, irreversíveis”.

Podemos citar, dentre essas ações a: contaminação das águas, por despejos domésticos; atmosféricos, por gases da combustão dos automóveis e queima de lixo; e, solo, por pesticidas e águas de irrigações contaminadas.

A conservação desses recursos é fundamental, pois têm seu valor, na medida em que, são úteis para a satisfação das necessidades, e que segundo Beni (2007): [...] “não usá-los faz que percam sua qualidade de recursos. Elas os situam como elementos naturais, estáticos e não-participantes na dinâmica de desenvolvimento e satisfação de necessidades”.

Assim, para que sejam conservados, protegidos e/ou utilizados, a Comissão Internacional de Parques Nacionais e Áreas Protegidas da União Internacional de Conservação da Natureza e seus Recursos Naturais apresenta a tipologia às reservas espaciais ou unidades de conservação ambiental e áreas correlatas. São elas: área especial de interesse turístico; área de interesse especial; área natural tombada; área de proteção ambiental; área de

relevante interesse ecológico; área de proteção especial; estação ecológica; estação experimental; estância; estrada-parque; floresta estadual; floresta estadual; floresta nacional; floresta protetora; local de interesse turístico; monumento cultural; monumento natural; parque de caça; parque estadual; parque nacional; parque natural; refugio da vida silvestre; reserva biológica; reserva da biosfera; reserva ecológica; reserva estadual; reserva de fauna; reserva florestal; reserva indígena; reserva federal; reserva do patrimônio mundial; rio cênico e viveiro florestal.

No Brasil o órgão oficial para assuntos ecológicos é o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Contudo, apesar da preocupação da Comissão e do IBAMA, acreditamos que, para afluência turística em unidades de conservação, necessita-se de:

- Acordos e parcerias com outros órgãos que atuam direta ou indiretamente na conservação dos recursos turísticos naturais, tais como: Ministério do Turismo e Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal;
- Uma maior atenção, principalmente, em relação à melhor infra-estrutura para se tornarem pólos de atração turística, conhecidos pela população, e destes, os que os usufruem para o turismo, tenham suas atividades baseadas na educação ambiental, cultura, hábitos e costumes locais, minimizando os impactos provocados em suas visitas;
- Preocupação com um sistema de turismo sustentável através da Educação Ambiental, capacidade profissional, estudo de impacto ambiental, capacidade de carga, plano de manejo e controle ambiental.

Assim, para a conservação dos recursos naturais, que também são turísticos, exige-se a aplicação destes, mediante uma estratégia de planejamento com base em planos, projetos, programas e atividades harmônicas com sua quantidade e qualidade; preservação, salvoguardando aqueles recursos que estão em risco de extinção; restauração, corrigindo os erros em ecossistemas alterados; maximização, com o aproveitamento total de um recurso, evitando o desperdício; reutilização, utilizando os recursos tantas vezes quanto possível; substituição utilizando outros recursos ao invés dos em via de extinção; e, uso integral, através da satisfação de diferentes necessidades mediante um só recurso, isto é, o **uso múltiplo**.

Todas essas preocupações evitam, que os turistas, empresários, prestadores de serviços, atividades primárias e indústrias ao setor público, que, por não aplicar sanções e/ou não elaborar uma legislação ideal para o controle ambiental, aprofunda a degradação de ecossistemas com atrativos naturais (BENI, 2007).

3.3. Impactos e turismo

Outro ponto, bastante importante quando tratamos de turismo sustentável/responsável é a avaliação dos impactos positivos e negativos que a atividade promove com seu desenvolvimento.

Segundo Lage e Milone:

[...] todo processo de produção gera impactos no meio e, apesar de toda a grandiosidade que a atividade turística propicia, ela apresenta efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais múltiplos. Portanto, seus resultados não serão equivalentes em todas as partes e para todas as pessoas envolvidas (LAGE; MILONE, 1999).

Embora existam vários conceitos de impacto ambiental e que eles são referênciais para melhor compreensão do assunto, trazemos aqui aquele referendado pela Resolução n. 001 do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA), de 21 de Janeiro de 1986:

[...] é qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas, que direta ou indiretamente, afetam: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; a qualidade dos recursos ambientais (CONAMA, 1986).

Os impactos podem não serem relevantes em alguns casos, mas em outros “comprometem as condições de vida ou a atratividade das localidades turísticas” (RUSCHMANN, 1999). Assim, apresentaremos os impactos positivos e negativos causados pelo desenvolvimento do turismo.

3.3.1. Impactos Ambientais

3.3.1.1. Positivos

Para que tenhamos a compreensão da relação entre meio ambiente e turismo, é necessário que se estimule nos indivíduos (tanto os turistas quanto os membros da comunidade receptora) a capacidade de perceber o ambiente que os cerca. A compreensão do meio ambiente pode levar a ações transformadoras, mas para que isso ocorra é necessária a participação ativa de todos, e não só a observação passiva do que está acontecendo (FONTELES, 2004).

Há diversas maneiras de o turismo contribuir para a conservação e a proteção do meio ambiente e gerar impactos positivos, tais como (BRASIL/MTUR, 2007b):

- Aumento no investimento para conservação e manutenção do ambiente visitado, por meio de contribuições financeiras diretas, resultantes da venda de serviços, da compra de ingressos em parques ou do pagamento de taxas ambientais em determinados destinos, com uma parte dos recursos arrecadados investidos na conservação e manutenção do ambiente visitado;

- Melhoria das condições ambientais do destino, aliada à melhoria da infraestrutura básica da localidade, como os sistemas de saneamento, de transporte (estradas de acesso etc.), de comunicações, de saúde, paisagismo da área urbana (praças, calçadas etc.), trazendo benefícios para a população local, através dos recursos para efetivar essas melhorias podendo vir por meio de contribuições financeiras indiretas, como o pagamento de impostos, por meio do recebimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) e Prestação de Serviços Ecológico, por meio de empréstimos diretamente vinculados à vocação turística da localidade, como, por exemplo, por meio de programas do Governo Federal como o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) e o Programa de Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal (PROECOTUR);

- Geração de emprego e renda. Em áreas naturais, as oportunidades que o turismo oferece podem ajudar a diminuir a pressão sobre o uso não sustentável e, às vezes, ilícito dos recursos naturais, o que ameaça a integridade das Unidades de Conservação (UC) do país. O turismo produz impactos em diversos segmentos da economia, empregando em sua cadeia desde mão-de-obra mais qualificada, em áreas que se utilizam de alta tecnologia (como transportes e comunicação), até a de menor qualificação, tanto no mercado formal quanto no informal. São várias as oportunidades de ganho para as comunidades que vivem no entorno das UCs. Como exemplo, pode-se citar a confecção e a venda de artesanato, o fornecimento de alimentos para hotéis e restaurantes por meio da agricultura familiar, a venda direta de produtos da terra ou doces feitos de forma artesanal, a disponibilização de animais de montaria para o turismo eqüestre ou Turismo Rural, entre outros;

- Escolha e uso eficiente de tecnologias ambientalmente saudáveis, que não degradem o ambiente, e de fontes limpas de energia que poderão ser adotadas, a partir da conscientização do poder público, iniciativa privada, sociedade civil e terceiro setor, sobre os seus benefícios;

- Conservação, preservação, proteção e recuperação dos ambientes naturais. O turismo pode agregar valor às áreas naturais, principalmente às Unidades de Conservação, como parques e reservas particulares, na medida em que esses ambientes são cada vez mais

procurados pelos turistas. O poder público local e os empresários do setor tendem a investir em medidas de conservação, a fim de manter a qualidade e conseqüente atratividade dos destinos. Com uma visitação organizada e controlada, é possível utilizar de maneira sustentável as áreas naturais mais preservadas. Além disso, o turismo pode induzir ou estimular a recuperação de áreas degradadas, uma vez que a qualidade ambiental da área está se tornando pré-requisito para a escolha do local pelo turista;

- Sensibilização dos turistas para as questões ambientais, ampliando sua percepção da realidade e contribuindo para conservação e proteção do ambiente visitado (responsabilidade compartilhada). Quanto ao poder público local, a iniciativa privada, a sociedade civil e o terceiro setor, a percepção de que a competitividade do destino está diretamente ligada à sua qualidade ambiental pode também operar mudanças e postura em relação aos cuidados com o meio ambiente.

Para Netto e Trigo:

[...] O rápido crescimento do turismo nas últimas décadas continuará em altas taxas e provocará uma crescente, intensa e constante pressão nos espaços naturais e rurais de uso turístico e sobre os atrativos históricos e culturais, pois estes são motivos de forte demanda e a base das políticas nacionais de desenvolvimento turístico (NETTO; TRIGO, 2003).

3.3.1.2. Negativos

O contato com a natureza é uma das maiores motivações das viagens de lazer, mas o turismo e o meio ambiente não têm se caracterizado por um relacionamento harmonioso, na medida em que reproduzem a lógica capitalista nas relações de produção e consumo, ou seja, prevalece o princípio da externalidade, principalmente, por parte do produtor ou do consumidor, os quais buscam respectivamente, economia de escala ou acumulação de vantagens.

Contudo, o consumidor final do turismo, o turista, também tem seu papel, não menos importante, nessa relação não-harmoniosa, como afirma Ruschmann dizendo que:

[...] em quase todas as destinações turísticas tem-se constatado a falta de 'cultura turística' das pessoas que viajam, o que faz que se comportem de forma alienada em relação ao meio em que visitam, acreditando não terem nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações. Entendem que seu tempo livre é 'sagrado', que tem direito ao uso daquilo pelo que pagaram e, permanecendo pouco tempo (individualmente), julgam-no insuficiente para serem responsabilizados pelas agressões ao meio ambiente (RUSCHMANN, 1999)

Segundo Lemos (2005), entre os impactos ambientais negativos do turismo, podemos citar:

- Ampliação da demanda pelos recursos naturais disponíveis, que pode gerar competição com a população local pelo uso dos recursos e a conseqüente degradação destes, devido ao uso excessivo ou inadequado. Como exemplo, pode-se citar o caso da falta de água em determinadas localidades nas épocas de alta temporada, ou o caso do turismo de pesca em alguns destinos, quando os barcos dos turistas competem com as canoas dos pescadores artesanais locais. Nesse último caso, podem ser muitas as conseqüências:
 - Diminuição dos estoques de pescados disponíveis, com alteração no equilíbrio do ambiente natural, indução da comunidade local a procurar outro tipo de recurso natural para a sua sobrevivência, etc. É válido destacar que a ampliação da demanda pelos recursos naturais disponíveis pode se caracterizar como um impacto positivo ou negativo, dependendo da forma como a atividade turística for conduzida;
- Poluição em todas as suas formas: o turismo pode causar poluição de diversas maneiras. Vejamos alguns exemplos:
 - Emissão de gases nocivos a camada de ozônio, contribuindo para o aquecimento global, causados pelos meios de transporte;
 - Lançamento de óleo na água, por lanchas, iates, barcos e navios;
 - Poluição sonora, pela utilização de aparelhos de som, excesso de pessoas visitando uma área natural sem se preocuparem com o barulho que emitem;
 - Excesso de produção e destinação inadequada do lixo, que muitas vezes é encaminhado para lixões a céu aberto, além do lixo jogado pelos turistas, que degrada a paisagem e a qualidade de vida da comunidade local.
- Inexistência de saneamento básico, que tem como conseqüência a descarga de esgoto diretamente na água. Além do impacto na biodiversidade (peixes, corais, plantas aquáticas etc.), que é mais difícil de ser notado, há o impacto na paisagem, com mudanças na coloração da água e odores desagradáveis, descarga de substâncias tóxicas e não degradáveis etc;
- Uso excessivo dos recursos: acontece quando o nível de uso dos recursos pelo turista ultrapassa a capacidade do ambiente de se recompor. Nesse caso, a capacidade de suporte do atrativo foi ignorada, preferindo-se dar prioridade aos apelos da demanda. Como exemplo, pode-se citar o número elevado de turistas que visitam ao mesmo tempo um atrativo natural frágil (como uma lagoa dentro de uma caverna), degradando o atrativo até a sua descaracterização. Isso pode acontecer também com atrativos culturais;

- Uso inadequado do solo: desmatamento, erosão e interferência na paisagem. Um exemplo muito comum é a retirada da mata ciliar para a instalação de equipamentos turísticos, fato que, além de desrespeitar a lei, causa erosão e o conseqüente assoreamento dos corpos d'água, interferindo na paisagem e na qualidade ambiental do local;
- Ancoragem e posterior pisoteamento e quebra de corais, resultado de atividades aquáticas (como mergulho, caça submarina, etc.) em ambientes marinhos e lacustres frágeis;
- Mudança de comportamento da fauna silvestre, como resultado da aproximação dos turistas, trazendo como conseqüência mudanças no equilíbrio do ecossistema. Como exemplo, pode-se citar a alimentação inadequada dos animais silvestres fornecida pelos turistas ou mesmo pelos empreendedores do turismo, como forma de atrair a fauna local para perto das máquinas fotográficas dos seus clientes, gerando mudanças de comportamento dos animais que podem, inclusive, tornarem-se agressivos na busca pelo alimento fácil;
- Degradação e ocultação da paisagem, como resultado da inadequação da infraestrutura turística (por exemplo, gigantescos empreendimentos hoteleiros, que freqüentemente contrastam com a arquitetura local, e a mistura de estilos de construção, que descaracterizam a paisagem);
 - Desenvolvimento além do esperado, aglomeração e congestionamento;
 - Falta de estudos, fiscalização e monitoramento da capacidade de suporte:
 - O desrespeito à capacidade de suporte em áreas naturais, de equipamentos e atrativos, que pode gerar desconforto para a comunidade receptora e para o turista, com redução da qualidade da experiência, destruição da vegetação, erosão em trilhas, comprometimento das fontes de água potável e das fontes de água para recreação, entre outros problemas;
 - Vandalismo, que pode causar a degradação das estruturas e dos equipamentos turísticos. Além disso, pode causar a perda irreparável de recursos naturais, históricos e culturais. Um exemplo clássico é a coleta, pelos turistas, de lembranças do ambiente visitado, como pedaços de rochas com inscrições rupestres, plantas, flores etc.

3.3.2. Sociocultural

3.3.2.1. Positivos

A qualidade da atividade turística depende, não só dos atrativos principais oferecidos no local, mas também, de uma série de itens de infra-estrutura e serviços disponíveis. Normalmente, o turismo traz consigo melhoria nas condições sociais e sanitárias da região em que se desenvolve, pois os turistas dão prioridade aos aspectos relacionados ao bom atendimento, saúde e higiene.

Essa melhoria costuma se estender, também, a outros setores, como aponta, Brasil/MTUR, 2007b):

- Saneamento básico, iluminação pública, coleta de lixo, melhoria nas comunicações e nos transportes, aumento da profissionalização e do nível educacional, rede de serviços financeiros, etc. Tudo isso, pode significar melhoria na qualidade de vida dos moradores;

Por outro lado, o turismo pode ajudar a estimular o interesse dos moradores por sua própria cultura, suas tradições, costumes e patrimônio histórico, uma vez que os elementos culturais de valor para os turistas são recuperados e conservados, para que possa ser incluídos na atividade turística. Esse despertar cultural pode constituir uma experiência positiva para os moradores, dando-lhes certa conscientização sobre a continuidade histórica e cultural de sua comunidade que, por sua vez, podem se tornar aspectos que potencializem a atratividade do lugar. Dessa forma, o turismo contribui para:

- Valorização do artesanato – o interesse dos turistas pode revitalizar técnicas de artesanatos quase extintos, como a cerâmica marajoara e artigos de palhas e vimes em regiões brasileiras;
- Valorização da herança cultural - manifestada no teatro, música, danças e até na gastronomia;
- Orgulho étnico – canções, danças e músicas folclóricas passam a ser executadas, deixando de caracterizar sinal de ignorância e condição social inferior;
- Valorização e preservação do patrimônio histórico – que passam a receber atenção do governo ou instituições privadas para restauração e conservação.

O turismo pode ser ainda um fator de aceleração de mudanças sociais positivas na comunidade, em termos de maior tolerância e bem-estar. Os impactos socioculturais da atividade turística podem ser benéficos quando entusiasma os moradores a buscar e

trabalhar por melhorias, ou seja, melhorar a qualidade de vida e fomentar os valores ligados à igualdade. Por exemplo, “os postos de trabalho proporcionados pela atividade turística têm permitido maior mobilidade na escala social em comunidades muito hierarquizadas” (BRASIL/MTUR, 2007b).

Por último, outro impacto benéfico que o turismo pode oferecer é o intercâmbio cultural entre moradores das regiões receptoras e visitantes. Esse tipo de experiência incide diretamente sobre a percepção do visitante em direção a outras culturas e maneiras de viver, aumentando a compreensão e o respeito às diferenças.

3.3.2.2. Negativos

Podemos citar alguns impactos desfavoráveis ao turismo em suas relações sócio-culturais, tais como a:

- Descaracterização do artesanato – produção voltada para o turista, descaracterizando a função utilitária dos objetos para transformá-los em itens de decoração;
- Limitação de atividades tradicionais que utilizam recursos naturais de maneira artesanal, como a pesca;
- Comercialização das manifestações tradicionais - as cerimônias tradicionais, os festivais e os costumes são apresentados como shows, com a possibilidade da perda da identidade do sentido real das festividades pela população nativa;
- Destruição do patrimônio histórico – o acesso de turistas em massa pode comprometer as estruturas de bens históricos, tanto pela circulação excessiva de pessoas como também pelas ações de vandalismo;
- Ocorrência do uso indiscriminado do álcool e de drogas e o favorecimento da prostituição;
- Êxodo Rural (Ruchmann, 1999).

Na atuação do turismo em áreas rurais, Bricalli, constatou ainda que:

[...] os agricultores familiares que passam a receber turistas não têm mais tempo livre para seu próprio lazer e de sua família, haja vista que a visita ocorre majoritariamente, nos fins de semana e feriados, enquanto os dias da semana são ocupados com as atividades agrícolas e com a preparação da propriedade para a recepção dos turistas (BRICALLI, 2005).

3.3.3. Econômico

3.3.3.1. Positivos

O turismo é capaz de gerar um número expressivo de repercussões nas localidades onde a atividade é introduzida ou ampliada. Um grande número de impactos econômicos positivos pode ser gerado com o desenvolvimento da atividade turística.

Os principais impactos positivos do turismo na economia são:

- A contribuição do turismo para o equilíbrio da balança de pagamentos;
- Contribuição do turismo ao PIB - Produto Interno Bruto;

- Contribuição do turismo para a criação de empregos;
- O turismo como motor da atividade empresarial;
- Contribuição da atividade turística para o aumento e a distribuição da renda (OMT, 2003)

Assim, o turismo repercute tremendamente na economia dos países e das regiões nas quais se desenvolve, ainda que sua importância tenha intensidades diferentes conforme o dinamismo e a diversificação da economia, melhor dizendo, seja a economia local, regional ou nacional.

Os defensores do desenvolvimento da atividade turística argumentam que o turismo não só contribui com divisas, como, também, suaviza o problema do desemprego e, em longo prazo, pode fornecer um substituto das exportações tradicionais.

3.3.3.2. Negativos

Da mesma forma que possui um elevado número de benefícios econômicos, a atividade turística também traz consigo problemas que podem ser graves, em consequência da ineficiência do planejamento turístico e da gestão pública inadequada.

O desenvolvimento da atividade turística leva atrelado, como qualquer outra via de desenvolvimento, alguns custos que devem ser considerados ao mesmo tempo em que os benefícios para poder avaliar corretamente os impactos econômicos do turismo sobre um destino.

Assim pontuamos os seguintes impactos negativos na economia do turismo:

- Custos de oportunidade;
- Custos derivados das flutuações da demanda turística;
- Possível inflação derivada da atividade turística;
- Perda de benefícios econômicos potenciais;
- Distorções na economia local (OMT, 2003).

3.3.4. Político-institucional

3.3.4.1. Positivos

Quando desenvolvida com planejamento e seguindo os princípios da sustentabilidade político-institucional, a atividade turística pode contribuir segundo, Brasil/MTUR(2007b) com os seguintes impactos positivos:

- Novo relacionamento entre setor público e privado;
- Fomento à participação social;
- Transparência na gestão pública e privada;
- Continuidade das políticas públicas.

3.3.4.2. Negativos

Ao contrário do que vimos no item anterior, o turismo pode se desenvolver de forma desordenada e sem planejamento, não levando em consideração os princípios da sustentabilidade político-institucional, podendo contribuir para que alguns impactos negativos sejam criados ou agravados numa localidade.

Podemos citar alguns desses impactos como:

- Insegurança institucional;
- Cultura de desagregação;
- Falta de participação do setor privado;
- Falta de participação da sociedade civil (Brasil/MTUR, 2007b)

3.4. A Paisagem como Recurso para o Turismo

Rocha (1995) considera: “a paisagem como o produto do acúmulo da interação dos fatores geológicos, geomorfológicos, bióticos e antrópicos através dos tempos”.

Para Rodrigues (2000): “a paisagem se apresenta como um processo dinâmico, e não estático”, processo esse que Ignácio et al., citados por Pires (1998), interpretam como: “o resultado da interação e mútua dependência das ações climáticas, físico-químicas, biológicas e antrópicas ao longo dos tempos, compondo um conjunto único e indissolúvel que se encontra em permanente evolução”.

Mendes descreve a paisagem como:

[...] uma porção do território apreendida pelo observador, na qual se inscrevem combinações de fatos e de interações das quais, em determinado momento, apenas se percebe o resultado global”. Assim, percebemos que a paisagem expressa os diversos recursos naturais existentes numa determinada área, relacionados com a interação do ser humano, num sistema dinâmico em constante mutação (MENDES, 2004).

Dentro desse contexto, segundo Seger (2006): [...] pode-se considerar que existe um número infinito de paisagens em constante processo de transformação, moldadas tanto por agentes naturais quanto pela ação humana e que podem ser concebidas de diferentes formas, segundo a percepção de cada pessoa.

A paisagem, segundo Alonso apud Seger, pode ser agrupados em três grandes grupos:

a) Físicos: no qual se enquadram o relevo e a superfície do solo, presença de formações rochosas, água (lagos, rios, córregos e cachoeiras), neve, geada, neblina, etc. Entre todos, o relevo é o que se destaca, podendo ser considerado como principal componente, pois, além de ser a base onde os demais componentes se assentam, também exerce uma forte influência sobre a percepção da paisagem. A

água também é um componente que tem importante papel na formação de uma paisagem, sendo que sua presença não só dá um toque diferenciado, mas também se constitui geralmente no principal atrativo para as pessoas;

b) Bióticos: compostos pela vegetação (nativa ou cultivada) em diferentes estratificações, a fauna (silvestre e doméstica) e também os fungos. A vegetação exerce grande influência na caracterização da paisagem visível, sendo que raramente a sua percepção se dá de forma individualizada (há casos em que um indivíduo arbóreo pode se destacar dos demais), mas sim, de todo um conjunto fisionômico e estrutural.

Já a fauna, por ser um componente que apresenta a particularidade da mobilidade e, dependendo do ambiente, pode até ficar “camuflada” entre a vegetação, pode muitas vezes não ser percebida pela maioria dos observadores;

c) Antrópicos: representados por estruturas oriundas da ação humana, que podem ser pontuais, extensivas ou lineares. A interferência humana na transformação e/ou criação de novas paisagens tem sido grande, a ponto de em determinados países praticamente, não mais serem mais observadas paisagens estritamente naturais. Dentre as principais atividades antrópicas transformadoras ou criadoras de paisagens destacam-se: agricultura, pecuária, urbanização, indústria, turismo e atividades desportivas (Alonso apud Seger, 2006).

Para Pires (1998): [...] “esses componentes podem adquirir pesos específicos e distintos no conjunto, quando se sobressaem por sua singularidade, raridade, valor estético, interesse histórico, etc., ou quando dominam totalmente a cena”.

Somam-se ainda para a composição da paisagem as condições atmosféricas e do céu (aberto, nublado, seminublado, etc.), que geralmente exercem influência na percepção das pessoas em relação aos demais componentes das paisagens, além do aspecto visual, também sons e odores são considerados por esse autor como componentes estéticos (SEGER, 2006). Nesse caso, tanto a percepção como a apreciação acontecem de forma bastante subjetiva.

Na escolha de uma viagem o turista, leve em consideração a paisagem como um item influência na escolha de seu destino, pois, ao viajar, o turista busca lugares que revelem belas paisagens, o que constitui importante atrativo.

Cruz (2002) descreve o turismo como: [...] “uma atividade que consome espaço, onde, dentro de um contexto de uso de recursos naturais, o espaço e a paisagem representam a base para que o mesmo se desenvolva”.

A paisagem contendo vegetação natural associada a topografia ondulada e a superfícies líquidas são em geral as preferidas pelo público (SEGER, 2006). Hammitt et al, colocam que: [...] “anualmente, pessoas de todos os lugares do planeta viajam grandes distâncias em busca de áreas florestadas, orlas marítimas, quedas de água e outros ambientes naturais que apresentem uma beleza cênica apreciável”.

De acordo com Boullóm (2002): [...] “na atividade turística, o impacto visual que o ambiente natural produz numa pessoa pode variar de acordo com o tipo de atividade realizada e, também, do grau de percepção que as pessoas têm em relação às paisagens”.

Com relação à maneira como os turistas interagem com as paisagens, o autor citado classifica-os em:

a) Espectador – é aquele que se mantém fora da paisagem, ou seja, limita-se a observá-la de diferentes pontos oferecidos por onde transita sem se preocupar em acurar seus sentidos para uma percepção mais detalhada. Geralmente, sua atenção é direcionada a outros estímulos, como a conversa com outra pessoa, ouvir música, ou mesmo ater-se simplesmente às mensagens do guia quando viaja em grupo;

Quando a atividade que realiza se prolonga, geralmente fica entediado, não prestando atenção e nem recordando posteriormente as paisagens que lhe passaram à frente, porque só as viu esporadicamente. Muitas vezes, apenas capta de relance algo que lhe chama a atenção, porém, logo em seguida já nem lembra mais o que era. Para esse tipo de turista, a relação com a paisagem é sempre distante, estando ele como observador em um lugar, e a paisagem em outro.

b) Agente – o turista agente é descrito como aquele que se incorpora à paisagem, mas com a intuição de praticar alguma atividade desportiva, apresentando muitas vezes um grau de percepção menor do que o próprio turista-espectador. O fato de muitas vezes estar realizando uma atividade que exige concentração e habilidade física faz com que centre sua atenção na atividade, não dando importância à paisagem que apenas lhe serve de pano de fundo. Na maioria dos casos, a imagem-lembrança será apagada de sua memória pelo fato de estar dominado pela seqüência da atividade que pratica;

c) Agente-observador – envolve o sujeito que desenvolve determinada atividade e se sente parte integrante da paisagem. Geralmente permanece mais tempo num determinado lugar, o que pode representar horas ou dias, familiarizando-se assim com o meio. Além de participar das atividades de entretenimento que o lugar lhe oferece, procura ficar atento às características das paisagens (Id, 2002).

4. TURISMO RURAL

4.1. Evolução

Procuramos contextualizar o Turismo Rural através de suas características e dinamismo desde seu surgimento até o seu atual momento de desenvolvimento no mundo, conhecendo seu histórico e suas particularidades no Brasil e na Paraíba.

No início da década de 1950 começava-se a inserir a atividade do turismo no meio rural, principalmente, na Europa e Estados Unidos.

Com a criação do LEADER II em 1991 (que teve como objetivos permitir aos agentes e territórios rurais valorizar as suas próprias potencialidades, contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural do meio rural, suscitar um espírito de cooperação entre municípios, freguesias e lugares, de modo a despertar solidariedades que reforcem o desenvolvimento das regiões, sensibilizar a população para a riqueza do patrimônio da região, responsabilizando-as pela sua preservação e valorização e criar hábitos de convívio entre a população local, favorecendo os contactos entre os residentes e os visitantes), muitos países passaram a programar políticas públicas de apoio ao Turismo Rural e outras atividades não-agrícolas, geradas no âmbito de estratégias de revitalização de territórios rurais. Destacam-se as iniciativas da Alemanha, Espanha, Portugal, Suíça, Suécia, França, Itália, Áustria, entre outras.

O Turismo Rural se desenvolveu na União Européia apresentando características de pequena escala, ligação e interação à comunidade existente e às suas formas de vida, ocorrendo partilha das habitações com os proprietários residentes contribuindo para melhorar a renda de sua população e a geração de novos empregos, tanto direta como indiretamente, mediante oferta indireta de outros serviços, bem como proporcionam qualidade de vida dos habitantes do meio rural.

Já o desenvolvimento do Turismo Rural nos Estados Unidos, nos estados de Vermont, da Califórnia, de Nova Iorque, da Carolina do Norte e do Tennessee desenvolveu-se através do ato de visitar uma fazenda "em operação" ou qualquer outra empresa agrícola, hortícola ou agroalimentar, com o objetivo educativo, de divertimento ou para participar de maneira ativa às atividades da empresa.

A partir desses exemplos, outros países vêm incentivando esse tipo de turismo como uma fórmula de criação de postos de trabalho e de valorização do patrimônio

natural e histórico. Especificamente, na América Latina, citam-se o Chile, a Argentina e o Uruguai, nos quais existe um significativo aumento de ocupações geradas pela prestação de serviços turísticos no meio rural e, conseqüentemente, dos luxos de turistas.

No Brasil, embora a visitação às propriedades rurais seja uma prática conhecida em algumas regiões, apenas na década de 1980 passou a ganhar *status* de atividade econômica. Nessa época, começou a ser encarada com profissionalismo e caracterizada como Turismo Rural, quando algumas propriedades em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, principalmente, devido às dificuldades do setor agropecuário, resolveram diversificar suas atividades e receber turistas.

Para Brasil/MDA (2006): [...] esse segmento vem crescendo gradativamente nas diferentes regiões do Brasil, favorecido pelas singularidades dos ciclos econômicos que as marcam e pela diversidade cultural resultante dos processos de colonização.

Podemos observar nos exemplos abaixo algumas ações desenvolvidas de Turismo Rural no Brasil:

a) Nas regiões sul e sudeste, o Turismo Rural vem se desenvolvendo de forma bastante satisfatória. No Rio Grande do Sul, há uma programação de lazer realizada na natureza e às áreas rurais nos municípios da "Quarta Colônia", região rica em tradição e cultura; Na Serra Gaúcha e na região central, encontram-se os núcleos mais expressivos, em Caxias do Sul e Garibaldi, através dos circuitos da Uva e do Vinho e da Cultura Alemã, em que o turista visita às propriedades rurais que fabricam vinhos, aprendem seu processo e fabricação, degustam e compram o produto e são apresentados à cultura germânica, através de danças típicas, agricultura, culinária em cafés coloniais. No Rio de Janeiro, encontra-se a "Rota do Café" na região de Vassouras e a "Rota da Truta" nas regiões serranas e em São Paulo, em Jundiaí, através dos roteiros Café e Vinho, Serra do Japi, Louveira, entre outros, com visitas monitoradas pelos proprietários, alambiques artesanais, loja de produtos artesanais, plantações, participação direta em tirar leite, etc;

b) No Centro-Oeste e Norte, existem iniciativas isoladas, mas de pouca representatividade. Apenas o Mato Grosso vem apresentando resultados animadores, com o crescente número de propriedades aderindo às atividades turísticas, entre elas o ecoturismo, hotéis-fazendas e pousadas rurais no Pantanal. O ecoturismo mudou o perfil econômico local de Bonito, que praticamente abandonou a mineração de calcário e a

agropecuária. No Estado de Goiás, há três núcleos de Turismo Rural: Chapada dos Veadeiros, Pirinópolis e Parque das Emas;

c) Na Região Nordeste, a Bahia, realiza alguns projetos e trabalhos de conscientização do Agroturismo e Turismo Rural, como o Projeto Rota do Cacau; em Pernambuco, o Turismo Rural teve início na microrregião de Garanhuns, localizada no Agreste Meridional, com algumas iniciativas particulares, e pode-se encontrar também o Projeto Roteiro dos Engenhos, na Zona da Mata Norte;

Campanhola e Silva (2000) mostram que dos 1287 municípios, existentes no Nordeste, atribui-se que 200 deles (11%) têm vocação turística nos critérios ou moldes do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) a partir de atrativos naturais, culturais, folclores, artesanatos, manufaturas, e romarias sem se falar naqueles que podem ser objetos de turismo de aventuras, ecoturismo e Agroturismo. Contribui, para tanto, a grande biodiversidade não somente de sua flora, mas também, da sua fauna que vai desde a hiléa amazônica, passando pelos babaçuais ou cocais, cerrados e campos sujos (de baixa e grande altitudes) matas: atlântica, serrana e de galerias, diferentes e específicas paisagens semi-áridas (carrasco, caatinga, seridó, etc).

d) Na Paraíba encontramos algumas iniciativas de Turismo Rural;

Na Região do Brejo Paraibano as iniciativas são através da Rota Cultural Caminhos do Frio, numa parceria entre SEBRAE/PB, Governo do Estado, através da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico e Sub-Aecretaria de Cultura e prefeituras das seis cidades serranas envolvidas: Bananeiras, Alagoa Nova, Areia, Serraria, Alagoa Grande e Pilões, no circuito serão apresentadas atrações culturais que caracterizam cada localidade, como a dança, artes visuais, artes cênicas, literatura, cinema, folclore e música, passeios ecológicos por sítios e fazendas com produção de cachaça e rapadura, na cidade de Areia; e, flores, em Pilões, além da visita aos Engenhos Olho d'Água, Santana, Avarzeado, Pinturas de Cima e Poções; Fazendas Santa Helena e aos engenhos Belo Horizonte e Santo Antônio, em Serraria; Engenhos Beatriz e Santa Rita, que produzem mel, aguardente e rapadura, em Alagoa Nova; engenhos, Lagoa Verde, Belo Monte e Balancinhos, em Alagoa Grande; além de uma gastronomia rica e diversificada da culinária regional, em Bananeiras. Além das cidades de Alagoa Nova, Alagoa Grande, Areia, Bananeiras, Pilões e Serraria, estarem incluídas no "Roteiro Integrado Civilização do Açúcar", projeto de turismo cultural em

construção pelo Ministério do Turismo, Sebrae Nacional e os Governos da Paraíba, de Pernambuco e de Alagoas.

Encontramos o Roteiro Histórico e Pré-histórico da Paraíba, que envolve as cidades de Alagoa Grande, Alagoa Nova, Pilões, Areia, Serraria, Ingá, Fagundes, Queimadas, Pocinhos, Araruna, Sousa, São João do Rio do Peixe, Vieirópolis, Aparecida, Guarabira, Pirpirituba, Bananeiras, Santa Luzia, São Mamede, Maturéia, Coremas, Taperoá, Sumé, Monteiro, São João do Cariri, Boqueirão, Cabaceiras, Serra Branca e Boa Vista, dos quais os últimos 7 pertencentes ao Roteiro do Cariri Paraibano, com compras de artesanato local em Boa Vista, nas `Cabritas de Boa Vista`, grupo de mulheres que transforma a chita em artesanato tipo exportação; visitação aos Hotéis Fazenda Pai Matheus em Cabaceiras e Chique-Chique em Boqueirão.

E, na capital paraibana, João Pessoa, temos a iniciativa do projeto: Planejamento e Fomento do Turismo Rural no Vale do Gramame, elaborando e propondo ações voltadas para o desenvolvimento turístico no Vale do Gramame, nos segmentos Turismo Rural e Ecoturismo. Este projeto é desenvolvido em parceria com o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), Congregação Holística da Paraíba (EVOT), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). A principal proposta consiste na elaboração de trilhas ecoturísticas voltadas para diversos públicos e venda de produtos agrícolas utilizando os moradores locais como condutores das trilhas.

Pensando nesse grande potencial, o Governo do Estado, através da Secretaria de Estado do Turismo e do Desenvolvimento Econômico, realizou, em 2008, no Distrito de Galante, na Fazenda Santana, o I Encontro Estadual de Turismo Rural e Ecoturismo. A idéia foi refletir em torno do grande potencial que a Paraíba tem para o desenvolvimento do turismo rural e ao mesmo tempo formular uma série de propostas e ações, um plano estratégico para 2009 e 2010. O encontro contou com a presença de representantes do governo estadual, federal, através do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE), representantes do Banco do Nordeste, Sebrae, Senar, Clube de Montanhismo, Emater, Escola Técnica e Universidade.

4.2. Conceitos

Apesar do crescimento do Turismo Rural no Brasil e mundo, percebemos que esse segmento carece de maior rigor técnico, teórico e de definições, sendo, por vezes,

confundidos com outros segmentos ou, até mesmo, subdivisões suas, como: Agroturismo, Ecoturismo, Turismo de Interior, Turismo no Espaço Rural, Turismo Alternativo, Turismo Endógeno, Turismo Verde, Turismo Campestre, Agroecoturismo, EcoAgroturismo e muitas outras.

Esses diferentes entendimentos, em vez de caracterizar e identificar cada lugar, tendem a criar situações confusas que desvalorizam a atividade turística e geram frustração a quem oferece, trabalha e consome o Turismo Rural (BRASIL/MTUR, 2007a).

Segundo Campanhola e Silva:

O meio rural brasileiro passou por diversas transformações nas últimas décadas, contribuindo para que ele não possa mais ser considerado como essencialmente agrícola. A identificação do rural com o agrícola perdeu o sentido quando muitas atividades tipicamente urbanas passaram a ser desenvolvidas no meio rural, geralmente em complemento às atividades agrícolas (CAMPANHOLA E SILVA, 2000).

As atividades não-agrícolas, cada vez mais, se constituem em formas alternativas e/ou complementares de geração de renda no meio rural. Entre elas se destacam também atividades ligadas ao lazer e ao turismo. Ainda que não seja possível quantificar a importância econômica dessas atividades, Campanhola e Silva (2000), mostram que: [...] “pesquisas realizadas pelo IBGE indicam que existem quase 250 mil pessoas residindo em áreas rurais no país e se ocupando de atividades de comércio e prestação de serviços”.

Assim, surge o Turismo no Espaço Rural (TER) representando uma nova forma de ocupação da mão-de-obra e maior remuneração em relação às atividades tradicionais, além de poder proporcionar aumento na qualidade de vida das famílias e também maior estabilidade econômica na propriedade rural.

Para Campanhola e Silva:

[...] o Turismo no Espaço Rural deve ser uma atividade essencialmente difusa, diretamente relacionada com aspectos ambientais, e com especificidades inerentes a cada local. Nesse sentido, as estratégias devem se basear em economias de ‘gama’ ao invés de economias de escala, pois a idéia não é maximizar o número de turistas, mais ampliar as ocasiões de gastos dos turistas (CAMPANHOLA E SILVA, 2000).

Dentre as diversas atividades ligadas ao TER temos o Turismo Rural. Esse setor turístico constitui-se numa forma de valorização do território, pois ao mesmo tempo em que depende da gestão do espaço local e rural para o seu sucesso, conduz a que se tenha a proteção do meio ambiente e a conservação do patrimônio natural, histórico e cultural

do meio rural. Constitui-se, assim, num instrumento de estímulo à gestão e ao uso sustentável do espaço local, que devem beneficiar, principalmente, a população local direta ou indiretamente envolvida com as atividades turísticas.

A conceituação de Turismo Rural adotada pelo Ministério do Turismo, citado Ministério de Desenvolvimento Agrário, fundamenta-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade. Com base nesses aspectos, define-se que:

O Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade (BRASIL/MDA, 2003).

O conceito revela uma lógica de valorização das particularidades do Turismo Rural e pode ser compreendido a partir do detalhamento das idéias nele sintetizadas, como descrito abaixo:

a) Atividades turísticas no meio rural

As atividades de Turismo Rural constituem-se da oferta de serviços, equipamentos e produtos de:

- Operação e agenciamento;
- Transporte;
- Hospedagem;
- Alimentação;
- Recepção à visitação em propriedades rurais;
- Recreação, entretenimento e atividades pedagógicas vinculadas ao contexto rural;
- Eventos;
- E, outras atividades complementares às acima listadas, desde que praticadas no meio rural e que existam em função do turismo ou que se constituam no motivo da visitação.

b) Meio rural

A concepção de meio rural aqui adotada baseia-se na noção de território, com ênfase no critério da destinação da terra e na valorização da ruralidade. Assim, considera-se território um espaço físico, geograficamente definido, geralmente

contínuo, compreendendo cidades e campos, caracterizados por critérios multidimensionais, como ambiente, economia, sociedade, cultura, política e instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial.

Nos territórios rurais, tais elementos manifestam-se, predominantemente, pela destinação da terra, notadamente focada nas práticas agrícolas e na noção de ruralidade, ou seja, no valor que a sociedade contemporânea concebe ao rural. Tal valor contempla as características mais gerais do meio rural: a produção territorializada de qualidade, a paisagem, a biodiversidade, a cultura e certo modo de vida, identificados pela atividade agrícola, a lógica familiar, a cultura comunitária, a identificação com os ciclos da natureza.

c) Comprometimento com a produção agropecuária

É a existência da ruralidade, de um vínculo com as coisas da terra.

Dessa forma, mesmo que as práticas eminentemente agrícolas não estejam presentes em escala comercial, o comprometimento com a produção agropecuária pode ser representado pelas práticas sociais e de trabalho, pelo ambiente, pelos costumes e tradições, pelos aspectos arquitetônicos, pelo artesanato, pelo modo de vida, considerados típicos de cada população rural.

d) Agregação de valor a produtos e serviços

A prestação de serviços relacionados à hospitalidade em ambiente rural faz com que as características rurais passem a ser entendidas de outra forma que não apenas focadas na produção primária de alimentos. Assim, práticas comuns à vida campesina, como manejo de criações, manifestações culturais e a própria paisagem, passam a ser consideradas importantes componentes do produto turístico rural e, conseqüentemente, valorizadas por isso.

A agregação de valor também se faz presente pela possibilidade de verticalização da produção em pequena escala, ou seja, beneficiamento de produtos *in natura*, transformando-os para que possam ser oferecidos ao turista, sob a forma de conservas, embutidos, produtos lácteos, refeições e outros.

e) Resgate e promoção do patrimônio cultural e natural

O Turismo Rural, além do comprometimento com as atividades agropecuárias, caracteriza-se pela valorização do patrimônio cultural e natural como elementos da oferta turística no meio rural. Assim, os empreendedores, na definição de seus produtos de Turismo Rural, devem contemplar com a maior autenticidade possível os fatores culturais, por meio do resgate das manifestações e práticas regionais (como o folclore, os trabalhos manuais, os costumes, as festas, os “causos”, a gastronomia etc.), e primar pela conservação do ambiente natural, da paisagem e cultura (o artesanato, a música, a arquitetura etc.).

Beni (2007), conceituou o Turismo Rural como: [...] “o deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e instalações rurícolas”.

O pesquisador brasileiro aplica o conceito de turismo ao rural, e destaca a paisagem e os equipamentos rurais como principais motivadores das viagens.

Segundo a OMT, o conceito de Turismo Rural destaca o turismo como atividade complementar e integrada à agropecuária:

O Turismo Rural refere-se a lugares em funcionamento (fazendas ou plantações) que complementam seus rendimentos com algumas atividades turísticas, oferecendo geralmente alojamento, refeições e oportunidades de adquirir conhecimentos sobre as atividades agrícolas (OMT, 2003).

Desta forma, devemos considerar que o Turismo Rural está necessariamente vinculado às características do meio rural (produção agrícola e/ou pecuária, paisagens rurais com vegetação nativa e secundária, arquitetura rural, o contato direto com o modo de vida dos habitantes do campo e com os animais, a culinária da “roça”, entre outras).

4.3. Características básicas do Turismo Rural

Segundo Lottici Krahl (2002) o Turismo Rural possuía seguinte características:

a) Quanto à escala:

- Pequena escala – se refere à dimensão dos equipamentos turísticos, em função de uma pequena quantidade de turistas, de modo que permita atendimento personalizado (sem espera, sem barulho, sem muita gente, como normalmente ocorre no interior) e que cause o menor impacto possível sobre o meio;

b) Quanto à localização:

- Situado em locais aprazíveis, em propriedades cujas paisagens tipicamente rurais simbolizem uma oposição à paisagem urbana;

c) Quanto às atividades agropecuárias:

- Manutenção das atividades econômicas tradicionais da propriedade e das práticas e costumes relacionados a essas atividades, não as abandonando em razão do sucesso da atividade turística;

d) Quanto à qualidade da paisagem:

- Conservação dos recursos naturais – manutenção das condições dos mananciais hídricos, do solo, de quantidade significativa da flora e da fauna nativas, inclusive dos aspectos estéticos;
- Conservação das características arquitetônicas e utilização dos materiais construtivos típicos da região – utilização de materiais, equipamentos e serviços turísticos em harmonia com o meio rural, em conformidade com os itens anteriores;
- Cuidados com as instalações e lidas agropecuárias – permitindo que o turista observe ou participe das rotinas das atividades tradicionais da propriedade;

e) Quanto aos aspectos culturais:

- Ligação com as estruturas ditas tradicionais, isto é, as de características gregárias, os valores, modos de vida e de pensar e os ideais das comunidades rurais, especialmente se baseados na agricultura familiar;
- Manutenção das manifestações folclóricas, da gastronomia, de elementos que referendem a história do lugar e da região;

f) Quanto à diversificação dos serviços oferecidos:

- Respeitar a especificidade do ambiente, da economia, da história, das tradições, da cultura popular, das características étnicas, da exploração agropecuária, em relação à propriedade e à região;

g) Quanto à distribuição de benefícios:

- Postos de trabalho, renda e outros benefícios oriundos da prática turística são incorporados pela própria comunidade, de modo a proporcionar o bem-estar das famílias rurais;

h) Quanto ao empoderamento das comunidades:

- O Turismo Rural como um motivador de organização da sociedade para que a comunidade local possa gerir a atividade turística de forma participativa, inclusiva e ordenada;

i) Quanto à sustentabilidade:

- Deve considerar elementos econômicos, sociais, culturais, ambientais e políticos. Deve contribuir para a manutenção das características rurais e a qualidade ambiental do território, utilizando os recursos locais e o conhecimento derivado do saber das populações, valorizando-as, além de permitir a sua participação nos processos decisórios.

O autor ainda reforça que as atividades turísticas rurais ocorrem, também, além das “porteiras” – fora das propriedades – e dependem da qualidade da paisagem externa, enquanto fator de agregação de atratividade e de identidade. E é justamente essa uma das razões pela qual esse segmento turístico beneficia a comunidade na qual se insere na forma de passeios a atrativos naturais e artificiais nas redondezas, motivando a conservação destes, e na utilização de equipamentos e serviços (hotéis, restaurantes, feiras, postos de informações, quiosques, “barracas” etc.), tanto na sede dos municípios rurais como nas regiões turísticas. Digamos que essa é uma característica “distributiva” do Turismo Rural.

4.4. Agroturismo

A mais importante variável do Turismo Rural é o Agroturismo ou Turismo Rural na Agricultura Familiar, o qual o BRASIL/MTUR(2007a), buscou respeitar as especificidades e, ao mesmo tempo, avançar na construção de uma estratégia de consolidação do Turismo Rural, agrupando sob o mesmo conceito as definições de Agroturismo e Turismo Rural na Agricultura Familiar.

Assim, é de fundamental importância apresentar o conceito deste para a diferenciação das atividades turísticas realizadas no meio rural.

Para Rodrigues:

Todos os benefícios trazidos pelo Turismo Rural, e este, praticado em propriedades rurais que trazem, na sua história, a exploração agrária, seu patrimônio arquitetônico, a conservação da originalidade do meio rural que, reformuladas, servem para o alojamento dos turistas, caracteriza-se um segmento do mesmo, denominado Agroturismo (RODRIGUES, 2003).

Podemos afirmar que, assim como o Turismo Rural faz parte de algo mais amplo, que é o Turismo no Espaço Rural. Já o Agroturismo se constitui em uma submodalidade do Turismo Rural. A figura 1 busca ilustrar essa questão.

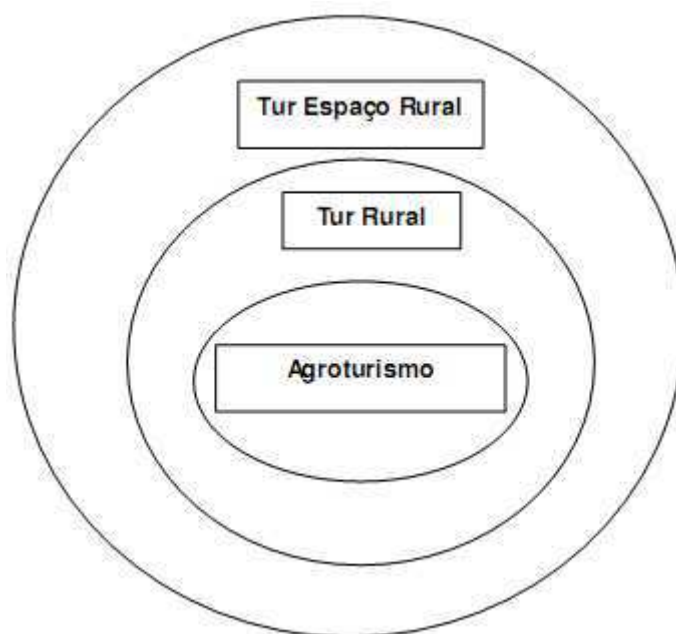


Figura 1 - Esquema de inserção do Agroturismo como submodalidade do Turismo Rural e este do TER. Org. CANDIOTTO, L. Z. P. (2006)

Para o Ministério do Turismo:

A valorização de aspectos naturais e histórico-culturais divulga a idéia do Agroturismo como uma atividade sustentável, pois combina crescimento econômico, conservação ambiental e identidade cultural, assim podendo consolidar-se como uma opção de lazer para o turista, assim como ser uma importante e viável oportunidade de complementação de renda para o empreendedor rural, confirmando a sua forte aptidão para o estímulo ao desenvolvimento regional (BRASIL/MTUR, 2003).

Por ser uma atividade relativamente nova e em expansão por diversos países, sua definição e seu conceito vem se apresentando diverso em literaturas nacionais e internacionais.

Uma abordagem esclarecedora é feita por Tulik (2003), definindo Agroturismo como: [...] “uma derivação do Turismo Rural, mas caracteriza-se por uma interação mais efetiva entre o turista com a natureza e as atividades agrícolas”.

Para Graziano da Silva, o Agroturismo é considerado como uma derivação do Turismo Rural, sendo definido como: [...] “As atividades internas à propriedade que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade” (GRAZIANO DA SILVA (1997).

Contudo, a definição utilizada do EMBRATUR, foi a que achamos mais pertinente e completa, e diz que:

Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e observação, vivência e participação nas atividades agropastoris. Destacam-se aqui dois grandes aspectos que distinguem esse segmento do Turismo Rural. O primeiro é a produção agropastoril em escala econômica que representa a maior fonte de rendimento da propriedade e, o turismo, receita complementar. O segundo é que as próprias atividades agropastoris constituem, em si mesmas, o principal diferencial turístico. Neste caso, os turistas, para viverem a autêntica experiência da vida no campo, poderão ou não participar de uma rotina diária dos afazeres domésticos ou produtivos da propriedade. As instalações e equipamentos mantêm-se de forma original, tal qual utilizada pelos proprietários e trabalhadores e, se ampliadas para adicionalmente acomodarem os visitantes, deverão conservar as mesmas características arquitetônicas (EMBRATUR, 2001).

Contudo, uma outra abordagem, mais recente e muito aceita é dada pelo pesquisador Beni que apresenta o conceito de Agroturismo e que o utilizamos como complemento do anterior: [...] “deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e observação, vivência e participação em atividades agropastoris” (BENI, 2007).

Comparando os conceitos atribuídos por Beni de Turismo Rural e de Agroturismo, a única inserção feita para o Agroturismo diz respeito à vivência e participação dos turistas em atividades agropastoris.

Assim, devemos entender sua atividade como parte de um processo de agregação de serviços e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc) a partir do “tempo livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa.

Contudo, podemos observar que entre a maioria dos autores consultados, entre os quais: CALS et al. (1995), REJOWSKI (1996), GIANGIORDANO (1997),

GRAZIANO da SILVA (1997), PORTUGUEZ (1999) e EMBRATUR (2001), há um consenso sobre os princípios que devem nortear o Agroturismo, tais como:

- atividade praticada no interior da propriedade rural em situação produtiva;
- número reduzido de turistas;
- atividade da propriedade baseada na exploração agrícola ou na criação ativa de gado;
- turismo explorado como uma atividade geradora de renda complementar às demais atividades da propriedade;
- presença do proprietário (agricultores e criadores de gado ativos) se faz obrigatória na recepção dos turistas e na organização e gestão do empreendimento;
- o alojamento dos visitantes em edificações existentes na propriedade (hospedagem rústica, familiar, mas com conforto necessário);
- o turista pode participar diretamente em atividades rotineiras da propriedade, estreitando seu contato com o meio rural;
- as próprias atividades agropastoris constituem em si mesmas, o principal diferencial turístico;
- a atividade turística deve utilizar de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentivar sua conservação e buscar a formação de uma consciência ambientalista;
- a preocupação em promover o bem-estar das populações envolvidas.

De forma geral, entendemos que o Agroturismo apresenta todos os atributos do turismo rural, sobretudo, pelo fato de ser uma atividade realizada no espaço rural, e ter como principais atrativos as atividades agropecuárias, os produtos para agricultores e o modo de vida rural. Ocorre, porém, que o diferencial do Agroturismo em relação ao turismo rural diz respeito à participação direta e/ou indireta do turista em atividades comuns dos agricultores, como plantio, colheita, ordenha, entre outras. Nesse sentido, toda a oferta de Agroturismo poderia ser classificada como Turismo Rural, porém, nem toda a oferta de Turismo Rural pressupõe a existência do Agroturismo.

Assim, o conceito de Agroturismo permite incorporar grande parte dos agricultores familiares envolvidos com o turismo, pois, além da existência de atividades agropecuárias, os agricultores familiares costumam ter seus principais atrativos

vinculados a tais atividades, seja por meio da observação e da participação em atividades agrícolas e pecuárias, da comercialização de produtos *in natura* e transformados, do uso de animais para atividades de lazer (pesca, passeios a cavalo, charrete, carro de boi) e do modo de vida rural tradicional, onde se planta e se vive da “terra”.

4.4.1. Agroturismo e Agroecologia

A agricultura moderna, através de avanços científicos e inovações tecnológicas, tem sido responsável pelos fantásticos aumentos de produtividade de alimentos, no entanto, este sistema de produção tem sido acompanhado, muitas vezes, pela degradação ambiental (erosão do solo, poluição com pesticidas, salinização), problemas sociais (eliminação da agricultura familiar; concentração de terras, recursos e produção; modificação dos padrões de migração rural/urbano) e pelo uso excessivo dos recursos naturais.

Para Gliessman:

Além de todos esses fatores, a agricultura vigente criou uma dependência de combustíveis fósseis não-renováveis e de alguns anos para cá, tem estado sujeita às restrições causadas pelos crescentes preços do petróleo. Em resumo, a agricultura convencional é insustentável – ela não pode continuar a produzir comida suficiente para a população global, em longo prazo, porque deteriora as condições que a tornam possível (GLIESSMAN, 2001).

Assim, fica clara a necessidade de uma nova abordagem da agricultura e do desenvolvimento agrícola que seja fundamentada tanto na sustentabilidade ecológica do sistema de produção como na viabilidade econômica do mesmo, incorporando cuidados especiais relativos ao ambiente, assim como aos problemas sociais. Esta abordagem é configurada na ciência da agroecologia, que é definida como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis (ALTIERI, 2002).

Portanto, esse sistema apresenta-se como alternativa para o uso no ambiente rural, como processo de transição rumo ao desenvolvimento sustentável, pois busca agir conjuntamente o manejo dos recursos naturais, a disposição no local e com a manutenção dos grupos sociais no seu meio.

A agricultura, como uma das atividades do Agroturismo, relacionada dentro dos princípios da agroecologia resulta num processo dinâmico de desenvolvimento rural sustentável, em que segundo Altieri (2002), implica na integração de diversos aspectos

agronômicos, ecológicos e socioeconômicos, na avaliação dos efeitos das técnicas agrícolas sobre a produção de alimentos e na sociedade como um todo.

Assim, essa relação, torna-se um atrativo diferenciado ao turista que procura a zona rural para visitação, além de proporcionar aumento da renda do produtor rural pela comercialização dos produtos com valor agregado; melhoria de sua qualidade de saúde, proporcionada por uma produção mais “limpa”, que se utiliza de técnicas menos agressiva, como o não usar agrotóxicos, que, contaminam as águas e envenena os alimentos; e auxilia na manutenção do solo através da adubação verde, orgânica e mineral, além do uso de defensivos naturais e da combinação e rotação de culturas.

4.5. Marcos legais

A Constituição Federal, promulgada em 1988, fez menção, pela primeira vez, ao setor turístico, quando se determina que “a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem promover o turismo como fator de desenvolvimento social e econômico”.

Apesar de considerada, constitucionalmente, uma atividade aceleradora de desenvolvimento, no que tange ao Turismo Rural não tem recebido dos governantes a disposição necessária para implementar políticas específicas, de modo que tal atividade realmente contribua, como ocorre em outros países, para o desenvolvimento esperado por aqueles que têm na lida rural o suporte de sua subsistência.

O Turismo Rural não tem leis e regulamentos específicos que normatizem a sua diversidade, até por ser uma atividade relativamente nova, submete-se a um regime híbrido, parte rural, parte urbano, notadamente na área trabalhista, previdenciária, sanitária e tributária, além de sofrer com a inexistência de uma disciplina especial para o empreendedor pessoa física (BRASIL/MTUR, 2003),

Assim, dependendo do tipo de empreendimento turístico, existe um conjunto variado de normas legais que devem ser atendidas e respeitadas.

Citaremos, a seguir, algumas dessas normas apresentadas pelo Ministério do Turismo (2007a):

a. Prestação de serviços turísticos

- Lei n.º 6.505/77: dispõe sobre as atividades e serviços turísticos e estabelece condições para o seu funcionamento;

- Lei n.º 8.181/91: dá nova denominação a EMBRATUR e dá outras providências e sua regulamentação;

- Lei n.º 8.078/1990: o Código de Defesa do Consumidor (CDC) que destaca que as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) como parâmetros para questões de comercialização e consumo de produtos e serviços. Ao ter valor em decisões judiciais, as normas da ABNT para o Turismo de Aventura passam a ser observadas também no Ecoturismo, principalmente, quando envolver riscos controlados.

b. Legislação ambiental

- Lei n.º 6.938/81 – institui o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), que integra os sistemas ambientais municipal, estadual e federal;

- Lei n.º 9.605/98 – “Lei dos Crimes Ambientais”, que regulamenta crimes e infrações administrativas contra o meio ambiente;

- Lei n.º 9.985/00 – que aprovou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), estabelecendo critérios e normas para a criação, implantação e gestão das UCs. É válido destacar que o SNUC garante direitos às populações locais que habitem as UCs de proteção integral (onde não é permitida a exploração direta dos recursos naturais), principalmente, para as tradicionais e as indígenas;

- Lei n.º 6.902, de 27 de abril de 1981 - Área de Proteção Ambiental (APA) são áreas submetidas ao planejamento e à gestão ambiental e destinam-se à compatibilização de atividades humanas com a preservação da vida silvestre, a proteção dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida da população local;

- Decreto n.º. 98.897 de 30 de janeiro de 1990 - Reservas Extrativistas (RESEX) são áreas destinadas à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista;

- Resolução n.º 303, de 20 de março de 2002 – CONAMA: dispõe sobre os parâmetros e limites das APP - Áreas de Preservação Permanente;

- Código Florestal (Lei n.º 4.771/65):

- Reserva Legal:

- Art. 16 – dispõe sobre a porcentagem de área para reserva legal de acordo com acordo com a região do País;

- Art. 44 – dispõe sobre as medidas a serem adotadas pelo proprietário ou possuidor de imóvel rural com área de floresta nativa natural, primitiva ou

regenerada ou outra forma de vegetação nativa em extensão inferior ao estabelecido, para recompor a reserva legal;

- Art. 99 das Disposições Finais da Lei n.º 8.171/91 – obriga o proprietário rural, quando for o caso, a recompor em sua propriedade a Reserva Florestal Legal, mediante o plantio, em cada ano, de pelo menos um 1/30 da área total para complementar a referida Reserva Florestal (RFL). A localização da Reserva Legal deve ser aprovada pelo órgão ambiental competente ou, mediante convênio, pelo órgão ambiental competente municipal ou outra instituição devidamente habilitada.

c) Legislação sobre a proteção do patrimônio histórico-cultural

- Lei n.º 6.513 de 20/12/77 – dispõe sobre a criação de áreas especiais e de locais de interesse turístico; sobre o inventário com finalidades turísticas dos bens de valor cultural e natural; acrescenta inciso ao art. 2º da Lei n.º 4.132, de 10 de setembro de 1962; altera a redação e acrescenta dispositivo à Lei n.º 4.717, de 29 de junho de 1965; e dá outras providências;

- O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desde o ano de sua criação, baseia-se em legislação específica para a gestão dos bens culturais nacionais tombados, representativos de diversos segmentos da cultura brasileira. No caso do meio rural, destaca-se o seguinte decreto. Decreto-lei n.º 25 de 30 de novembro de 1937: conceitua e organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e dispõe sobre o tombamento;

d) Legislação Fiscal

- Para estar em situação legal, é preciso constituir empresa para o desenvolvimento de qualquer atividade de turismo. O empreendedor pode escolher entre as seguintes modalidades: sociedade limitada, firma individual, associação e cooperativa;

e) Legislação previdenciária

O empreendedor contribui como pessoa jurídica – regime dos arts. 22 e 23 da Lei n.º 8.212/91 – se não for enquadrado no Sistema Nacional (SIMPLES), ou pessoa física – arts. 12 e 21 da referida lei;

f) Legislação tributária

- Tributos federais: Imposto de Renda (IR), Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), Programa de Integração Social (PIS/PASEP), Contribuição para o

Financiamento da Seguridade Social (CONFINS) e Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI);

- Os empresários de Turismo Rural podem optar pela adesão ao Sistema Nacionais (SIMPLES). Todavia deve ficar atento para as vedações constantes do art. 9º da Lei n.º 9.317/96;

- Tributos estaduais e municipais: Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) e Imposto sobre Serviço (ISS);

- Pagamento de ICMS pelo fornecimento de mercadorias de qualquer natureza, exceto a alimentação inclusa na diária de um hotel-fazenda, por exemplo. Já o ISS tributa os serviços turísticos propriamente ditos – agenciamento, organização, promoção e execução de programas de turismo, passeios, excursões, guias de turismo e congêneres e administração de meios de hospedagem.

g) Legislação trabalhista

- O empreendedor rural pode valer-se dos arts. 2º e 17 da Lei n.º 5.889/7318, que resolvem o problema dos empregados que exercem atividades tipicamente urbanas no meio rural, permitindo sua classificação como rurais. Além disso, o empreendedor pode reivindicar a seu favor um regime simplificado das obrigações trabalhistas com base nos arts. 10, 11, 12 e 13 da Lei n.º 8.941 de 5 de outubro de 1999.

h) Legislação sanitária

- Serviços de alimentação:
 - Resolução RDC nº 216 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) – dispõe sobre as boas práticas para serviços de alimentação;
 - Resolução RDC nº 218 – dispõe sobre regulamento técnico de procedimentos higiênico-sanitários para manipulação de alimentos e bebidas preparados com vegetais;
 - Registro dos produtos;
 - Verificar decreto 5.741 de 30 de março de 2006 – regulamenta a Lei Agrícola (n.º 9.712/98) e cria o Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA). Com esse sistema, a inspeção se torna integrada, ou seja, em vez de cada serviço municipal, estadual e federal atuarem isoladamente, passam agora a fazer parte de um único sistema.

Podemos perceber que, na realidade, a legislação vigente, ao invés de concorrer em benefício dos pequenos agricultores, dificulta-lhes sobremaneira. Isto significa dizer que o agricultor familiar empreendedor de Turismo Rural não possui condições de arcar

com todas as exigências de uma legislação inadequada. Ao tentar conciliar a agricultura familiar com o turismo, esse produtor rural perde a condição de segurado especial junto à Previdência Social, já que a legislação em vigor essa e outras fontes de renda, salvo poucas exceções.

Isso contraria as novas tendências de multifuncionalidade e pluriatividade que vem ocorrendo na área rural, ou seja, o meio rural não é mais somente um local de produção de alimentos, mas também de outros serviços, como o Turismo Rural.

4.6. O Turista do Turismo Rural

O consumidor de Turismo Rural busca a possibilidade de reaproximação com a natureza em relação às “coisas da terra”, mesmo que por um curto espaço de tempo. Está interessado, ainda, em vivenciar e experimentar os valores da natureza e do modo de vida local caracterizado por elementos singulares da cultura, pela gastronomia típica, pela tradição e pelo modo como se dá a relação homem-natureza. Ou seja, do ponto de vista operacional, esses hóspedes não compram simplesmente uma hospedagem, mas uma experiência diferente e autêntica.

De modo geral, os turistas desse segmento apresentam as seguintes características:

- São moradores de grandes centros urbanos;
- Possuem entre 25 e 50 anos;
- São casais com filhos;
- Têm formação superior e a maioria pós-graduação;
- São de classe média para média alta;
- Usam automóvel próprio ou vans;
- Deslocam-se, geralmente, em um raio de até 150 km do núcleo emissor;
- Fazem viagens de curta duração – fins de semana e feriados;
- São apreciadores da gastronomia típica regional;
- Possuem elevado nível de consciência a respeito das questões ambientais;
- Valorizam produtos autênticos e artesanais (BRASIL/MDA, 2006).

Para o Ministério:

[...] essas características estão inter-relacionadas. Assim, o fato de serem moradores de grandes centros urbanos, casados e com filhos determina a distância de deslocamento e o tempo de permanência. Em geral, acostumados com o ritmo da cidade, logo se cansam da rotina do campo e, por permanecerem poucos dias, não estão dispostos a percorrer longas distâncias. Além disso, considera-se que o elevado nível de consciência ambiental desse público está intimamente ligado à escolaridade, que, por sua vez, relaciona-se à renda, que é reflexo da idade, pois a partir dessa faixa etária a chance de ter uma situação financeira estabilizada é maior (BRASIL/MTUR, 2004).

Entretanto, esse perfil pode apresentar-se diferente em determinadas regiões. Além disso, é possível atrair outros públicos (incluindo faixas etárias diferentes, por exemplo) e o tempo de permanência pela agregação de atratividade.

Conhecer o perfil do consumidor é imprescindível para a oferta de produtos que atendam às suas expectativas, tornando mais eficientes as ações de estruturação, promoção, divulgação e comercialização. A realização de pesquisas de demanda e de satisfação junto aos consumidores reais e potenciais é fundamental.

4.7. Bases para o Desenvolvimento do Turismo Rural

Uma das tendências na segmentação do turismo é o surgimento de grupos de turistas, que procuram lugares onde os habitantes vivam de maneira diferente da sua e a paisagem apresente características próprias, tanto naturais como culturais. Assim, surge o Turismo Rural que reside no modo de vida da população rural. Deste modo, [...] se faz necessária a identificação e estímulo aos elementos que o caracterizam como a cultura local materializada nos costumes, causos, dialetos, músicas típicas, a culinária, a forma de cultivar, etc. (BRASIL/MTUR, 2003).

O desenvolvimento do Turismo Rural deve ser:

- De iniciativa local;
- De gestão local;
- De impacto local;
- Marcado pelas paisagens locais;
- Valorizador da cultura local (BRASIL/MTUR, 2006).

Como sua prática se dá, em maioria, em empreendimentos de pequeno porte, para que os benefícios desse tipo de turismo possam ser apropriados pela comunidade local, é fundamental a formação de parcerias sob as bases associativas e solidárias, utilizando-se como estratégia a roteirização, além da cooperação entre os diversos agentes potencializando a chance de envolvimento e de participação do poder público na solução de problemas, especialmente na melhoria da infra-estrutura básica, no fomento e na promoção.

Diante do exposto, percebem-se algumas possibilidades oferecidas pelo Turismo Rural, que devem ser exploradas e convertidas em vantagens práticas sob os seguintes aspectos:

- a) Pode desenvolver-se em áreas que não disponham, necessariamente, de paisagens com recursos turísticos extraordinários: esses recursos são importantes

atrativos turísticos, mas a valorização da paisagem natural não reside somente em sua existência. O fundamental é que, para o turista, a paisagem represente um indicador de que ele está fora do seu ambiente de rotina. Assim, a fauna, a flora, a topografia e os usos do solo trazem as marcas da cultura e das comunidades residentes, fazendo desses elementos atrativos pelo fato de constituírem uma paisagem tipicamente rural e que, portanto, se contrapõem ao cotidiano do turista;

- b) Necessita de reduzidos volumes de investimentos em relação a outros segmentos: significa que não é preciso, necessariamente, criar estruturas na região e nas propriedades, e sim adaptar as que já existem de modo a garantir conforto e segurança aos turistas. Tais estruturas podem ser residenciais ou de serviço e devem manter suas características rústicas. Nesse caso, o turista não busca luxo, e sim autenticidade e certa rusticidade, mas com qualidade e conforto.

4.8. A viabilidade da região para o Turismo Rural

Para a estruturação do segmento, é preciso que sejam inventariados os recursos naturais, artificiais materiais e imateriais, aqui denominados de recursos turísticos, capazes de despertar o interesse do turista e motivá-lo a deslocar-se até a região. Deve-se estar atento às especificidades que marcam o “local” e que o tornam singular, identificando o que o diferencia de possíveis concorrentes e como os recursos turísticos podem ser lapidados e transformados em atrativos, constituindo-se em produtos e roteiros. Nesse sentido, são indicados alguns aspectos a serem considerados na identificação desses recursos:

- a) No meio rural, os moradores é que realmente conhecem o lugar. Dessa forma, podem-se obter informações que nem sempre estão sistematizadas ou são de conhecimento público, por exemplo, cachoeiras e grutas escondidas, causos que passam de geração para geração, danças, culinária, costumes e outras manifestações próprias esquecidas;
- b) Devem-se explorar os aspectos marcantes que os ciclos econômicos deixaram na paisagem e que podem constituir um diversificado patrimônio;
- c) O empreendimento deve estar, preferencialmente, próximo dos núcleos emissores;

- d) O conjunto de atrativos que está situado fora dos limites das propriedades rurais pode ser inserido no contexto de um roteiro. O objetivo é trabalhar a atividade turística de modo integrado e participativo, sempre considerando as características produtivas de cada território;
- e) O Turismo Rural deve contribuir para o fortalecimento dos laços afetivos, reforçar a coesão social, a cooperação produtiva e a valorização dos elementos naturais e culturais. Dessa forma, é preciso verificar se há cooperação entre os atores sociais que atuam na região, como estão os níveis de organização, confiança e participação social.

Apartir da identificação dos recursos, torna-se necessária uma análise dos atrativos capazes de caracterizar a região como propícia para o desenvolvimento do Turismo Rural.

4.9. Atrativos

A valorização da paisagem pelo homem moderno revaloriza a natureza, a cultura, os “fazeres” artesanais, as comunidades tradicionais, tornando a paisagem rural um dos principais fatores de atratividade do Turismo Rural.

Sendo assim, a atividade turística se apropria da paisagem rural, que é caracterizada por um sistema de objetos que lhe é particular, específico – a ruralidade, sendo essa a base da existência do Turismo Rural, a marca da sua identidade.

Segundo Pires (1998): [...] a atratividade das paisagens rurais é devida ao legado da humanização da natureza por meio de atividades agropecuárias e outros aspectos da ocupação do espaço, impregnados pela herança cultural de seus protagonistas. A paisagem e a ruralidade constituem-se elementos primordiais da motivação turística. Considera-se que essas noções, por definição, são indissociáveis.

Para o autor é fundamental, portanto, integrar os elementos que compõem a paisagem rural, pois é a maneira como se relacionam que constitui a ruralidade. Estando, porém, os valores – paisagem e ruralidade – carregados de subjetividade, uma vez que dependem da percepção individual do turista, é preciso destacar os atrativos que as materializam, e as atividades turísticas que podem ser desenvolvidas na região e no âmbito das propriedades rurais:

a) **Serviços e equipamentos turísticos:** serviços, edificações e instalações indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística e que existem em função desta. É importante lembrar que é recomendável incentivar empresas da área ao cadastro junto ao Ministério do Turismo pelo sistema do Cadastur. Entre eles, citamos:

- **Hospedagem** – estabelecimentos que oferecem alojamento e serviços necessários ao conforto do hóspede. No caso do Turismo Rural, pode caracterizar-se como pessoa física ou jurídica e compreende a hotelaria tradicional/convencional, a hospedagem domiciliar ou em “casas de família”, pensões, hotéis, alojamentos, pousadas, campings etc.;

- **Alimentação** – a gastronomia é um elemento muito valorizado pelo turista que procura o meio rural. No Turismo Rural ela pode ser oferecida:

- Na região: estabelecimentos que oferecem ao turista refeições, lanches, bebidas, alimentos em geral e demais serviços complementares. Ex.: restaurantes, lanchonetes, cafés, bares, quiosques etc.;
- Nas propriedades: almoço e café colonial, gastronomia típica, produtos caseiros, entre outros.

- **Guiamento, condução e recepção** – atendimento e orientação ao turista individualmente ou em grupo via centro de informações turísticas, agências e operadoras de turismo receptivo, guias e condutores locais;

- **Transporte no local** – serviços específicos para deslocamento no destino (ônibus de excursão, vans, carro próprio ou disponibilizado pelas prefeituras ou órgãos locais e também os serviços contratados pelos agentes operadores). Inclui também o serviço de transporte ofertado diretamente pelas propriedades rurais para fazer os traslados. Os serviços e equipamentos de transporte turísticos têm a finalidade específica de realizar excursões e outras programações turísticas;

b) **Atividades que podem ser desenvolvidas na região ou nas propriedades:**

- **Agropecuárias**

- **Agricultura** – cultivos de espécies vegetais úteis, sejam para a alimentação humana e animal, seja como matéria-prima para indústria têxtil, farmacêutica, etc. Ex.: milho, feijão, algodão, hortaliças, arroz, etc.;

- **Criação de animais** – inclui todos os tipos de criação: bovinocultura/pecuária tradicional, caprinocultura, ovinocultura, suinocultura, piscicultura, etc.;

- **Atividades de transformação** – referem-se à transformação de matéria-prima vegetal ou animal de modo a agregar valor à produção agropecuária. Ex.: doces, farinha, mel, embutidos, cachaça, licores, sucos, vinho e bebidas em geral, polpas de frutas, queijos e outros derivados de leite, etc.

- **Esportivas e de lazer**

- **Eqüestres** – abrangem atividades que envolvam a interação do homem com eqüinos (cavalo, jumento, burro e outros) para desempenho de alguma lida no campo ou para lazer, esporte e aventura. Ex.: cavalgadas, campeadas, torneios, comitivas, tropeadas ou outras denominações regionais; e os passeios de carroça, rodeios, hipismo etc.;

- **De pesca** – compreende a pesca esportiva e a prática da pesca amadora. Ex.: pesque-pague, pesca em rios, lagos naturais, represas, etc.;

- **De aventura** – atividades recreativas que envolvem riscos controlados e assumidos. Exs.: arvorismo, bóia-cross, rapel, tirolesa e vários outros;

- **De esporte** – compreendem os jogos e disputas competitivas, no âmbito amador, com a presença de regras estabelecidas pela prática de modalidades esportivas. Exs.: corridas a cavalo, prática de ciclismo, caminhadas etc.;

- **Ecoturísticas** – atividades de interação com a natureza, que incentivem o comportamento social e ambientalmente responsável. Exs.: trilhas, observação da fauna (pássaros, borboletas, jacarés, peixes) e da flora (espécies vegetais nativas, parques, etc.) estão entre as possibilidades;

- **Pedagógicas** – atividades de cunho educativo que auxiliam no processo ensino-aprendizagem, comumente promovidas por escolas e realizadas pelos respectivos grupos de estudantes. Ex.: aulas práticas interpretativas do ambiente, palestras informativas, vivências e experiências variadas nos ambientes visitados, incluindo participação em colheitas, ordenhas, trato de animais, etc.;

- **Atividades culturais** – atividades destinadas a proporcionar a vivência dos aspectos culturais mais significativos da região – para fins de conhecimento, contemplação e entretenimento, principalmente. Podem ser relacionadas aos seguintes atrativos:

- **Manifestações populares** – acontecimentos ou formas de expressão relacionados à música, dança, folclore, saberes e fazeres locais, práticas religiosas ou manifestações de fé. Exs.: rodas de viola, folia-de-reis, crenças, rezas, missas, etc.;

- **Artesanato** – objetos produzidos manualmente ou com equipamentos rudimentares, em pequena escala, característicos da produção de artistas populares da região, utilizando matéria-prima regional.;

- **Arquitetura típica ou histórica** – contempla as construções típicas do campo (açude, capela, curral, etc.) as técnicas e materiais construtivos peculiares ou com materiais da região (pau-a-pique, sapé e outros) e as construções históricas, tais como:

- **Museus/casas de cultura** – locais destinados à apresentação e conservação de objetos de caráter cultural ou científico. Ex.: Museu da Cachaça, Museu do Folclore etc.

- **Gastronomia** – conjunto de alimentos e bebidas ofertados que representam as tradições culinárias da região;

- **Recreativas** – compreendem jogos e brincadeiras, com a função de diversão e entretenimento, além de equipamentos destinados a essa finalidade. Ex.: jogos de tabuleiro, rodas cantadas, bingos; e de equipamentos como piscinas, quadras esportivas, etc.

4.10. Agregando atratividade

A agregação de atratividade requer do gestor um bom conhecimento sobre o estabelecimento e a região de modo a identificar vantagens competitivas. Partindo-se das características do segmento e da análise do perfil do consumidor, é possível indicar estratégias para aumentar o tempo de permanência dos turistas e, conseqüentemente, minimizar os efeitos da sazonalidade obtendo melhores rendimentos. A seguir,

sugerem-se alguns mecanismos capazes de agregar atratividade a produtos de Turismo Rural.

4.10.1. Agregação de valor à produção agropecuária

A agregação de valor à produção agropecuária acontece de diversas maneiras. Para tanto, é preciso estar atento às novas tecnologias no que se refere ao cultivo, criação, beneficiamento de produtos e que atendam às questões ambientais, com vistas à sustentabilidade. Verifica-se no Brasil uma série de estratégias implementadas no sentido de buscar a viabilização econômica das propriedades rurais e que, ao mesmo tempo, podem aumentar a atratividade turística de determinados territórios:

1. Beneficiamento e processamento mínimo de matérias-primas de origem animal ou vegetal transformando em embutidos, conservas, produtos lácteos, picles, compotas etc.

Esses processos agregam valor e qualidade à produção agropecuária. Aproveitar o excedente da produção, resgatando processos caseiros de conservação de alimentos, colocando em prática a criatividade e o empreendedorismo.

2. Apresentação dos produtos.

Através da utilização de embalagens especiais que valorizem a aparência dos produtos e o uso de materiais recicláveis e da região, destacando a identidade local.

3. Produção de alimentos ambientalmente correta.

A sociedade valoriza cada vez mais métodos sustentáveis de produção de alimentos para se ter uma alimentação saudável e ambientalmente correta. Destacam-se as práticas baseadas na agroecologia, agricultura orgânica, agricultura ecológica, agricultura biodinâmica e outras.

4. Diversificação da produção.

Com plantio e criação de variadas espécies – de plantas e animais – a fim de proporcionar ao turista novos sabores e experiências. Devem-se privilegiar as plantas e animais da região, mas nada impede que se adotem espécies exóticas, desde que sejam tomados os devidos cuidados para não descaracterizar a atividade.

5. Certificação dos produtos.

Por meio de selos orgânicos, de comércio justo e solidário, de origem: a certificação é mais uma garantia para o turista de que está de fato consumindo um alimento de qualidade, que respeita o meio ambiente e possui reconhecidos atributos sociais, éticos, territoriais, tecnológicos ou culturais. Tornar os produtos mais atrativos e competitivos requer, além da agregação de valor, um cuidado especial para que a inovação adotada garanta sua rusticidade e singularidade.

4.11. Lidando com a sazonalidade.

O Turismo Rural é uma das atividades que mais sofrem com os efeitos da sazonalidade. Por isso, para se estabelecer no mercado, o produto precisa se adaptar oferecendo condições distintas para cada temporada, principalmente, aquelas em que a taxa de ocupação é mínima. Para tanto, o empreendedor deve ser flexível. A escolha das atividades será influenciada, não apenas pelo perfil da demanda, mas também pela capacidade de realização do empreendedor, no que se refere ao conhecimento da atividade que se pretende implementar e à disponibilidade dos recursos – físicos e financeiros – para sua realização. Alguns exemplos do que pode ser feito objetivamente para que os efeitos da sazonalidade sejam minimizados são:

- a) Desenvolvimento de atividades pedagógicas para grupos de estudantes durante a semana nos períodos letivos, colônia de férias, etc.;
- b) Desenvolvimento de atividades de lazer e entretenimento para o público da melhor idade;
- c) Promoção de eventos, leilões, competições esportivas e outras;
- d) Aluguel do espaço para realização de reuniões empresariais, confraternizações, eventos culturais, etc. É importante que essas estratégias possam conciliar a sazonalidade da atividade turística com a sazonalidade da produção agropecuária. Uma alternativa é envolver o turista no cotidiano do processo produtivo, principalmente nas épocas de plantio, colheita e beneficiamento da produção.

4.12. Utilização de práticas de gestão ambiental para o Turismo Rural

A adoção de práticas de gestão ambiental, além de proteger o meio ambiente e garantir a sustentabilidade da produção, contribui para a educação ambiental de

hóspedes, funcionários e proprietários vizinhos, que deve ser transversal à atividade turística, permeando o cotidiano das propriedades.

Citam-se algumas dessas práticas:

a) Coleta seletiva do lixo e sua compostagem – implantação de um sistema de coleta de resíduos sólidos em toda a área do empreendimento, separação, reciclagem de materiais e instalação de unidade de compostagem de restos orgânicos;

b) Tratamento de efluentes e resíduos – sistema de tratamento de esgotos, com caixas ou fossas sépticas, evitando o lançamento de esgotos sem tratamento nos cursos d'água, visando à proteção de rios e nascentes;

c) Reflorestamento – plantio de espécies florestais nativas para a recuperação de áreas degradadas e recomposição de matas ciliares;

d) Utilização de fontes alternativas de energia – algumas opções de energia limpa de baixo impacto são: energia solar ou eólica, utilização de geradores com turbinas movidas pela força da água ou aquecimento de água utilizando aquecedores instalados no fogão à lenha;

e) Conservação e gestão do uso da água – uma medida para minimizar o consumo de água é a captação e o armazenamento de águas da chuva para utilização em chuveiros, pias, vasos sanitários, irrigação de jardins, etc.

4.13. Políticas Públicas para o Turismo Rural no Brasil

Um dos primeiros programas criados pelo governo federal que contribuiu efetivamente para o desenvolvimento do Turismo Rural foi o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) de 1994, como um programa de gestão do turismo que visava à conscientização, à sensibilização, ao estímulo e à capacitação dos vários monitores municipais, para que despertassem e reconhecessem a importância e a dimensão do turismo como gerador de emprego e renda, conciliando o crescimento econômico com a preservação e a manutenção dos patrimônios ambiental, histórico e cultural, e tendo como resultado a participação e a gestão da comunidade no Plano Municipal de Desenvolvimento do Turismo Sustentável e logo contribuiu para a identificação de diversos lugares com potencial turístico, e para o crescimento do número de atrativos e empreendimentos turísticos públicos e privados no espaço rural.

Além da contribuição do PNMT, ainda em 1994, foi apresentado pelo EMBRATUR, as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, e as Diretrizes

para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil a partir de diversas oficinas realizadas entre 1998 e 2003.

Em 1998, foram realizadas as oficinas de Planejamento do Turismo Rural e a Oficina Nacional de Turismo Rural e em 2001, as Oficinas Regionais de Turismo Rural, como principais eventos que fundamentaram as discussões oficiais sobre o Turismo Rural no Brasil.

Nas Diretrizes de 2003, o governo aponta para a necessidade de estruturação e caracterização do turismo desenvolvido nas propriedades rurais para que a atividade não ocorra desordenadamente, e possa consolidar-se como vetor de desenvolvimento sustentável. Apesar da retórica da sustentabilidade e de afirmar a importância dos benefícios do turismo para as comunidades locais, o Ministério do Turismo justifica a segmentação do turismo em função da busca de maior competitividade nos mercados.

O segmento de Turismo Rural inseriu-se, dentro desse contexto, no Plano Nacional do Turismo 2003/2007 proposto por este Ministério do Turismo, através do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, lançado em abril de 2004 propondo uma política pública de planejamento e gestão pouco eficientes, estruturada no ordenamento e na diversificação da oferta turística no país.

Contudo, foi apenas em sua segunda fase que o Plano Nacional de Turismo, agora, 2007/2010, apresentou-se como uma política pública, eficiente e madura, descentralizada que orienta a estruturação de ambientes de organização, a partir do núcleo estratégico constituído pelo Ministério do Turismo, o Conselho Nacional Turismo (CNT) e o Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Turismo.

Completam esse modelo de gestão institucional e empresariado para o turismo nacional, os Fóruns e Conselhos Estaduais de Turismo das 27 Unidades da Federação, as Instâncias Regionais e Macrorregionais de Desenvolvimento do Turismo e os municípios turísticos.

Assim, podemos perceber que é cada vez maior a necessidade de ampliar e consolidar as relações entre o Estado, o setor privado e a sociedade civil organizada.

As proposições, contidas no Plano, organizadas em macroprogramas e programas, devem ser tratadas de forma integrada (Figura 2).



Figura 2 - Macroprogramas e programas do Plano Nacional de Turismo, 2007/2010. BRASIL/MTUR, 2007

Segundo o Ministério do Turismo:

Constitui, dessa forma, um modelo de gestão de política pública descentralizada, coordenada e integrada, com base nos princípios da flexibilidade, articulação, mobilização, cooperação intersetorial e interinstitucional e na sinergia de decisões, como estratégia orientadora dos demais macroprogramas, programas e ações do PNT (BRASIL/MTUR, 2007a).

O programa assimila a noção de território como espaço e lugar de interação do homem com o ambiente, dando origem a diversas maneiras de se organizar e se relacionar com a natureza, com a cultura e com os recursos de que dispõe. Essa noção supõe formas de coordenação entre organizações sociais, agentes econômicos e representantes políticos, superando a visão estritamente setorial do desenvolvimento, que são ainda mais incipientes e limitadas (BRASIL/MTUR, 2007a).

Dentre os vários objetivos do programa temos:

- Promover o desenvolvimento e a desconcentração da atividade turística;
- Apoiar o planejamento, a estruturação e o desenvolvimento das regiões turísticas;
- Aumentar e diversificar produtos turísticos de qualidade, contemplando a pluralidade cultural e a diferença regional do País;
- Possibilitar a inserção de novos destinos e roteiros turísticos para comercialização;

- Fomentar a produção associada ao turismo, agregando valor à oferta turística e potencializando a competitividade dos produtos turísticos;
- Potencializar os benefícios da atividade para as comunidades locais;
- Integrar e dinamizar os arranjos produtivos do turismo;
- Aumentar o tempo de permanência do turista nos destinos e roteiros turísticos;
- Dinamizar as economias regionais.

Dentro do Programa de Regionalização do Turismo, encontramos o Programa de Estruturação dos Segmentos Turísticos, norteado por duas linhas estratégicas: segmentação da oferta e da demanda do turismo e estruturação de roteiros turísticos.

Tais elementos caracterizam os principais segmentos da oferta turística trabalhados pelo programa: Turismo Cultural, Turismo Rural, Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Esportes, Turismo Náutico, Turismo de Saúde, Turismo de Pesca, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Sol e Praia, entre outros tipos de turismo.

O programa propõe:

o ordenamento e a consolidação de cada segmento, a articulação e o fortalecimento de suas instâncias representativas e a padronização de referência conceitual, que juntamente com a estruturação da produção associada ao turismo configuram a base para a construção de roteiros. A roteirização turística é voltada para a construção de parcerias e promove a integração, cooperação e comprometimento entre os atores locais, o adensamento de negócios, o resgate e preservação dos valores socioculturais e ambientais da região, como uma forma de integrar a oferta turística. É válido destacar que a elaboração e estruturação de roteiros turísticos é de responsabilidade da iniciativa privada e o programa tem o papel de indutor desse processo (BRASIL/MTUR, 2007a).

Em uma estratégia de integração regional, o programa apóia projetos de valorização e inclusão social no desenvolvimento do turismo, com intuito de promover a inserção socioeconômica da população local nas atividades relacionadas com o turismo, (BRASIL/MTUR, 2007a).

Além do PNT, podemos citar, ainda, outras instituições que suporte ao desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil e na Paraíba:

- 1. Rede de Turismo Rural na Agricultura Familiar (REDE TRAF)** - articula técnicos, instituições e representações de agricultores que visam o desenvolvimento rural sustentável mediante a implantação e fortalecimento das atividades turísticas pelos agricultores familiares que ocorrem no âmbito da

propriedade dos agricultores familiares mantendo atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem estar aos envolvidos (REDE TRAF, 2008).

- 2. Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar para o Turismo Rural (PRONAF Turismo Rural)** - visa promover o desenvolvimento rural sustentável, através da implantação e fortalecimento das atividades turísticas pelos agricultores familiares, integrada aos arranjos produtivos locais, agregando renda e gerando postos de locais no meio rural, com conseqüente ente melhoria das condições de vida. Destina-se agricultores(as) familiares com renda bruta anual acima de R\$ 3 mil e até R\$ 16 mil; investimentos de R\$ 1,5 mil até R\$ 6 mil; e, custeio: de R\$ 500,00 até R\$ 4 mil (BRASIL/MDA, 2004).

- 3. Programa de Apoio ao Artesanato da Paraíba (PAB/PB)** - tendo como objetivo promover o desenvolvimento do artesanato paraibano, para que seja reconhecido nacional e internacionalmente, de forma integrada com o turismo, melhorando as condições de vida dos artesãos e artistas, através da geração de trabalho e renda, preservando as formas de identidade cultural da região que podem ser transmitidas por processos educacionais às novas gerações (PAB/PB, 2008).

- 4. Associação Paraibana de Turismo Rural (APETUR)** - com sede e foro na cidade de Areia-PB, dedica-se às suas atividades por meio de execução direta de projetos, programas ou planos de ações, por meio de recursos físicos, humanos e financeiros, ou prestação de serviços intermediários de apoio a outras organizações sem fins lucrativos, e a órgãos do setor público que atuam em áreas afins. A Associação tem como principais finalidades a: promoção da assistência social; Promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico; defesa, conservação e preservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável; promoção do desenvolvimento econômico e social e combate à pobreza; etc.”

- 5. Associação de Turismo Rural e Cultural do Cariri Paraibano (ATRACAR) -** a qual procura desenvolver turisticamente o Cariri, no aproveitamento dos potenciais locais e estímulo ao desenvolvimento econômico e social. Entre as ações da associação, está o maior aproveitamento das fazendas e chácaras da região, na estruturação dos setores de hospedagem e alimentação destes empreendimentos. A medida, além de possibilitar o surgimento de novas fontes de trabalho e renda, servirá de suporte para a realização de eventos da região (TRIBUNA DO CARIRI, 2008).

- 6. Rede de Turismo Rural da Paraíba (REDETUR/PB) -** de iniciativa do SEBRAE/PB, a Associação Paraibana de Turismo Rural (APETUR), a Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário na Paraíba, entre outras. A REDETUR/PB tem como diretrizes acompanhar a agricultura familiar, apresentando o Turismo Rural como uma forma de geração organizada de renda, sendo assim, elaborou o Plano de Desenvolvimento do Turismo Rural do Estado (SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DA PARAIBA, 2008).

- 7. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR/PB) -** como a missão de organizar, administrar e executar, em todo Estado, a Formação Profissional Rural (FPR) e a Promoção Social (PS) de jovens e adultos, homens e mulheres que exerçam atividades no meio rural. "Formando e Promovendo o Homem do Campo". O SENAR/PB promove cursos na área de Turismo Rural, tais como: Acolhida no meio rural; Artesanato como recurso turístico no meio rural; Comandando e organizando a cozinha rural; Os segredos da boa culinária rural; Os segredos de restaurantes rurais; Planejando e implantando pousadas rurais; Planejando e implantando restaurantes rurais; Roteiros, trilhas e caminhadas ecológicas; Turismo no meio rural e oportunidade de negócios (SENAR, 2008).

5. METODOLOGIA

A metodologia empregada, a fim de se alcançar o objetivo proposto - o planejamento estratégico para o desenvolvimento sustentável do Turismo Rural no município de Lagoa Seca-PB - adaptou-se da metodologia apresentada por BRASIL/MTUR, 2007c, através do Programa de Regionalização do Turismo. Esta tem por base uma visão atualizada e abrangente da região turística, com suas características, suas relações como o mercado e com outros setores a ela relacionados e permite um planejamento ágil, dinâmico e flexível, com base em informações sistematizadas, atendendo às diretrizes do Governo Federal expressas no Plano Nacional do Turismo (2007-2010) de: redução das desigualdades sociais; distribuição de renda; emprego e ocupação, e equilíbrio da balança de pagamento e conservação dos recursos naturais.

O planejamento foi realizado com base nas informações obtidas de várias fontes, dentre quais:

- Pesquisa bibliográfica e de informações contidas em bancos de dados oficiais e de reconhecida confiabilidade, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), SIMBRASIL da Caixa Econômica Federal, UFPB; Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Universidade Federal de Lavras (UFLA); Universidade Federal de Santa Maria (UFCM); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); CEFET; Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba (EMEPA/PB); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (EMARTER/PB) e outros bancos de dados de entidades governamentais, nas esferas municipal, estadual e federal;
- Coleta de outros dados secundários, a partir de fontes bibliográficas e documentais, reconhecidamente confiáveis, como publicações especializadas, livros, revistas, boletins e outros tipos de informação dos órgãos relacionados ao turismo (Ministério do Turismo, EMBRATUR, Empresa Paraíba de Turismo (PBTUR), APETUR, etc.) ou às suas áreas complementares e que tenham relação com o turismo, como o Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS) e SENAR;

- Coleta de dados primários, em campo, junto aos atores envolvidos, principalmente nas comunidades locais, por meio de questionários, entrevistas, gravações, etc.

5.1. Procedimentos metodológicos

As informações obtidas dos fatos referenciados anteriormente foram obtidas mediante os procedimentos relacionadas a continuação:

5.1.1. Análise situacional do município de Lagoa Seca-PB para a atividade do turismo.

5.1.1.1. Elaboração do inventário da oferta turística;

5.1.1.2. Estudo do mercado turístico:

5.1.1.2.1. Dimensionamento da demanda turística atual e futura;

5.1.1.2.2. Análise dos municípios concorrentes no desenvolvimento do Turismo Rural;

5.1.1.3. Diagnóstico da situação ambiental, econômica, sócio-cultural e político-institucional do município para o desenvolvimento do turismo no município, através do:

5.1.1.3.1. Levantamento dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças.

5.1.2. Elaboração do Prognóstico do município de Lagoa Seca para a atividade do turismo rural sustentável.

5.2. Técnicas de pesquisa e instrumentos para coleta de dados

5.2.1.1. Para a elaboração do Inventário Turístico

Foram coletados os dados do Inventário Turístico, adaptado, elaborados por BRASIL/MTUR, 2006, através do Programa de Regionalização do Turismo, na cidade de Lagoa Seca – PB, divididos, em três temas, com as seguintes variáveis:

- **Infra-estrutura de apoio ao turismo**, subdivididos em: Informações Básicas do Município, Meios de Acesso ao Município, Sistema de Comunicações, Sistema de Segurança, Sistema Médico-Hospitalar, Sistema Educacional, Outros Serviços e Equipamentos de Apoio;
- **Serviços e Equipamentos**, subdivididos em: Serviços e Equipamentos de Hospedagem, Serviços e Equipamentos para Gastronomia, Serviços e

Equipamentos de Agenciamento, Serviços e Equipamentos para Transporte, Serviços e Equipamentos para Eventos, Serviços e Equipamentos de Lazer e Entretenimento, Outros Serviços e Equipamentos Turísticos;

- **Atrativos**, subdivididos em: Atrativos Naturais, Atrativos Culturais, Atividades Econômicas, Realizações Técnicas, Científicas ou Artísticas, Eventos Permanentes; além de entrevistas, gravações, etc. Nessa categoria se integram, ainda, informações obtidas nas oficinas participativas com comunidades locais, em que as pessoas compartilharam seus conhecimentos, seus “saberes” tradicionais, suas histórias, entre outras informações que dificilmente seriam encontrados em bancos de dados formalmente estabelecidos ou em outras fontes documentais.

5.2.1.2. Dimensionamento da demanda turística atual e futura

5.2.1.2.1. Demanda atual

O instrumento utilizado foi o questionário, aplicado nos portões de saída da cidade de Lagoa Seca – PB: no sentido, Campina Grande/Lagoa Seca – no desembarque de passageiros rodoviários em frente ao Colégio Marista; e no sentido Lagoa de Roça/Lagoa Seca - PB – no desembarque de passageiros rodoviários em frente ao Departamento de Transporte e Transito da Cidade. A abordagem foi feita a 110 visitantes: turistas e excursionistas, maiores de 13 anos no encerrando sua visita. Ao abordar no momento em que o visitante deixa o destino garante que ele já tenha realizado todos os consumos de produtos e serviços possíveis e desejados e que desta forma pode emitir uma opinião geral sobre o destino.

O questionário foi estruturado em perguntas abertas e fechadas, e composto por: perfil do visitante (origem, sexo, faixa etária, ocupação e grau de instrução); organização da viagem (motivação da viagem, se utilizou agência de viagens, meio de transporte e de hospedagem utilizado e os gastos na cidade).

O instrumento foi aplicado duas vezes no ano 2008: na baixa e na alta temporada, e a abordagem ao excursionista e turista foi aleatória.

5.2.1.2.2. Demanda futura

O instrumento utilizado foi o questionário. O mesmo foi aplicado nos maiores centros de emissão de turistas do Estado, Campina Grande e João Pessoa, nos terminais

rodoviários; aplicado a 110 turistas que permanecerão no destino por mais de 24hs, maiores de 13 anos e que estavam iniciando sua visita.

O questionário foi estruturado em perguntas abertas e fechadas, e composto por: frequência média/mês de viagens a cidades do interior da Paraíba nos últimos 3 anos, destinos mais visitados, motivação da viagem, épocas de realização das viagens, organização da viagem, exigências mínimas de infra-estrutura, interesse por segmentos de turismo, atividade de interesse para o turismo rural e atrativos conhecidos em Lagoa Seca.

O instrumento foi aplicado duas vezes ao ano 2008: na baixa e na alta temporada, e a abordagem foi aleatória.

5.2.1.3. Para a Análise dos municípios concorrentes no desenvolvimento do Turismo Rural

A análise da concorrência foi feita mediante investigação documental fornecida pelos concorrentes e *“in loco”*.

Foi utilizado como principais fontes de informação as publicações dos concorrentes (relatórios turísticos, brochuras diversas, publicações em internet); publicidade inserida em jornais, revistas especializadas, etc. que permitiu detectar, por exemplo, a sua estratégia promocional (conceito, mensagem, *slogan*, suportes publicitários escolhidos, etc.); vista a campo as cidades de Pocinhos, Areia, Ingá e Matinhas; e, contato com especialistas e associações do setor que ofereceram igualmente a possibilidade de recolher outras informações.

5.2.1.4. Levantamento dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças da atividade turística na região

Os procedimentos básicos utilizados para a realização do estudo foram através do resgate das informações coletadas no inventário, no dimensionamento da demanda e análise com concorrentes.

Com base nessas informações diagnosticou-se as Forças, Fraquezas, Oportunidade e Ameaças, para o desenvolvimento do turismo no município de Lagoa Seca.

5.2.1.5. Elaboração do Prognóstico

Para a elaboração do prognóstico, resgataram-se os dados apresentados na primeira fase do planejamento - a Análise Situacional – discutiu-se e debateu-se, mediante a realização de uma reunião com gestores locais, lideranças e comunidades rurais, na Comunidade do Oiti, zona rural do município; e uma outra com alunos de turismo do curso Técnico em Turismo, da Escola Técnica Redentorista, Guias de Turismo Regional e um agência de receptivo de Campina Grande que organiza excursões para Lagoa Seca – PB, na Cachoeira do Pinga.

Com as informações, seguiu-se os passos, adaptado, dado pelo Ministério do Turismo (2007) para a elaboração do prognóstico, através da criação do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo Rural para o município de Lagoa Seca – PB com as seguintes características:

- Apresentação da Visão 2012 o turismo no município;
- Estabelecimento do Posicionamento Desejado;
- Definir claramente que objetivos se pretende alcançar no futuro;
- Estabelecer as metas que se pretende atingir;
- Determinar o Portfólio de Produtos por Mercados e suas prioridades;
- Apresentar as linhas de ações para Município de Lagoa Seca – PB.

5.3. Delineamento Estatístico

Para o dimensionamento da demanda turística atual e futura foi utilizado o software Microsoft Excel, Versão 2007.

Os resultados foram analisados empregando-se a média aritmética entre cada atributo.

6. RESULTADOS E DISCURSÕES

6.1. ANÁLISE SITUACIONAL DO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA-PB PARA A ATIVIDADE DO TURISMO

6.1.1 INVENTÁRIO DA INFRA-ESTRUTURA DE APOIO AO TURISMO

- **INFORMAÇÕES BÁSICAS DO MUNICÍPIO**

UF: PB

REGIÃO TURÍSTICA: Agreste paraibano

MUNICÍPIO: Lagoa Seca

- **IDENTIFICAÇÃO**

Apresentação do município

Endereço: Prefeitura Municipal de Lagoa Seca: Rua Júlio Maranhão, 112, Centro - Lagoa Seca -PB - CEP: 58117-000

Telefones e fax: Prefeitura Municipal de Lagoa Seca: (83) 3366-1235

Telefones importantes: Câmara Municipal de Lagoa Seca – Tel.: (83) 3366-1100 / Delegacia de Polícia: (83) 3366-1153 / CAGEPA- Cia de Água e Esgotos da Paraíba Tel.: (83) 3366-1245

Site: www.municipioonline.com.br / www.famup.com.br

E-mail: pm.lagoaseca@famup.com.br

Latitude e longitude: 27º17'09" de Latitude Sul; e, 48º55'17" de Longitude Oeste.

- **CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Informações gerais

Possui 111 km² (0,1937% do Estado, 0,007% da Região e 0,0013% de todo o território brasileiro) (IBGE, 2007). Na área rural foram mapeados 07 povoados, com características urbanas: Alvinho, Amaragi, Chã do Marinho, Floriano, Genipapo, Vila Florestal e Vila Ipuarana.

População

Possui 24.937 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 181,48 hab/km², sendo que, do contingente populacional, cerca de 65% da população está na zona rural e 35% está na zona urbana, indicando um baixo índice de urbanização (IBGE, 2007).

Distritos

É constituído por dois distritos, Vila São Pedro, com 0,23 km² (criado pela Lei Estadual N° 3.915, de 1977) e o Distrito Sede, com 1,9 km², totalizando 2,13 km² de área urbana e 108,87 km² de área rural.

Temperaturas

Predominância de temperaturas amenas em torno dos 22°C. Os valores médios extremos variam entre mínimas de 17°C e máximas de 30°C.

Período de chuvas

A estação chuvosa se inicia em janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo se adiantar até outubro, concentrado as maiores chuvas entre os meses de abril e julho, totalizando uma precipitação pluviométrica anual média de aproximadamente 901,0mm (Figura 4).

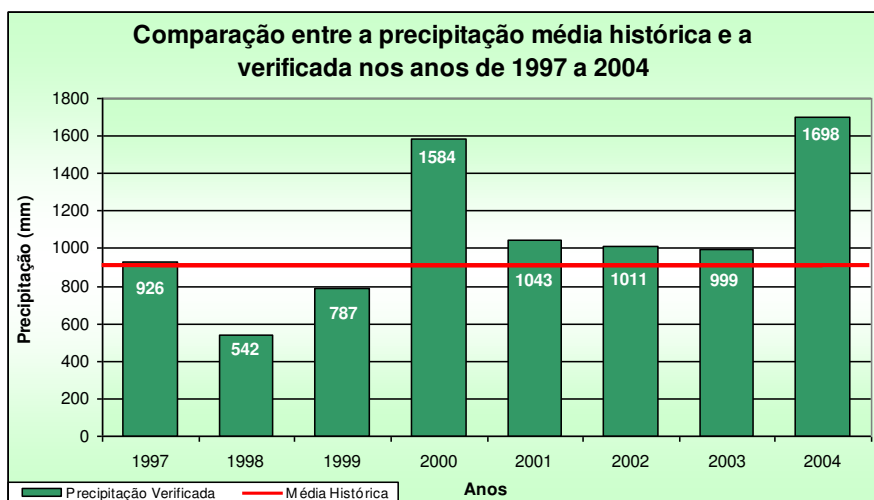


Figura 3 - Precipitação média pluviométrica do município de Lagoa Seca -PB

Clima

Do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco.

Altitude média

Inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 630 a 1.000 metros. A altitude média de Lagoa Seca, em seu Distrito Sede, é de 634 metros acima do nível do mar.

Principais atividades econômicas

- Cultivo de produtos Hortifrutigranjeiros (tendo como destaques a laranja, a banana e o chuchu);
- Na agropecuária a criação de bovinos, suínos e ovinos fortalece a economia local;
- Avicultura;
- A indústria de farinha de Manoel Pereira é a principal base da atividade industrial na cidade;
- No comércio a farinha de mandioca, a batatinha, o frango para o abate, as frutas e verduras são distribuídas para a região. A feira realizada nos fins de semana comercializa os mais variados produtos, servindo de elo de ligação comercial entre Lagoa Seca e cidades vizinhas;
- Nos serviços, o município possui três postos de gasolina, várias mercearias e bares, salões de beleza, farmácias, papelarias, locadoras de vídeo, casas de jogos eletrônicos e acesso à internet, panificadoras, lojas e diversos pontos comerciais;
- A cidade conta ainda com consultórios odontológicos, particulares, um escritório da EMATER, EMEPA, um posto da ENERGISA, um posto de serviço da CAGEPA, uma agência do Banco do Brasil, Correios e outros estabelecimentos prestadores de serviços.

- ADMINISTRAÇÃO

Administração municipal

Nome do prefeito: Edvardo Herculano de Lima - Partido Político: PSDB

Nomes das secretarias, departamentos e outros: Representado na Figura 5.

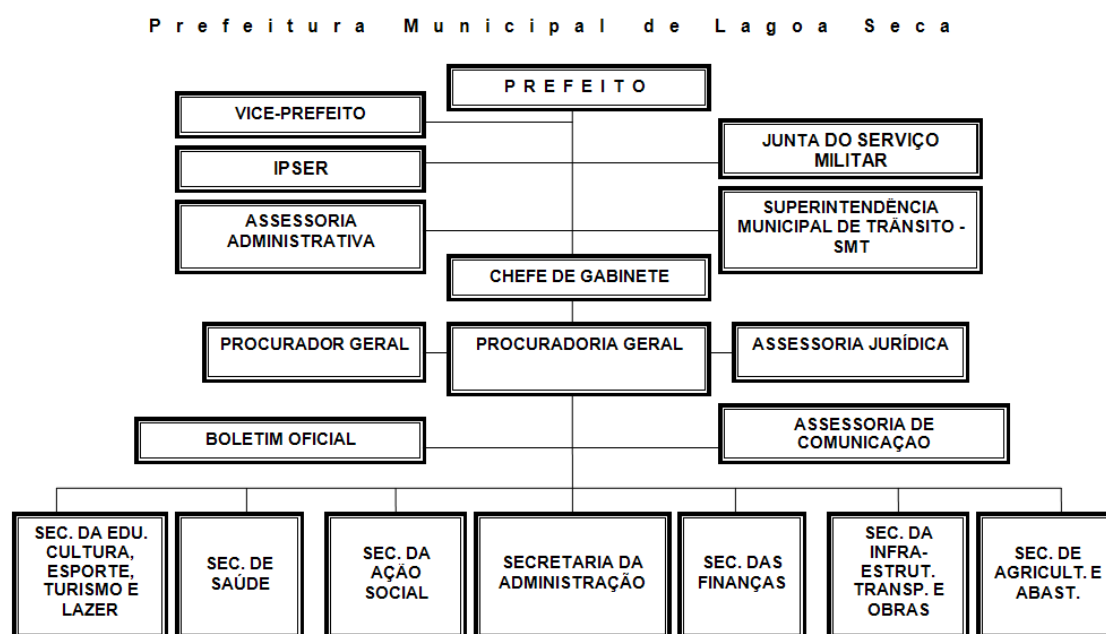


Figura 4 – Organograma do Poder Executivo do município de Lagoa Seca – PB

Órgão oficial de turismo

Departamento de Cultura, Turismo e Lazer, inserido dentro a Secretaria da Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer representado na Figura 6.

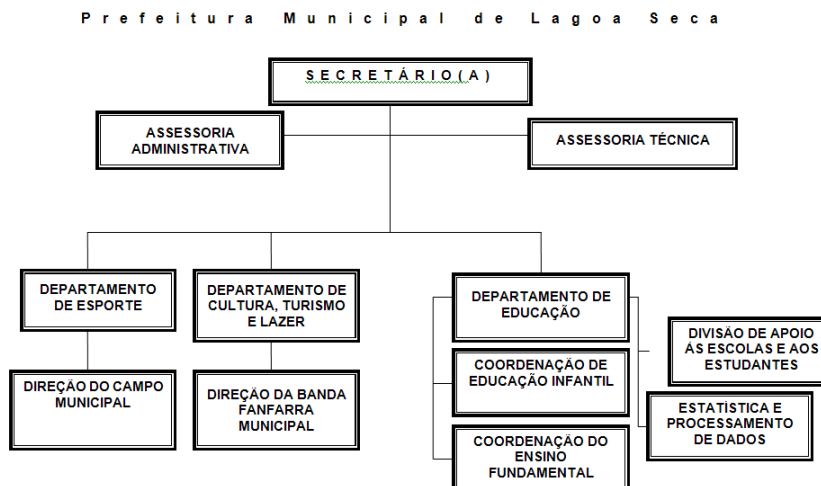


Figura 5 - Organograma da Secretaria da Educação, Cultura, Esporte, Turismo e Lazer do município de Lagoa Seca - PB

• ASPECTOS LEGAIS

Legislação municipal

- Lei Nº 4.504/64 que regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola;
- Lei Municipal Nº 026/99 de 16 de abril de 1999, estabelece os limites do perímetro urbano, definindo dessa forma a zona rural e a zona urbana;
- Lei Orgânica de Lagoa Seca de 05 de abril de 1990 apresenta em seu escopo referência a assuntos, no que diz respeito ao uso e ocupação do solo urbano;
- Lei nº 10.257/01, conhecida como Estatuto da Cidade;
- Lei Nº 029/94 que autoriza a doação de terrenos públicos, de área de percentagem de Loteamento destinado a Prefeitura Municipal, e imóveis adquiridos pela municipalidade.

• CONTEXTO GERAL

Principais feriados e datas comemorativas do município

- 04 de Janeiro – Emancipação da Cidade;
- 15 de Agosto – Padroeira;

- 22 Agosto – Virgem dos Pobres;

Equipamentos, instalações e serviços públicos

Abastecimento de água

Realizado pela Companhia de Água da Paraíba (CAGEPA), além de poços que, segundo o Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, do Ministério de Minas e Energia Água Subterrânea, representam uma reserva potencial substancial, apresentado no Anexo I.

Serviços de esgoto

Não há um sistema de coleta e tratamento de esgotos residenciais na cidade, sendo estes despejados, *in natura*, nos rios.

Na área urbana, estes se utilizam de fossas sépticas e secas com canalizações ligados a rede pluvial ou então ligados diretamente a valas e rios. Já na área rural, as ligações são feitas diretamente aos córregos ou valas.

Serviços de energia

A ENERGISA é a concessionária que oferece este serviço ao município, através da subestação SE - Campina Grande, pertencente à Chesf, que por sua vez é a responsável pela faixa de servidão da linha transmissora de alta tensão que atravessa o município.

Segundo a ENERGISA, 48% do consumo de energia elétrica em Lagoa Seca corresponde ao atendimento na Zona Rural, área que conta com 2/3 da população total.

Serviços de coleta de lixo

A Secretaria de Infra-estrutura é a responsável pela operacionalização do sistema de coleta de lixo no município. Do total de resíduos sólidos gerados pela população, 40% é coletado e 60% possui outro destino final.

- **INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES**

O Município nunca realizou um estudo de demanda turística e número de visitantes por procedência. Um único dado fornecido pela prefeitura, através de

instrução oral, é o número de visitantes durante o período do São João, cerca de 30 mil visitantes em 2008.

- **ATRATIVOS MAIS VISITADOS**

- Atrativo 1: A imagem da Virgem dos pobres - Situada na entrada da cidade, para onde convergem, em romaria, inúmeros fiéis nos domingos e dias santificados;
- Atrativo 2: Cachoeira do Pinga – Situado no Sítio Amaragi, limite com o município de Matinhas, um reduto para aqueles que querem se divertir próximo à natureza e um valioso Sítio Arqueológico com arte rupestre, contendo marcas nas pedras muito semelhantes às encontradas em outros sítios arqueológicos da Paraíba;
- Atrativo 3: Convento Ipuarana - (Colégio Seráfico Santo Antônio) localizado no sítio Santo Antônio, funciona atualmente como uma espécie de centro de convenções. Muito conhecido na região, o convento possui excelente estrutura arquitetônica circundada por bela paisagem arbórea.

- **HISTÓRICO DO MUNICÍPIO**

A povoação do território de Lagoa Seca se deu a partir de 1928/1929 e teve como fundador Cícero Faustino da Silva, marchante que adquiriu 4,5 hectares de terra à beira da estrada, hoje BR 104, para comercializar carne. A iniciativa do Sr. Cícero Faustino da Silva teve seguidores, pois esta estrada se constituía em passagem para tropeiros e para os moradores das cidades vizinhas que iam para Campina Grande, cidade que estava despontando como pólo comercial, espaço antes ocupado por Areia.

A proximidade com Campina Grande foi certamente um fator que contribuiu para o crescimento do povoado, onde logo foram instaladas lojas de tecido, padaria, escola estadual, farmácia, casa de jogo e um cartório.

Em 1933 Lagoa Seca já era uma vila importante, “Vila de Ipuarana”, Ipu (lagoa), arana (ruim, seca), vocábulo de origem indígena que ao ser estudado etimologicamente apresenta o significado do nome atual da cidade, Lagoa Seca.

Segundo Câmara (apud SANTOS, 2000), [...] o decreto estadual nº 551, criou o distrito de Paz de Lagoa Seca (de Campina Grande) e Mãe d’água (de Teixeira). E somente em 1938 é que Lagoa Seca teve ascensão à condição de vila, através do decreto-lei nº.311.

Em 04 de janeiro de 1964, Lagoa Seca conquista sua emancipação política, deixando, portanto, de ser distrito de Campina Grande. Houve até mesmo plebiscito para essa emancipação.

Um aspecto histórico marcante a ser considerado em Lagoa Seca é a religiosidade. Lagoa Seca abriga duas comunidades religiosas, os Franciscanos e os Maristas. Data de 1939 a chegada dos primeiros frades no município, Frei Pedro e Frei Manfredo. Ao chegarem, iniciaram a construção de um convento que superou as expectativas dos franciscanos, visto que passou a receber não apenas alunos de Lagoa Seca e localidades próximas, mas também de outras cidades da Paraíba e até mesmo de outros estados. Os jovens que procuravam o seminário nem sempre pretendiam a vida religiosa, mas, sobretudo, assegurar as condições necessárias para o estudo.

O Colégio Seráfico de Santo Antônio, conhecido como Convento Ipuarana, contribuiu tanto para o arraigamento da fé dos moradores locais, como também para o desenvolvimento local.

A presença dos franciscanos em Lagoa Seca atraiu outra ordem religiosa, os Irmãos Maristas, que chegaram em 1953. Contam os moradores que os Irmãos Maristas doaram um terreno à prefeitura de Lagoa Seca para a construção de equipamentos públicos, dentre outros, uma quadra de esportes. No entanto, o terreno foi loteado, transformando-se num bairro popular, hoje Monte Alegre.

- **PRINCIPAIS PARCERIAS, REDE DE COOPERAÇÃO, INTERCÂMBIOS E INTERFACES COM O MUNICÍPIO**

O governo municipal mantém relações com o Governo do Estado; Governo Federal; PBTUR; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lagoa Seca; AS-PTA; UBV; Pastoral da Criança; Igreja; CEPAS de Lagoa Seca; UEPB; EMATER; EMEPA; Associação de Desenvolvimento Econômico, Social e Comunitária do Almeida (ADESC); Energisa e Eletrobrás; Centro Nacional de Ensino Ambiental e Geração de Emprego (CENEAGE).

- **FONTES DE DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO**

www.municipioonline.com.br

www.famup.com.br

www.ufcg.edu.br

www.ufpb.br

www.emepa.org.br/

www.emater.pb.gov.br

www.energisa.com.br/

<http://www.aspta.org.br/>

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Mapas Base dos municípios do Estado da Paraíba. Escalas variadas.

- **MEIOS DE ACESSO AO MUNICÍPIO**

Sistema viário

- Uma rodovia federal, duas rodovias estaduais e vias locais, conforme Anexo II;
- A partir da Capital João Pessoa, pelas rodovias BR 230/BR 104 distando 109,4 Km;
- O principal centro urbano em sua proximidade é Campina Grande, distando 6 km pela rodovia BR 104;
- A BR-104, atravessa o município de norte a sul, passando pela sede de Lagoa Seca e num trecho à sudoeste, passando pelo povoado de Jenipapo;
- A rodovia estadual PB-095 está localizada a sudeste, no povoado de Chã de Marinho, dando acesso a Massaranduba e Campina Grande;
- Ao norte, tem-se a PB-097, que liga a sede ao município de Alagoa Nova;
- O grande fluxo registrado no município advém das Microrregiões Geográficas do Brejo, Curimataú, Esperança e Campina Grande pela BR-104.

Sistema de transporte

Na cidade circula a linha de ônibus intermunicipal da transportadora São José (Figura 9) vindo de Campina Grande com destino a Lagoa Seca e outras cidades do Brejo Paraibano, como, Esperança, Guarabira, Solânea, Regimo e Alagoa Grande. A saída de Campina Grande inicia-se a partir das 5:30hs e vai até 22:00hs, com frequência de 15 em 15 minutos. A tarifa de Campina Grande à Lagoa Seca custa R\$ 1,00. Há diversas paradas ao longo da BR 104 e na Rua Cícero Faustino, principal e que corta a cidade, além da parada obrigatória em frente ao Departamento de Trânsito e Transporte.

Outra linha que corta a cidade é da Transportadora Nordeste, com origem em Campina Grande, passando por Lagoa Seca, e destino à Natal no Rio Grande do Norte.

A cidade também é servida pelo serviço de Moto-Taxi, atendendo toda a cidade com custo variável entre, R\$ 1,00 e R\$3,00.

Ainda podemos encontrar o serviço de transporte alternativo, não-legalizado, atendendo o trecho Campina Grande/Lagoa Seca/Campina Grande e outras cidades do Brejo Paraibano.



Figura 6 - Transportes da viação São José (linha Campina Grande/Lagoa Seca)

Sinalização geral

A sinalização do município na área urbana está em boas condições para um bom andamento do trânsito, bons sinais luminosos e visuais, facilitando segurança à circulação de pedestres e motoristas. Na zona rural não há sinalização, não dispõe de meio de comunicação para a orientação de pedestres e motoristas.

Sinalização turística

A sinalização de orientação turística é inexistente quase por todo o município.

- **SISTEMA DE COMUNICAÇÕES**

Agências postais

- Agência dos Correios de Lagoa Seca
Endereço: Rua José Jerônimo da Costa, 35. Fone: (83) 3366-1300

Postos telefônicos/telefonias celulares

- Não existe posto de atendimento de telefonia fixa e móvel. A cidade recebe o sinal das operadoras de telefonia móvel Tim e Claro.

Radioamadores: Não existe.

Emissoras de rádio/TV

- Emissora: 87,9 FM - Rádio Comunitária Ypuarana FM - Frequência: 87,9 MHz – Gênero: Popular - E-mail: redacao@radiotabajara.pb.gov.br (Figura10);
- Emissora: 102,7 FM Lagoa Seca do Sistema Correio - Frequência: 102.7 MHz - Gênero: Popular - No ar desde a primeira semana de setembro de 2008 (Figura11);
- Outras rádios que não estão no limite do município, mas que possuem maior alcance são: FM Campina Grande, Panorâmica, Correio, Caturité, Borborema, Cariri e Rádio Cidade (Esperança);



Figura 7 - Logomarca da Rádio Ypuarana, Lagoa Seca - PB



Figura 8 - Sede da 102,7 FM, Lagoa Seca - PB

Jornais e revistas nacionais/regionais/locais

Circula na cidade: Jornal da Paraíba, Correio da Paraíba e Diário da Borborema.

Internet

- **PlayTime**

Endereço: R Cícero Faustino da Silva, Lagoa Seca, PB

Fone: Não informado

- **Data Connection**

Endereço: R Cícero Faustino da Silva, Lagoa Seca, PB

Fone: (83) 9925-4487 / 9902 1634

- **SISTEMA DE SEGURANÇA**

Delegacia/Postos de Polícia

- Delegacia de Polícia, Rua Antônio Borges Costa, 102, Centro, CEP: 58117-000
Telefone: (83) 3366-1153.

Corpo de Bombeiros

- Atendido pelo Corpo de Bombeiros de Campina Grande. Rua D Almeida Barreto, 768 - São José, Campina Grande - PB, 58107615.

Outros

- Posto Fiscal Ruy Brasil, BR 104, Lagoa Seca-PB;
- Posto Policia Militar – Operação Manzuá, BR 104, Lagoa Seca-PB;

- **SISTEMA MÉDICO-HOSPITALAR**

Pronto-Socorros – Não existe

Hospitais

- Hospital Ana Maria Coutinho Ramalho - Hospital Público Municipal. Possui 30 leitos distribuídos da seguinte forma: 13 para clínica médica; 07 para clínica pediátrica; 06 para clínica obstétrica; e 04 para clínica cirúrgica.

Maternidades

O atendimento é realizado no Hospital Ana Maria Coutinho Ramalho ou na Cidade de Campina Grande-PB.

Postos de Saúde

Atualmente há 10 Posto de Saúde da Família, quatro na zona urbana (Monte Alegre, São José, Bela Vista, Inácio Leal) e seis na zona rural (Amaragi, Chão-de-Marinho, Alvinho, Vila Florestal, Compinote, Floriano).

Os postos está assistidos com 10 médicos, 10 enfermeiros, 10 dentistas, 10 auxiliares de dentista, 10 auxiliares de enfermagem e 62 agentes comunitários.

Farmácias/Drogarias

- 5 farmácias, 1 pública e 4 privadas:
- Pública – No Centro de Referência Manuel Jácome Moura;
- Privada - Farmacentro - R Cícero Faustino, 559, Lagoa Seca, PB (Fig, 12);
- Privada - Saúde Pharma - R Cícero Faustino da Silva, 163, Lagoa Seca, PB (Figura 13);
- Privada - G Farma - R Cícero Faustino da Silva, 163, Lagoa Seca, PB ;
- Privada - Farmácia Nova Vida - R Jose Caetano de Andrade, 211, Lagoa Seca, PB.



Figura 9 - Farmácia Farma Centro



Figura 10 - Farmácia Saúde Pharma

Clínicas Odontológicas

- 12 consultórios odontológicos, 10 público (nos PSF) e 2 privadas:
- Privado – Dentista - R Cícero Faustino da Silva, Lagoa Seca, PB Fone: (83) 9144 8932
- Privado – Prótese Dentário Ricardo Sódre – Rua José Jerônimo da Costa, Lagoa Seca, PB Fone: Não Informado

Outros

- Laboratório Central de Análises Clínicas
Endereço: Rua João Otaviano Pequeno, 154, Lagoa Seca – Fone: (83) 3366-1573 – Em frente ao Hospital Ana Maria Coutinho Ramalho

- **SISTEMA EDUCACIONAL**

Ensino Fundamental/Médio e creches

São 32 escolas de ensino fundamental e duas creches.

Segue as informares referentes ao número de alunos e professores do Pré I ao 9º ano do ano de 2008:

Nº de Professores: Do 6º ao 9º ano – 50 professores

Do 1º ao 5º ano – 141 professores

Do Pré I ao Pré II – Não informado

Nº de alunos: Pré I – 338; Pré II – 398; 1º ano - 523; 2º ano – 586; 3º ano – 585; 4º ano – 561; 5º ano – 501; 6º ano – 260; 7º ano – 198; 8º - 137; 9º - 95.

O município possui ainda uma Escola de Jovens e Adultos, para alunos com distorção de idade e série funcionando nos períodos diurno e noturno que vai do 1º ano ao 7º ano com um total de 403 alunos.

Do total de alunos, 2246 estão na zona rural (2036 do Pré I ao 5º ano e 210 do 6º ao 9º ano) e 1.591 na zona urbana (111 do Pré I ao 5º ano e 480 do 6º ao 9º ano).

De ensino médio temos apenas uma escola - Escola Estadual de 1º e 2º Graus Francisca Martiniano da Rocha, a qual, não conseguimos informações sobre número de alunos e professores.

Ensino superior

- UEPB - Universidade Estadual da Paraíba através do curso de Bacharelado em Agroecologia. Site: www.uepb.edu.br.

Cursos técnicos

- Colégio Agrícola Assis Chateaubriand, pertencente à Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, com oferecimento do curso Técnico de Agropecuária.

- **OUTROS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS DE APOIO**

Agências Bancárias/Casas de Câmbio

- Banco do Brasil. Endereço: Rua Cícero Faustino Silva 99, Centro. Telefone: (83) 3366-1299. (Figura 14);
- Bradesco. Através do Banco Postal da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Endereço: Rua José Jerônimo da Costa, Lagoa Seca-PB;
- Caixa Econômica Federal. Através das duas casa lotéricas. Ambas localizadas na Rua Cícero Faustino Silva, Centro, Lagoa Seca – PB.



Figura 11 - Banco do Brasil, Lagoa Seca - PB

Postos de Abastecimento

- Posto Ipuaruna. Endereço: BR 104, km 116, Lagoa Seca-PB;
- Posto Bela Vista. Endereço: BR 104, Rua Cícero Faustino Silva, Centro, Lagoa Seca – PB;
- Posto Lagoa Seca, Rua Cícero Faustino Silva, Centro, Lagoa Seca – PB;



Figura 12 - Posto Ipuarana



Figura 13 - Posto Bela Vista

Locais/Templos de Manifestação de Fé

- Capela da Porciúncula;
- Convento Ipuarana, Sítio Santo Antônio, s/n, Zona Rural - Lagoa Seca - PB - CEP: 58117-000. Tel: (83) 3366-1121;
- Convento dos Maristas. Rua Cícero Faustino Silva, 101, Centro - Lagoa Seca - PB - CEP: 58117-000. Tel: (83) 3366-1248;
- Convento Seráfico Santo Antônio. Sítio Ipuarana, s/n, Zona Rural - Lagoa Seca - PB - CEP: 58117-000. Tel: (83) 3366-1290;
- Imagem da Virgem dos Pobres. BR 104, Sede, Lagoa Seca-PB. Ponto de Referência: Entrada do Convento Seráfico Santo Antônio;
- Comunidade Católica Obra Nova. Comunidade de Oiti - Zona Rural - Lagoa Seca.

6.1.2 INVENTÁRIO DOS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS

- **Hospedagem**

- O município possui poucos meios de hospedagem que atendem ao turista;
- Observa-se também a falta qualificação tanto dos funcionários, quanto dos proprietários levando ao comprometimento dos empreendimentos e da qualidade dos serviços prestados;
- Não há programas de captação de clientes, tampouco investimentos em melhorias e programas de capacitação, dificultando o aumento na taxa de ocupação, não trazendo retorno para o empreendimento e para a cidade;
- Os meios de hospedagem local também pouca estrutura que permita o bom acesso aos deficientes físicos.

- **Pousada**

Pousada Magia do Verde

Endereço: Sítio Conceição, s/n Zona Rural - Lagoa Seca – PB

Telefone/fax: (83) 3366-1347 / 3342-3131 / 9106-2761

Site: <http://www.magiadoverde.com.br/> E-mail: magiadoverde@bol.com.br

Pontos de referência: Entrada do Posto Ipuarana de Combustíveis. Endereço: Rod BR 104, s/n km 116. Telefone: (83) 3341-4700

Descrição: A pousada situa-se na zona rural a 5 km de Campina Grande e a 2 km de Lagoa Seca. Possui um clima ameno, por estar a 700 m de altitude e temperatura agradável, que varia entre 15 e 28 graus durante todo o ano. Atualmente, funciona apenas nos finais de semana. Apresenta facilidades nas UHs(Figura 17), como: cama-Box, TV, frigobar, banho quente e ar-condicionado; espaço para recreação e lazer, como, restaurante panorâmico, piscina com cascata (Figura 18), restaurante de inverno (varandas), piscina infantil com hidromassagem, foqueiródromo, playground, trilha na mata; além de instalações para eventos. As diárias estão variando de R\$ 140,00 para casal (com café da manhã) e R\$30,00 por acompanhante. Há restrições aos hóspedes deficientes físicos. Contudo, a pousada dispõe de boa infra-estrutura com necessidade de pequenas intervenções para a melhoria da qualidade dos serviços ofertados.

Atualmente possui um maior fluxo para seu uso restaurante que propriamente para o serviço de hospedagem.



Figura 14 - Vista das Unidades Habitacionais da Pousada Magia do Verde



Figura 15 - Piscina da Pousada.

- **Outros Meios de Hospedagem**

Convento Ipuarana

Endereço: Sítio Santo Antônio, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Site: Não Possui **E-mail:** Não Informado

Pontos de referência: Entrada da Virgem dos Pobres, BR 104, Sede Lagoa Seca-PB

Descrição: O Convento (Figura 19) situa-se em local de fácil acesso. Distancia-se 500 metros com Sede de Lagoa Seca. Possui um período de funcionamento apenas quando sedia eventos com valor das diárias negociadas junto com o evento. Como facilidades nas UHscoletivas temos, camas solteiro, beliche e banheiros coletivos com banho quente e frio. Como recreação e lazer possui 2 pátios com área verde para descanso e meditação, além de instalações para eventos através de auditório principal e salas separadas, igreja, capela, restaurante e cozinha industrial. Não possui restrições aos hóspedes. De um modo geral a hospedagem é simples com pouco conforto, porém em boas condições podendo ser utilizada apenas quando há realização de eventos no próprio local.



Figura 16 - Fachadas das Unidades Habitacionais do Convento Ipuaruna

- **Gastronomia**

Os equipamentos de gastronomia local apresentam as seguintes características gerais:

- O município possui poucos equipamentos de gastronomia que atendem ao turista;
- Ressaltamos certo compromisso, em dois dos restaurantes com condições de atendimento ao turista, preocupação com qualificação tanto dos funcionários, quanto dos proprietários dos empreendimentos;
- Nestes, observamos que há preocupação com a diversidade e qualidade dos pratos oferecidos;
- Possuem bom acesso aos deficientes físicos.

- **Alimentação**

O município conta com apenas um restaurante na zona ruralbarna e um na zona rural com características diferenciadas de atendimento ao turista. O restaurante da zona ruralbarna possuem boa infra-estrutura para a recepção de clientes, com necessidade de melhoramento no aprimoramento da manipulação de alimentos. Para o restaurante da zona rural é necessário melhoramento nas instalações, que rústicas, caracterizam o local, mostrando, assim, ser este o seu diferencial. Apenas o restaurante da zona rururbana possui acesos para deficientes com dificuldade de locomoção.

- **Restaurante**

O Bananal (Figuras 20, 21, 22 e 23)

Endereço: Br 104, km 119. Estrada de Campina Grande par Lagoa Seca –PB, 58100 - 000

Telefone/fax: Telefone: (83) 3321-0374

Site: Não Possui **E-mail:** Não Informado

Pontos de referência: À 1,5km depois do Posto Militar (Manzuá)

Descrições: Localizado a área ruralbarna, o restaurante possui excelente infra-estrutura, local de fácil acesso e posicionamento estratégico entre as cidades de Lagos Seca e Campina Grande. Tradicional na culinária regional, mostrando, assim, ser este seu diferencial juntamente com sua infra-estrutura rústica. O restaurante é adaptado para deficientes físicos em sua entrada principal e banheiros. Funciona de terça e domingo, com capacidade para 800 pessoas.



Figura 17 – Vista superior do Restaurante O Bananal.
Google Earth, 2008



Figura 18 - Área externa O Bananal



Figura 19 - Área interna O Bananal



Figura 20 - Vista do Restaurante O Bananal

Marcelo da Galinha

Endereço: Sítio Conceição S/N, Lagoa Seca –PB, 58100 -000

Telefone/fax:

Site: Não Possui **E-mail:** Não Informado

Pontos de referência: À 1km do Posto Militar (Manzuá) da BR 104.

Descrições: O restaurante localizado, possui uma estrutura rústica precária, culinária regional, clima agradável e bela vista rural. A sinalização turística de orientação de acesso na BR 114 (Fig, 24). Há restrições para deficientes físicos.



Figura 21 - Sinalização para o Restaurante Marcelo da Galinha, Lagoa Seca-PB

- **Lanchonete/Padaria**

As duas padarias da cidade, também trabalham com lanches rápidos.

Panificadora Virgem dos Podres (Figura 25)

Endereço: Rua Cícero Faustino da Silva, 154, Centro, Lagoa Seca-PB

Panificadora Bom Jesus (Figura 26)

Endereço: Rua Cícero Faustino da Silva, 189, Centro, Lagoa Seca-PB



Figura 22 - Panificadora Virgem dos Podres



Figura 23 - Panificadora Bom Jesus

- **Agenciamento**

Lagoa Seca não dispõe de empresas de turismo, sejam operadoras ou agências de viagem emissivas e/ou receptivas, devendo ser incentivado a implantação das mesmas para ser trabalhado melhor o desenvolvimento do turismo na cidade.

Os roteiros de turismo da cidade, aqui restritos a Cachoeira do Pinga, são desenvolvidos por agência receptivas de Campina Grande (como a Avantour, www.avantur.com.br) ou por grupos de guias regionais, como, Irmãos e Trilhas (<http://irmaos-em-trilhas.Figurapic.net>).

O município, ainda, não possui agências que ofereçam serviços de apoio ao turista, informações e serviços de intérpretes, isso devido a cidade está num estágio inicial de desenvolvimento turístico.

- **Transporte**

A cidade é servida de sistema de transporte na linha Campina Grande/Lagoa Seca/Campina Grande com saída diária e boa frequência do Terminal Rodoviário Christiano Lauritzen em Campina Grande para o Terminal Rodoviário de Lagoa Seca promovendo o deslocamento de pessoas, por via terrestre. Não existe serviços e equipamentos de transporte turístico com a finalidade específica de realizar excursões, traslados e outras programações turísticas, em veículos terrestres, bem como não possui locadoras de automóveis que oferecem aluguel de automóveis, motos, etc., utilizados para fins turísticos. É servido de sistema de taxi e moto-taxi com deslocamento para todo o município, mediante pagamento para um local desejado

- **Eventos**

O município possui dois espaços para realização de eventos, apropriando a cidade para eventos técnico-científicos e religiosos, além de espaços públicos ocasionalmente ocupados para realização de eventos culturais de massa.

- **Auditórios/Salões de Convenções**

Auditório da Escola Assis Chateaubriand (Figura 27)

Natureza da identidade: Pública – UEPB

Endereço: Sítio Imbaúba, S/N

Telefone/fax: Telefone: (83) 3366-1244 / 3366-1297

Site: www.uepb.edu.br **Email:** Não Existe

Pontos de referência:

Descrições: Localizado na área urbana à de 1km da sede de Lagoa Seca-PB. Funciona de segunda a sexta e feriados caso solicitado para realização de eventos. Possui recursos materiais como data-show, projetor de *slides*, quadro e computador e periféricos. No espaço acontecem eventos de classificação técnica-científica, geralmente organizados pelas instituições de ensino de nível médio, técnico e superior.



Figura 24 – Sala-de-Aula da Escola Assis Chateaubriand, UEPB, Lagoa Seca-PB.

www.jovemta.blogspot.com/2008_04_01_archive.html

Auditórios do Convento Ipuarana (Figura 28 e 29)

Endereço: Sítio Santo Antônio, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: Não Informado

Site: Não existe **Email:** Não Existe

Pontos de referência: Imagem da Virgem dos Pobres

Descrições: O Convento possui um auditório principal com capacidade para 300 pessoas, além de salas menores com capacidade entre 50 e 100 pessoas. Dispõe de recursos materiais como cadeiras e mesas. Não possui equipamentos multimídia. Nesse espaço acontecem eventos durante todo o ano, classificados como técnico-científicos, culturais e religiosos.



Figura 25 - Auditório Convento Ipuarana,
Lagoa Seca/PB.

<http://www.catedralcg.com.br>



Figura 26 - Sala de reuniões, Convento
Ipuarana, Lagoa Seca/PB

<http://www.catedralcg.com.br>

- **Lazer e Entretenimento**
- **Parques/Jardins/Praças**

Praça Severino Cabral (Figura 30)

Pontos de referência: Prefeitura Municipal

Principais atividades: Festa de São Pedro na Praça, descanso e lazer.

Descrições: Localizada na área urbana, sede de Lagoa Seca, a praça necessita passar por um processo de urbanização (infra-estrutura, pintura, paisagismo) e revitalização, sendo mais utilizada para eventos.

Praça Frei Malfredo (Figura 34)

Pontos de referência: Prefeitura Municipal

Principais atividades: Descanso e lazer.

Descrições: Localizada na área urbana, sede de Lagoa Seca, a praça necessita passar por um processo de urbanização (infra-estrutura, pintura, paisagismo) e revitalização, sendo mais utilizada para eventos.

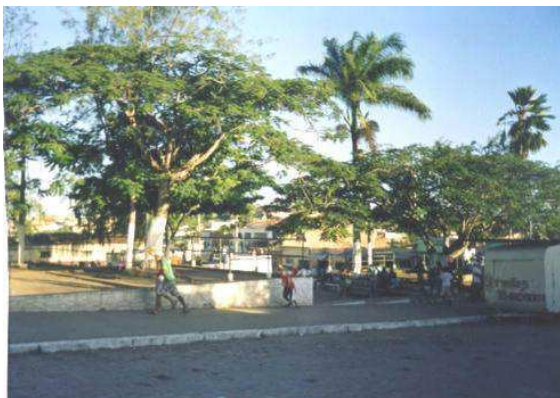


Figura 27 - Praça Severino Cabral



Figura 28 - Praça Frei Malfredo

- **Estádios/Ginásios/Quadras**

Ginásio de Esporte “O Santinão”

Endereço: Bairro Monte Alegre, Lagoa Seca-PB

Pontos de referência:

Principais atividades: Campeonatos esportivos e treinamento escolar

Descrições: Localizado na área urbana do município o ginásio de natureza pública atente as escolas para treinamento escolar e sedia campeonatos esportivos.

- **Casas de espetáculos**

Vale do Jatobá (Figura 33)

Endereço: Sítio Covão, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: (83E 3341-3111

Site: Não Possui **E-mail:** Não Informado

Pontos de referência: Entrada do Bairro das Nações, Campina Grande-PB

Descrições: De natureza privada, localizada na área rural do município, a Casa é uma das mais conhecidas na região principalmente pelos espetáculos de forró durante as festividades juninas. Possui fácil acesso através de BR 104 na saída de Campina Grande, entrada do Bairro das Nações com pista pavimentada de chão batido. Funciona de maneira mais intensa no mês de Junho, e, ocasionalmente em outros períodos para realizar eventos artísticos esporádicos.



Figura 29 – Vista superior do Vale do Jatobá. Google Earth, 2008.

Vila Forró (Figura 34 e 35)

Endereço: Rodovia BR 104, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: Telefone: 3337-3737/FAX: 3337.2028

Site: <http://www.spazzio.com.br/vilaforro.php> **Email:** Não Informado

Pontos de referência: No sentido Campina Grande/Lagoa Seca, primeira entrada após Posto Fiscal Ruy Brasil

Descrições: De natureza privada pertencente ao grupo Spazzio Promoções e Turismo S/A de Campina Grande, localiza-se na área rural do município à 5km do centro da cidade de Campina Grande e 4km de Lagoa Seca, possui capacidade para 15.000 pessoas. Funciona durante o mês de Junho com as Festas Juninas, e, eventualmente, durante o restante do ano sempre quando solicitado para eventos ou outras apresentações artísticas promovidas pela própria casa.



Figura 30 – Vista superior da Vila Forró.
Google Earth, 2008.



Figura 31 – Pátio da Vila Forró-PB

6.1.3 INVENTÁRIO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS

- **Atrativos Naturais**
- **Montes/Morros/Colinas**

Colinas do Cumbe

Endereço: Sítio Cumbe, Zona Rural Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Região de Furnas

Descrição:

Também conhecido por Colinas Verdejantes (Figura 36), localizado no Sítio Cumbe, de gestão particular, zona rural, distancia-se 20 minutos da Sede de Lagoa Seca, cerca de 7km. Pouco sinalizado, possui meio de acesso regular através de pista esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido. O atrativo não é servido de transporte público, e só possível visitá-lo por meio de veículos particulares, táxi ou moto-táxi. As Colinas não se encontram em área de conservação ambiental, porém, é bem conservado, pois sua visitação ainda é pequena devida, principalmente, está dentro de área particular.

No atrativo é explorada a paisagem e vegetação para contemplação e descanso. A maior parte dos visitantes é do próprio município, Alagoa Grande, Matinhas, Campina Grande e outras cidades vizinhas. O atrativo possui beleza paisagística notável com superfície arredondada. Bom potencial de exploração de maneira sustentável.



Figura 32 – Paisagem da Região do Cumbe, Sítio Cumbe, Lagoa Seca-PB

- **Hidrografia**
- **Rios**

Rio Mananguape

Endereço: Sítio Amaragi, Zona Rural Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Região de Furnas

Descrição:

Também conhecido por Furnas ou Rio Manguape, localizado no Sítio Amaragi, zona rural, distancia-se 20 minutos da Sede de Lagoa Seca, cerca de 8km. Não sinalizado, meio de acesso regular e pista esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido, com obstáculos na passagem de rios, restringindo o acesso a veículos de pequeno porte no inverno. O atrativo não se encontra em área de conservação ambiental, não há estudos de capacidade de carga, sendo o número de visitantes no local não controlado.

Há roteiros comercializados por agências de receptivo em Campina Grande (como a Avantour, www.avantur.com.br) ou por grupos de guias regionais, como, Irmãos e Trilhas, além de grupos de excursionistas ou mesmo aqueles que viagem sem agências, do próprio município e oriundos de outros, como, Alagoa Grande, Massarambuda, Matinhas e Campina Grande.

O trecho do Rio Mamanguape (Figura 37) possui águas para banho com volume sazonal, em função ao período de chuvas. No local, há indícios da falta de gestão, como acúmulo de lixo as margens do rio, proliferação de algas, comprometimento da mata ciliar e degradação das rochas.

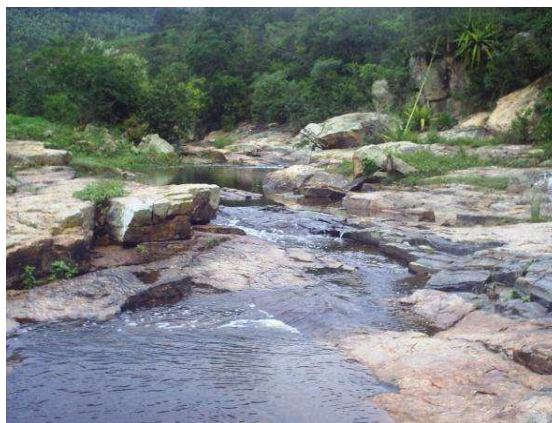


Figura 33 – Rio Mamanguape, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB

- **Lagos/Lagoas**

Açude Pesque-e-Pague (Figura 38)

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: (83) 3322-3694

Ponto de referência: Sítio Seu Guimarães, Sítio Oiti.

Descrição:

O Açude é situado no Sítio das Palmeiras, de gestão particular, na comunidade de Oiti, à 5km de Lagoa Seca-PB. Não possui sinalização geral e turística. O Acesso é regular por pista esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido e vegetação encobrindo parte dela. O tempo gasto da Sede do município ao atrativo é de 20 minutos, cerca de 4km, permitindo apenas veículos particulares, turísticos, moto-táxi e táxi, pois não servido de transporte coletivo. Não está inserido dentro de área de conservação ambiental, contudo, está bem conservado, pois, não há, ainda, visitação ao local (o açude foi apenas construído visando a atividade, porém, não existe atividade turística e prática).



Figura 34 - Açude Pesque-e-pague, Sítio das Palmeidas, Lagoa Seca-PB

- **Quedas D`água**

Cachoeira do Pinga (Figura 39)

Endereço: Sítio Amaragi, Zona Rural Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Região de Furnas

Descrição:

A Cachoeira do Pinga localiza-se no Sítio Amaragi, de gestão particular, zona rural de Lagoa Seca, numa região também conhecida como Furnas. Distancia-se cerca de 30 minutos da Sede do município. Possui pouca sinalização turística ao longo do caminho e nenhuma no local. O meio de acesso é regular, por pista esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido e com passagem de rios que restringe o acesso a veículos de pequeno porte no inverno chuvoso. Apenas veículos particulares, turísticos, moto-táxi e táxi chegam ao local, pois não é servido de transporte público. Não está inserido numa unidade de conservação, nem há estudos sobre capacidade de carga. O número de visitantes é maior nos meses de inverno quando o fluxo de água também maior tornando o lugar mais atrativo.

No local é praticado banho e rapel. Há roteiros comercializados por agências de receptivos locais em Campina Grande (como a Avantour, www.avantour.com.br) ou por grupos de guias regionais. A maior parte dos visitantes é do próprio município, Campina Grande e cidades circunvizinhas.

A Cachoeira possui 3 quedas d'água de 2 a 5 metros com volume de água sazonal, de acordo com o período de chuvas. Possui beleza paisagística notável.

É visível o índice de degradação ambiental que o atrativo em apresentando devido à falta de gestão, com acúmulo de lixo e poluição das águas. Deve haver sensibilização para os frequentadores do local, com relação ao despejo de lixo e preservação das inscrições rupestres inseridas dentro nas margens das quedas d'água.



Figura 35 - Cachoeira do Pinga, Lagoa Seca

- **Corredeiras**

Corredeira do Rio Mananguape (Figura 40)

Endereço: Sítio Amaragi, Zona Rural Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Região de Furnas

Descrição:

Apresenta as mesmas características de localização, meios de acesso, estradas, sinalização, transporte, comercialização de roteiros e origem dos visitantes da Cachoeira do Pinga, pois são as águas de sua queda que forma as corredeiras.

No local é praticado rapel e *rafting* na descida da corredeira.

A Corredeira do Rio Mamanguape possui uma extensão de 400 metros com volume de água sazonal, em função com o período de chuvas. Apresenta beleza paisagística notável ameaçada por não haver controle dos visitantes no local, sendo, então, necessário um estudo de capacidade de carga. Deve haver, também, maior sensibilização para os frequentadores do local, com relação à segurança e uso de equipamentos da prática do esporte de aventura, e ainda, criar cursos de monitores de atrativos turísticos especializados em áreas naturais com população local afim de explorá-lo de forma sustentável.



Figura 36 - Corredeiras do Rio Mananguape, no sítio Amaragi, Lagoa Seca - PB

- **Cavernas, Grutas e Furnas (Figura 41)**

Poço Verde

Endereço: Sítio Amaragi, Zona Rural Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Região de Furnas

Descrição:

Apresenta mesmas características de localização, meios de acesso, estradas, sinalização, transporte, comercialização de roteiros e origem dos visitantes da Cachoeira do Pinga, pois o Poço Verde encontra-se no mesmo local e suas águas são também provenientes da cachoeira.

No local é praticados banho e saltos do alto das pedras que o circundam.

O Poço Verde possui cerca de 3 metros de profundidade. No local os banhistas realizam saltos, na maioria das vezes, sem qualquer instrução ocasionando risco a integridade física dos mesmos. No inverno o rio fica cheio e o poço, devido à corredeira das águas do rio, provoca redemoinho levando o banhista menos experiente para o fundo. No local já ocorreram duas mortes.

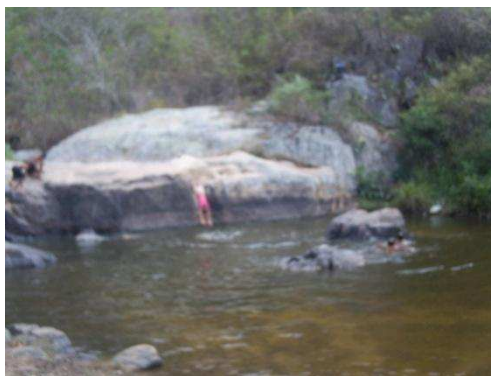


Figura 37 - Poço Verde, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB

- **Vegetação**

A vegetação nativa do município é a floresta subcaducifolia, formações florestais com baixa densidade e porte em torno de 20 m. Os caules são retilíneos, altos e predominam árvores de folhas miúdas. Parte desses indivíduos perdem as folhagens na época mais seca do ano. Toda vegetação natural cedeu lugar ao desenvolvimento de culturas diversas, feijão, mandioca, milho, destacando-se o cultivo de olerícolas e algumas frutíferas. As principais espécies encontradas são: Angico (*Anandenanthera macrocarpa*), Pau-darco (*Tabebuia serratifolia.*), Maçaranduba (*Manilkara rufula*), Sucupira (*Bawdichia virgillioides*), Barriguda (*Ceiba pentandra*), dentre outras.

- **Atrativos Culturais**
- **Sítios Históricos**
- **Conjunto Histórico**

Igreja Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro (Figura 42)

Endereço: Sítio Amaragi, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Sede da Associação de Amaragi

Descrição:

Mantida pela Igreja Católica de Lagoa Seca, a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, situada no Sítio Amaragi, zona rural, distancia-se, 10 minutos da Sede do município, cerca de 6km. O atrativo não é sinalizado e, também, não há sinalização ao longo do acesso até o mesmo. O acesso é bom com pista parcialmente pavimentada de chão batido. No local chega-se apenas com veículos particulares, moto-táxi e táxi, pois não é servido de transporte público. O Atrativo não está inserido em unidade de conservação e está em estado avançado de deteriorização.

No local é celebrado apenas duas missas ao mês, o que nos conclui a pouca utilização do mesmo para fins religiosos.

A Igreja possui uma beleza de arquitetura rural única no município em formato de cruz com vitrais ao seu redor. Sua construção iniciou-se com a construção de um cruzeirinho em homenagem a uma menina morta no local no ano de 1918, e, logo depois, em 1928 a igreja foi contruída.

A escadaria da igreja foi deteriorada através da sobreposição de pedras sobre as originais e encontra-se ameaçado de perder sua originalidade, ainda, através de uma possível pintura e reformas internas, realizadas pela própria comunidade sem qualquer conhecimento da importância do local para o desenvolvimento do turismo e preservação do patrimônio histórico-cultural local.



Figura 38 - Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Sítio Amaragi.

- **Sítio Arqueológico**

Sítio Amaragi

Endereço: Sítio Amaragi, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Região das Furnas

Descrição:

O Sítio localizado na zona rural do município, distante cerca de 30 minutos da sede, cerca de 8km, em pista parcialmente pavimentada de chão batido e não sinalizada.

No local podemos encontrar inscrições rupestres (Figura 43), geralmente associadas a grupos indígenas Bultrins em pedras nas margens do Rio Mamanguape.

O atrativo encontra-se abandonado, sem nenhuma ação de gestão, controle e monitoramento.

O atrativo, ainda, não é explorado, porém, já podemos observar o estado de abandono local, sendo necessário que se trabalhe a gestão do local, através de, por exemplo, estudo de capacidade de carga do local, inexistente, e a delimitação e demarcação da área a ser visitada para resgatar à memória desses habitantes ancestrais da Paraíba.



Figura 39 - Inscrições rupestres nas margens do Rio Mamanguape, no sítio Amaragi.

- **Edificações**
- **Arquitetura Religiosa**

Convento Ipuaruna (Figura 44)

Endereço: Sítio Santo Antônio, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Entrada da Virgem dos Pobres

Descrição:

Localizado no Sítio Santo Antônio, na zona rural do município, cerca de 5 minutos, 1km, da sede, através de pista pavimentada de paralelepípedo é mantido pela Ordem Franciscana da Igreja Católica. Possui excelente estado de conservação, porém pouco sinalizado. Não há roteiros de comercialização para o atrativo, sendo seus visitantes do próprio município e de Campina Grande.

O início da construção data de 1939. De 1942 até 1971 funcionou o Seminário Seráfico de Santo Antônio (Ipuarana), que durante estes 29 anos formou mais de 1600 alunos.

O atrativo possui beleza arquitetônica religiosa particular, além de ser uma referência para católicos de todo o estado e até mesmo do país, funcionando atualmente como centro de encontros e convenções, além de missas e eventos, culturais e religiosos

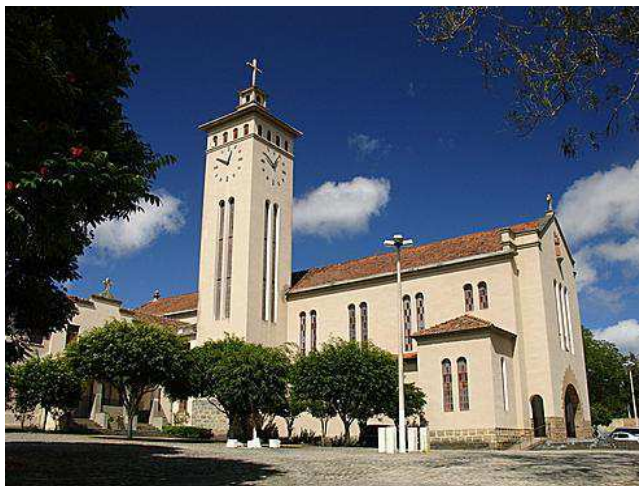


Figura 40 - Convento Ipuaruna, Lagoa Seca-PB

- **Instituições Culturais**
- **Museu/Memorial**

Museu do Índio

Endereço: Sítio Santo Antônio, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Entrada da Virgem dos Pobres

Descrição:

Localizado no Convento Ipuarauna apresenta mesmas características de localização, meios de acesso, estradas, sinalização, transporte e comercialização de roteiros. A maior parte dos visitantes são grupos de estudantes do próprio município e visitantes do convento.

- **Edificações**
- **Arquitetura Religiosa**

Convento dos Maristas (Figuras 45 e 46)

Endereço: Rua Cícero Faustino Silva, 10. Centro - Lagoa Seca - PB - CEP: 58117-000

Ponto de referência: Entrada da Virgem dos Pobres

Telefone/fax: (83) 3366-1248

Localizado na zona urbana do município é mantido pela Ordem Religiosa Irmãos Maristas da Igreja Católica. Os meios de acesso são excelentes, através da BR 104, pista pavimentada, asfáltica, bastante utilizadas e servida de transporte coletivo. Dista 2 minutos da Sede da Cidade. O atrativo possui excelente estado de conservação.

As atividades praticas no local são a de Ensino, através do Colégio dos Maristas (Figura 45), missas, eventos técnico-científicos e religiosos.

Sua construção data início da construção (Figura 46) em 1953. O atrativo possui beleza arquitetônica particular, contudo pouco utilizado para visitação.



Figura 41 - Entrada do Convento dos Maristas, Lagoa Seca-PB



Figura 42 - Prédio principal do Convento dos Maristas, Lagoa Seca-PB

- **Obras de Arte**
- **Escultura/Estátua/Monumento/Obelisco**

Imagem da Virgem dos Pobres

Endereço: BR 104, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Convento Ipuarana

Descrição:

Localizado na BR 104, junto à entrada do Convento Ipuarana, é mantido pelo Noviciado Marista Virgem dos Pobres do Convento dos Maristas. Bem sinalizado e com facilidade de meio de transportes coletivo e acesso, através de pista pavimentada asfáltica de bastante movimento, é hoje um dos principais motivos de visitantes ao município através de peregrinações e procissões, aos domingos e dias santificados, como as que saem de Campina Grande todos os anos, em que inúmeros de perigrinos, seguem à pé, pagam suas promessas e rezam.

Assim, no local, é praticado a adoração a Santa (Figura 47), a realização de missas e pagamento de promessas.



Figura 43 - Imagem da Virgem dos Pobres, BR 104, Lagoa Seca - PB

- **Festas e Celebrações**
- **Religiosidade/De manifestações de Fé**

Procissão de Corpus Christi (Figura 48)

Descrição:

A procissão acontece anualmente na cidade atraindo visitantes das cidades circunvizinhas. As ruas da cidade que se enfeitam para adoração do cristo e montam tapetes de pó-de-serra nas ruas.



Figura 44 - Procissão Corpus Christi, Lagoa Seca-PB

- **Religiosidade/De manifestações de Fé**

Festa de Santo Antônio

Descrição:

O evento que se iniciou em 2006 e já tem a segunda edição, 2008, dar a possibilidade do católico de Lagoa Seca demonstrar a devoção a Santo Antônio conciliada com a divulgação da cultura local.

No evento pratica-se atividades religiosas com missas, novenas, procissão, além de, barracas de comidas típicas, apresentações culturais, bingos, jogos amistosos e muito forró pé-de-serra. A entrada é franca, sem limite do número de participantes.

É mantido e realizado pelo Convento dos Franciscanos, Ipuaruna, em parceria com a Paróquia e apoio da Prefeitura Municipal.

- **Populares/Folclóricas**

São Pedro na Praça (Figura 49,50,51)

Endereço: Praça Severino Cabral, Sede de Lagoa Seca

Descrição:

O São Pedro na Praça encontra-se hoje em sua 4ª edição. Acontece no final do mês de Junho e início de Julho durante 3 dias. Segundos dados da Prefeitura Municipal, em sua última edição, o evento contou com cerca de 30 mil pessoas. A entrada é franca, sem limite do número de participantes.

O evento apresenta atrações musicais e quadrilhas juninas, com visitantes do próprio município, Campina Grande e cidades circunvizinhas.

O evento resgata a cultura local com apresentações culturais de bandas de forró e quadrilhas. Conta com o apoio da PBTUR e do Centro Nacional de Ensino Ambiental e Geração de Emprego (CENEAGE).



Figura 45 - Folder promocional do 3º São Pedro na Praça, Lagoa Seca-PB



Figura 46 - Palco Principal do São Pedro na Praça, Lagoa Seca-PB



Figura 47 - Praça Severino Cabral durante o São Pedro na Praça, Lagoa Seca-PB

- **Música e Danças**
- **Banda e Conjunto Musical**

Banda Fanfarra Ypuarana

Descrição:

Mantida pela Prefeitura Municipal a Banda Fanfarra Ypuarana, de Lagoa Seca, começou suas atividades em 1985, desde, então, passou por dois recessos e regressou aos trabalhos musicais no ano de 2005, continuando até hoje, ininterruptamente.

A Banda realiza apresentações na cidade de lagoa Seca, Campina Grande e em outros municípios quando convidada.

Os músicos não são remunerados, participam por vontade e satisfação própria. Além da função de entretenimento, a Banda Fanfarra Ypuarana de Lagoa Seca tem também um valor social agregado. Muitos dos jovens participantes têm nela, uma atividade de lazer e aprendizado que ocupa o tempo ocioso, e, conseqüentemente, os afasta do risco social.

Atualmente ela é formada por 48 integrantes, distribuídos entre 44 músicos, 2 porta-estandartes e 4 pessoas na comissão de frente. Entre os instrumentos tocados estão: trombone, trompete e os de percussão em geral. A Banda tem no histórico, apresentações em diversas cidades da Paraíba, Alagoas e Pernambuco.

Os custos com viagens para apresentações em outros estados e municípios são todos arcados pela Prefeitura Municipal.

O grupo apresenta composições clássicas, regionais e populares. Repertório este, que é fruto de diversos ensaios realizados quatro dias por semana, divididos entre aulas teóricas e práticas. Além disso, existe ainda uma escolinha para os jovens que pretendem entrar para Banda, em substituição aos músicos que vão saindo, gradativamente.

- **Artesanato**
- **Clube de Mães Virgens dos Pobres**

Descrição:

O grupo conta com atualmente com cerca de 600 integrantes que realizam atividades variadas proporcionando entretenimento, lazer, distração e integração entre os participantes. O artesanato é realizado por parte dos integrantes do grupo em suas mais variadas formas, estopa, madeira, com utilização de reciclagem, etc. O clube ainda

organiza anualmente o Salão do Artesanato que, em sua última edição, 2008, contou com a presença de 100 artesões que divulgam e comercializam seus produtos.

Grupo de Artesanato Paulina Diniz

Descrição: O grupo de artesanato Paulina Diniz existe há oito anos e conta com cerca de 20 integrantes que expõem seus trabalhos na comunidade Juracy Palhano, as margens da BR-104, em Lagoa Seca. Os trabalhos produzidos (Figura 52,53,54,55) pelos artesãos recebem incentivo do programa "Paraíba em suas Mãos" do Governo do Estado e tem um histórico de reconhecimento internacional. As peças produzidas já participaram de diversas exposições no Brasil e no mundo. A produção é de santos, animais e estatuetas.

Endereço: R: João Otaviano Pequeno, 454, Centro, Lagoa Seca - PB - CEP: 58117-000

Responsável: Martinho de Araújo

Fones: (83) 3366-2436/99864508 **Email:** guigoubass@bol.com.br

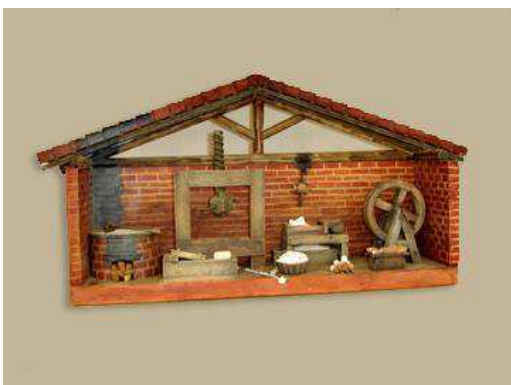


Figura 48 – Replica de Casa de Farinha



Figura 49 - Cabeça de Cristo entalhada em Madeira



Figura 49 - Fruteira pequena com frutas artesanais



Figura 50 - Mulher com Lata D`água

Maria Salete da Silva Araújo (Salete Diniz)

Descrição: Esta artesã teve seu trabalho exposto no livro "Em Nome do Autor", uma publicação organizada pelo Ministério da Cultura. Ela faz parte, e foi uma das fundadoras, do Grupo de Artesanato Paulina Diniz e trabalha com a produção de peças e esculturas em madeira.

Trabalhando de forma artesanal há mais de 37 anos, a mulher é típica herdeira dos conhecimentos passados de mãe para filha. Sua mãe, Dona Paulina, foi uma das artesãs mais talentosas do Estado, e ensinou a arte quando Salete ainda era criança.

Endereço: R. João Otaviano Pequeno, 454, Centro, Lagoa Seca – PB - **CEP:** 58117-000

Fone: 83-3366-2436

Martinho Araújo

Descrição: Este artesão trabalha com madeira, na fabricação de santos, presépios de natal e outros, além de ser presidente do Grupo de Artesanato Paulina Diniz.

Endereço: R. João Otaviano Pequeno, 454, Centro, Lagoa Seca – PB - **CEP:** 58117-000

Fone: 83-9916-4951

Lourdes Diniz

Descrição: Esta artesã trabalha com artesanato em madeira e é participante do Grupo de Artesanato Paulina Diniz.

Maria de Lourdes da Silva (1)

Descrição: Esta artesã produz bolsas, blusas, colchas, saias, chapéus, passadeiras.

Endereço: Rua Antonio Jacinto Costa, 187 B - CEP: 58117-000

Fone: 83-3366.1118

Maria de Lourdes da Silva (2)

Descrição: Produz Crochê.

Maria de Lourdes do Nascimento

Descrição: Esta artesã produz bonecas de pano (bruxa) e peças inteira crochê.

Endereço: Rua Lúcio Brasileiro, 280 - CEP: 58117-000

Fone: 83-99716402

Guilherme da Silva Araújo (Guilherme Diniz)

Descrição: Este artesão trabalha com esculturas - cenários populares, santos, faixadas e placas

Endereço: Rua João Otaviano Pequeno,454, Centro, Lagoa Seca – PB - **CEP:** 58117-000

Fone: 83-3366-2436 / 83-9979-5361

Grupo de Produção de Figuras em Estopa

Descrição:

O grupo se destaca na produção de bonecas de estopa (Figura 56) com figuras regionais e religiosas. Possui, atualmente, 18 associados.

Endereço: Rua Cícero Faustino, 237, Centro, Lagoa Seca – PB - **CEP:** 58117-000

Fone: 83-3366-1203

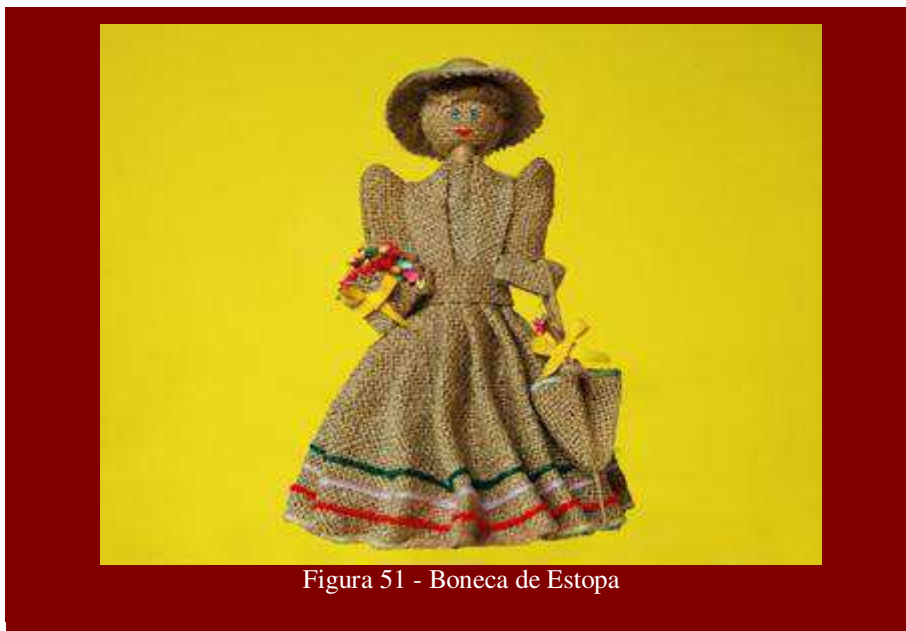


Figura 51 - Boneca de Estopa

Josefa Possidonia de Araújo (Nenem)

Descrição: Esta artesã produz bonecas e santos de estopa.

Endereço: Rua 15 de agosto, 60 - CEP: 58117-000

Fone: 83-3366-1397

Maria de Fátima Araújo Aciole (Fátima Polucas)

Descrição: Esta artesã trabalha com santos, bonecos, presépios

Endereço: Rua 15 de Agosto, 60 - CEP: 58117-000

Fone: 83-3366-1397/9900-7850

Maria de Fátima de Oliveira Araújo (Fátima)

Descrição: Esta artesã trabalha com crochê e conjunto de tecidos para cozinha.

Endereço: R. Lucas da Rocha, 318 - CEP: 58117-000

Fone: (83) 3366-2316

Maria do Socorro Araújo

Descrição: Esta artesã produz bonecas de pano e fuxico

Endereço: R. José Caetano de Andrade, 621 - CEP: 58117-000

Fone: (83) 3366-2171

Maria do Socorro Araújo de Sousa (Coca)

Descrição: Esta artesã produz produtos feitos de estopa: presépios, santos, bonecas, santa ceia

Endereço: Rua Quinze de Agosto, 60 CEP: 58117-000

Fone: 83-3366-1397/9153-9338

- **Atrativos Econômicos**
- **Agropecuária**

Agricultura

Granja Jardim das Flores

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Sítio Oiti

Telefone/fax:

Descrição:

A Granja das Flores, também conhecida como Sítio Jardim das Flores, situa-se na zona rural do município no Sítio Oiti, à 2km, cerca de 15 minutos da Sede de Lagoa Seca. O acesso ao local é regular e feito por pista de barro esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido e não é servido de transporte público, além de mal sinalizado, sendo necessárias reformas estruturais para recebimento de turistas.

O sítio está em regular estado de conservação sendo necessárias reformas a edificações que o compõe e resgate da plantação de flores para comercialização, vontade dos proprietários (Figura 57).

Como atratividade podemos citar a agricultura familiar com a plantação de flores e hortifrutigranjeiros, além do bonito Pôr-do-sol (Figura 58). O sítio possui uma casa principal e uma anexa que pode ser utilizada como hospedagem e restaurante. Possui área externa para apresentações culturais.



Figura 52 - Família de agricultores familiares da Granja Jardim das Flores



Figura 53 - Pôr-do-sol da Granja Jardim das Flores

Sítio das Hortaliças

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Sítio Oiti

Telefone/fax:

Descrição:

O Sítio situa-se na zona rural do município, no Sítio Oiti, à 4km, cerca de 30 minutos da Sede de Lagoa Seca. O acesso ao local é regular e feito por pista de barro

esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido e não é servido de transporte público e não sinalizado. O sítio está em bom estado de conservação.

Possui uma casa principal (Figura 59) que pode utilizada para hospedagem e restaurante, além de área externa para apresentações culturais e uma entrada com vista para toda a plantação. O principal atrativo do sítio é a agricultura familiar (Figura 60) através da plantação de hortaliças (alface, coentro, pimentão, jiló, milho) e frutas (laranja e maracujá).



Figura 54 - Entrada Sítio das hortaliças



Figura 55 - Plantação de Alface, Sítio das hortaliças

Sítio do Seu Guimarães

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Sítio Oiti

Telefone/fax: (83) 3322-3694 (Campina Grande)

Descrição:

O sítio situa-se na zona rural do município, no Sítio Oiti, à 2km, cerca de 15 minutos da Sede de Lagoa Seca. O acesso ao local é regular e feito por pista de barro esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público e mal sinalizado. O sítio está em regular estado de conservação, com a casa principal e seu anexo precisando de reformas para atender aos turistas.

O sítio possui 2,5 hectares e seu principal atrativo é diversificação da plantação cebolinha, rabanete, pimentão amarelo e verde, cenoura, chicória, alface crespo, alface liso, alface roxo, alface americano, quiabo, fava, brócolis, rúcula, mastruz, manga,

coco, abacaxi, agrião, espinafre, muitas qualidades de alface, cana e nim, num sistema agroecológico (Figura 61)

A produção é vendida no local e comercializado pelo proprietário nos municípios de Campina Grande, diretamente aos clientes (hoje mais de 160 famílias e 5 restaurantes) e Lagoa Seca.

Outra atração é o Sr. Guimarães (Figura 62), proprietário e estudioso de agricultura agroecológica, o qual repassa seus conhecimentos aos visitantes de seu sítio e clientes.



Figura 56 - Cultivo em consórcio agroecológico do Alface e Chuchu, Sítio Oiti.



Figura 57 - Sr. Guimarães, Sítio Sr. Guimarães.

Sítio das Palmeiras

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Sítio Oiti

Telefone/fax: (83) 3322-3694 (Campina Grande)

Descrição:

O sítio situa-se na zona rural do município, no Sítio Oiti, à 3,5km, cerca de 25 minutos da Sede de Lagoa Seca. O acesso ao local é regular e feito por pista de barro esburacada, parte, encoberta de vegetação dificultando o acesso, parcialmente pavimentado de chão batido e não servido de transporte público e não sinalizado. O sítio está em regular estado de conservação, com a casa principal bem conservada, precisando apenas poucas reformas estruturais (telhado e fachada) e casa anexa precisando de reformas para atender os turistas. Não está inserido dentro de unidade de conservação, porém os proprietários reparam boa área para proteção ambiental.

Como atrativos podemos citar a barragem (Figura 66), construída com o propósito de ser um pesque-pague; projeto de construção de uma corredeira com as águas do barreiro e rio que passa pelo lugar; entrada principal de palmeiras imperiais (Figura 63); criação de abelhas para fabricação de mel (Figura 67) e posterior comercialização; é fabricado de forma artesanal licores e geléias com produtos e frutas locais (Figura 65); fauna: possui aves silvestres que habita a área, como o urutau (Figura 68), ave que se confunde com o tronco da árvore pela camuflagem de suas penas; flora: grande variedade espécies de plantas frutíferas e nativas locais; possui projeto de trilhas na mata; É produzido artesanato rústico em madeira (bancos, utensílios domésticos e esculturas); e, garrafas com areia colorida local (Figura 64).

O Sítio possui uma excelente área para que se desenvolva o Turismo Rural, porém faz-se necessário um trabalho de organização da infra-estrutural para o recebimento de turistas, contudo, os proprietário pensem em transformar o local para a prática de turismo pedagógico.

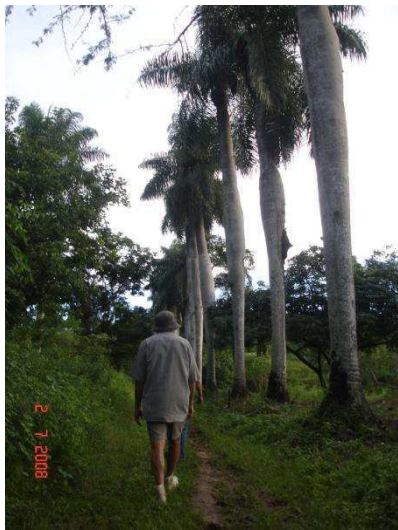


Figura 58 - Entrada do sítio com palmeiras imperiais.

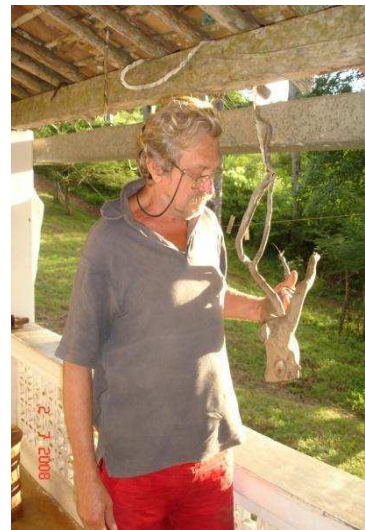


Figura 59 - Proprietário e artesão apresentando sua obra, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB



Figura 60 - Produção de licor e geléia, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB



Figura 61 - Barreiro construído para pesque-pague, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB



Figura 62 - Cultivo de Abelhas, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB



Figura 63 - Urutau, ave camuflada de casca do tronco da árvore, Sítio das Palmeiras, Lagoa Seca-PB

Sítio Retiro

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: Não Existe

Descrição:

O Sítio Retiro, também conhecido com Sítio do Robinho situa-se na zona rural à 2 km, cerca de 10 minutos da Sede de Lagoa Seca. O acesso ao local é regular e realizado por pista de barro esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido e não

é servido de transporte público e mal sinalizado. O sítio está em bom estado de conservação.

O atrativo principal é a agricultura agroecológica.

O sítio possui 12 hectares de terra, sendo 3ha reservados para proteção de mata nativa, no restante planta-se: mandioca, feijão, batatinha, milho, fava, cará preto, inhame, coentro, batata doce, ainda tem uma capineira e uma área de pasto, além de manga, jaca, jabuticaba, acerola e caju para o consumo da casa. A plantação é realizada de forma agroecológica através da plantação em consórcio

Sítio da Comunidade Obra Nova

Endereço: Sítio Oiti, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Entrada da Comunidade Oiti

Telefone/fax: Não informado

Descrição:

A Comunidade Obra Nova, situa-se no Sítio Oiti, zona rural à 2 km, cerca de 10 minutos da Sede de Lagoa Seca. O acesso ao local é regular e realizado por pista de barro esburacada, parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público e é não sinalizado.

O sítio está em bom estado de conservação, com ampla casa, sala, quartos, capela, terraço para eventos, cozinha, estacionamento e portão de entrada.

A comunidade, de origem católica, abriga pessoas com motivos religiosos, viabilizando hospedagem e alimentação. É mantida pela Renovação Carismática Católica, doações particulares e arrecadação de verbas através da realização de eventos no local.

O sítio possui uma bela vista para as montanhas e um bom espaço para realização de eventos.

Sítio Almeida

Endereço: Sítio Amaragi, Zona rural

Ponto de referência: Comunidade Amaragi

Telefone/fax: Não Informado

Site: Não existe **E-mail:** Não existe

Descrição:

Situa-se no Sítio Amaragi, zona rural, cerca de 2km da Sede do município. O acesso é bom, por pista de barro, parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público.

Os irmãos Severino e Osvaldo Maciel, proprietários, trabalham juntos e são conhecidos pela união da família e criatividade nas atividades. Em 1996, através de seu Antônio Flor, conheceram técnicas para condução de viveiro de mudas. Arrendaram, em seguida, 2500 metros quadrados para instalar o viveiro, por um período de dois anos. No começo produziam somente laranjas e limões. Após, frequentarem dois cursos sobre fruticultura em Lagoa Seca, aprenderam novas técnicas, que gradativamente começaram a praticar. Em 1999, investiram na captação e armazenamento de água. Compraram também um telefone, que é usado para a divulgação dos produtos por toda a região. O viveiro se desenvolveu e passou a ser a principal fonte de renda da família. Hoje são produzidas diversas mudas cítricas: torange, cravo, minuto do céu, lima da pérsia, lima de umbigo, pokan, tangerina, laranja comum, comum de rama, comum rosa, laranja japonesa, laranja pêra, miúda azeda, limão Taiti e limão comum. Eles têm realizando também outras experiências com enxerto de umbu; fazem cavalo de araticum para enxertar a graviola; enxertam o umbu no cajá para ser testado no brejo e o cajá no umbu para levarem para o Cariri. As mudas dos irmãos Maciel são vendidas para granjeiros e agricultores dos municípios da região e também de outros estados do nordeste, por encomenda. Porém, o que eles consideram mais importante é o intercâmbio com outras famílias de agricultores, que já estão desenvolvendo seus próprios viveiros.

Sítio das Laranjas

Endereço: Sítio Amaragi, Zona rural

Ponto de referência: Comunidade Amaragi

Telefone/fax: Não Informado

Site: Não existe **E-mail:** Não existe

Descrição:

Situa-se no Sítio Amaragi, zona rural, cerca de 2km da Sede do município. O acesso é bom, por pista de barro, parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público.

O sítio localiza-se vizinho a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, atrativo cultural que se trabalhado corretamente possibilita visitação, então o sítio pode torna-se ponto de apoio para turistas.

A produ o local de laranjas e coco, que podem ser vendidos ao turistas in natura ou transformados para agregar valor. O proprietário   receptivo e sua esposa possui conhecimento da história da igreja, porém necessita de sensibiliza o para poderem trabalhar com o turismo.



Figura 64 - Família de agricultores na colheita de laranjas, Sítio das Laranjas, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB

Sítio do Z  do Barro

Endereço: Sítio Amaragi, Zona rural

Ponto de referência: Comunidade Amaragi

Telefone/fax: Não Informado

Site: Não existe **E-mail:** Não existe

Descri o:

Situa-se no Sítio Amaragi, zona rural, cerca de 7km da Sede do município. O acesso   regular, por estrada de barro, limitado em épocas de chuva forte devido a passagem do rio por pista de barro, pista de barro, parte enladeiraada de 5 minutos de caminhada parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público.

O sítio localiza-se na entrada para a cachoeira do Pinga. Há planta o predominante é de banana que é comercializada. O local   passagem obrigatório para quem vai   cachoeira. O proprietário repassa informaçoes aos visitantes sobre a cachoeira e apresenta mapa do local. O sítio possui, ainda, um pátio onde ficam estacionadas motos dos visitantes

O proprietário é receptivo e pretende montar um ponto de apoio e informações aos turistas no local.



Figura 65 - Vista do pátio e casa rural do Sítio Amaragi, Sítio Amaragi, Lagoa Seca-PB

- **Pecuária**

Haras Vale Verde

Endereço: BR 104 Norte - km 114, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Posto Ipuarana

Telefone/fax: (83) 9971.4276

Site: <http://www.harasvaleverde.com.br/> **E-mail:** ramalhohvv@globo.com

Descrição:

O Haras (Figura 69) situa-se na zona ruralbana do município. Distancia-se 2 km de Lagoa Seca, cerca de 5 minutos e 6km de Campina Grande, cerca de 10 minutos. O acesso ao local é excelente e feito pela BR 104, pavimentada, asfáltica, servido de transporte público e bem sinalizado. O estado de conservação é muito bom.

O Haras Vale Verde concentra todo o seu esforço na produção de cavalos das raças Quarto de Milha e *Paint Horse*, exclusivamente, para o esporte da vaquejada. Ocupa uma área de 70 hectares (Figura 70), dividida em 12 piquetes, ocupada por pastagens dos: Capins Costcross e Estilozante Campo Grande. Para garantir o abastecimento de água aos animais foram construídos 3 barragens. Em uma área física de aproximadamente 1500 m² (Figura 71), estão localizadas 20 baias, maternidade veterinária, selaria, farmácia, depósitos de rações e sal mineral e depósito para armazenar feno. Haras Vale Verde dispõe de 1 redondel com 16 m de diâmetro, com piso de areia.

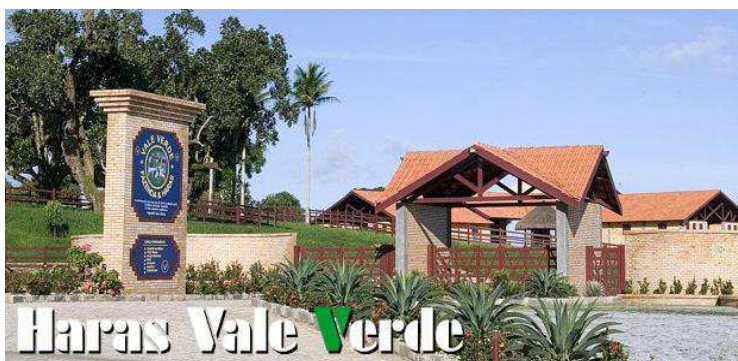


Figura 66 - Entrada Haras Vale Verde



Figura 67 – Vista aérea do Haras Vale Verde, Lagoa Seca-PB.



Figura 68 - Casa principal, Haras Vale Verde

- **Criação de Animais Silvestres**

Estação Ecológica Lagoa dos Canários

Endereço: Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Entrada a esquerda do Posto Ipuarana

Telefone/fax: Não Informado

Site: Não existe **E-mail:** Não existe

Descrição:

A estação distancia-se 2 km de Lagoa Seca, cerca de 5 minutos e 6km de Campina Grande, cerca de 10 minutos. O acesso ao local é excelente e feito pela BR 104, pavimentada, asfáltica, e parte parcialmente pavimentada de chão batido, não

servido de transporte público e não sinalizado. A propriedade rural é privada e voltada à criação de aves exóticas e conservação do meio ambiente (Figura 72).



Figura 69 – Vista aérea da Estação Ecológica Lagoa dos Canários, Lagoa Seca-PB.

- **Indústria**
- **Bebidas**

Talante Mix de Cachaça

Endereço: Sítio Conceição s/n, Lagoa Seca –PB

Telefone/fax: Telefone: (83) 3331-8141

Site: <http://www.talantemix.com.br/> **E-mail:** contato@talantemix.com.br

Descrição:

A estação distancia-se 2 km de Lagoa Seca, cerca de 5 minutos e 7km de Campina Grande, cerca de 15 minutos. O acesso ao local é bom, parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público e pouco sinalizado. Funciona de Segunda à Sexta-feira.

A Cachaça Talante (Figura 73) é produzida e engarrafada em Lagoa Seca a partir da cachaça com graduação alcoólica em 23%, e apresenta quatro sabores diferentes: banana, canela, coco e menta. A fabrica não recebe visitantes, porém pode fazê-lo através de sensibilização empresarial. A cachaça é comercializada em toda Paraíba nos mais diversos estabelecimento (Figura 74).



Figura 70 - Cachaça Talante.



Figura 71 – Prateleira com Cachaça Talante comercializada em hipermercado em Campina Grande

- Atrações Técnicas, Científicas ou Artísticas
- Centro de Pesquisa

Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba (EMEPA) - Estação Experimental de Lagoa Seca

Endereço: Estrada de Imbaúba, Km 3 Zona Rural, CEP 58.117-000 - Lagoa Seca, PB

Ponto de referência: Sítio Imbaúba, Zona Rural, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: Fone: (83) 3366-1298

Site: http://www.emepa.org.br/ee_lagoa_seca.php **E-mail:** emepa@emepa.org.br

Descrição:

A EMEPA, mantida pelo Governo Estadual, distancia-se 2 km da Sede de Lagoa Seca, cerca de 5 minutos. O acesso ao local é excelente e feito pela BR 104, pavimentada, asfáltica, e parte parcialmente pavimentada de chão batido, não servido de transporte público e pouco sinalizado.

Na Paraíba, A EMEPA, possui 342 funcionários, sendo 80 pesquisadores e 262 de apoio à pesquisa e desenvolvimento. Funciona de segunda à sexta-feira e ocasionalmente aos finais de semana.

A Estação dispõe de escritório, salas para técnicos, biblioteca, armazém, laboratório de fitopatologia, casa de vegetação, telado, barragem, além das áreas próprias para experimentação de campo e produção de mudas. Realiza pesquisas

voltadas para as culturas de batatinha, feijão, erva-doce e ervas medicinais, além unidades de observação de caju, maracujá, goiaba e apicultura.

A EMEPA realiza sempre eventos técnico-científicos para discutir assuntos ligados a novas tecnologias, agricultura e agroecologia.

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (EMATER)

Endereço: R. Cícero Faustino – 254. CEP. 58.117.000 – Lagoa Seca-PB

Ponto de referência: Posto Ipiranga, Sede, Lagoa Seca-PB

Telefone/fax: (83) 3366-1124

Site: <http://emater.no-ip.org/v2/index.php> **E-mail:** ematerpb@veloxmail.com.br

Descrição:

A EMATER (Figura 75) é mantida Governo do Estado através da Secretaria da Agricultura, Irrigação e Abastecimento – SAIA/PB. Possui escritório na Sede de Lagoa Seca. Na Paraíba possui 999 servidores, sendo 296 profissionais de outros órgãos e 60 da EMATER à disposição.



Figura 72 - Sede EMATER, Lagoa Seca-PB

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Endereço: Sítio Imbaúba, S/N

Ponto de referência:

Telefone/fax: (83) 3366-1244 / 3366-1297

Site: www.uepb.edu.br **E-mail:**

Descrição:

A Universidade Estadual de Paraíba através do campus de Lagoa Seca localiza-se na zona rural, com bom acesso, não servido de transporte coletivo, e pouco

sinalizado. Dista 1km da Sede da cidade. Oferece o curso superior de Agroecologia e o Curso Técnico em Agropecuária (Figura 78).



Figura 73 - Turma do Curso Técnico Agrícola da UEPB

- **Eventos Permanentes**
- **Feiras e Exposições**
- **Feira de Negócios**

Salão de Artesanato de Lagoa Seca

Endereço: Prédio do antigo Sopão Comunitário

Ponto de referência: Praça frei Malfredo

Descrição:

O Evento é mantido pelo Clube de Mães Virgens dos Pobres em parceria com a Prefeitura Municipal. Em sua última edição participaram 130 artesãos. A entrada é franca, sem limite do número de participantes. No local além da exposição, há comercialização do artesanato. Os visitantes são do próprio município, Campina Grande e cidades vizinhas.

O Salão de Artesanato de Lagoa Seca abre oficialmente a programação junina na cidade do São Pedro na Praça. O evento já está na sua segunda edição, 2008.

Os trabalhos compõem uma gama de materiais e técnicas de produção variadas entre elas: porcelana fria, crochê, macramê, pintura em tecido, peças em estopa (Figura 76), tapeçaria, produtos utilizando materiais reciclados, entre outros. O Salão vem minimizar a maior dificuldade enfrentada pelos artesãos: a falta de incentivo e divulgação para o desenvolvimento do seu potencial. Por isso, o evento vem promover a cultura local, impulsionando o desenvolvimento e dando reconhecimento a esse trabalho manual tão evidente no município



Figura 74 - Artesanato de Estopa de Lagoa Seca-PB

6.1.4 ESTUDO DO MERCADO TURÍSTICO

6.1.4.1 DIMENSIONAMENTO DA DEMANDA TURÍSTICA

6.1.4.1.1 Demanda efetiva

- Origem do visitante

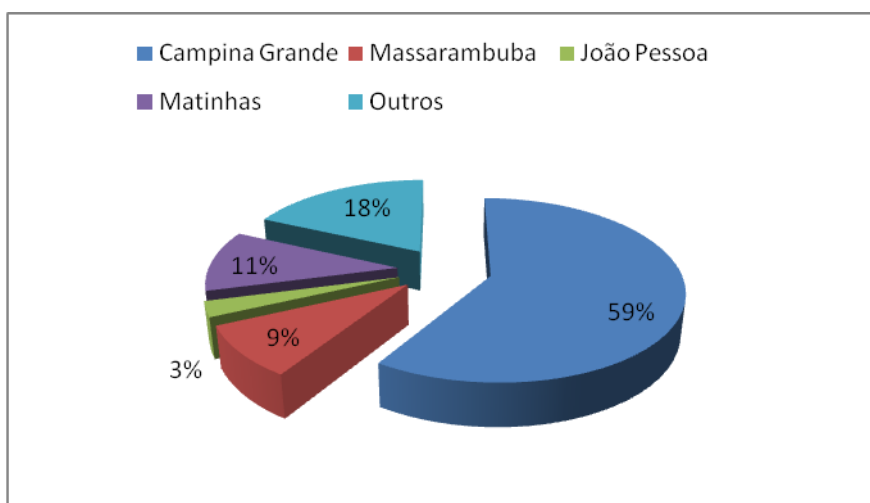


Gráfico 1 - Origem do Visitante

O fluxo de visitantes para o município de Lagoa Seca é predominantemente nacional, majoritariamente da cidade de Campina Grande (59% do total), seguido de Matinhas (11%) e Massaranduba (9%), isso se dá, primeiramente, devido às três cidades fazerem fronteira com o município e manter relações econômicas, educacionais e de negócios. A cidade de João Pessoa apareceu com 3% do número de visitantes, devido a relações de negócios. E, outras cidades, como: Areia, Bananeiras, Puxinanã, etc., somaram juntas 18%. A pesquisa de procedência nos leva a considerar a importância do município de Campina Grande para a visitaçao do município de Lagoa Seca-PB.

- **Sexo, faixa etária, ocupação e grau de instrução**

Quanto ao sexo, revelou-se certo desequilíbrio, uma vez que 68% dos visitantes entrevistados foram do sexo masculino enquanto 32% do sexo feminino.

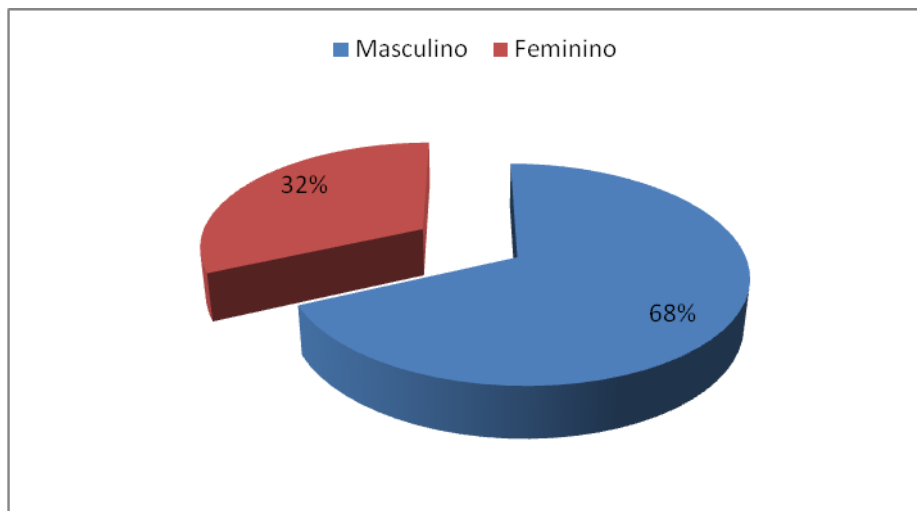


Gráfico 2 - Sexo

A pesquisa considerou os visitantes maiores de 13 anos, divulgando dados apenas a partir desta idade. É por esta razão que os percentuais não fecham em 100%. Uma leitura desta informação permite concluir que o contingente de visitantes menos de 13 anos representa 2% do total, enquanto o maior fluxo de visitantes por faixa etária se encontra entre 35 e 44 anos (21%).

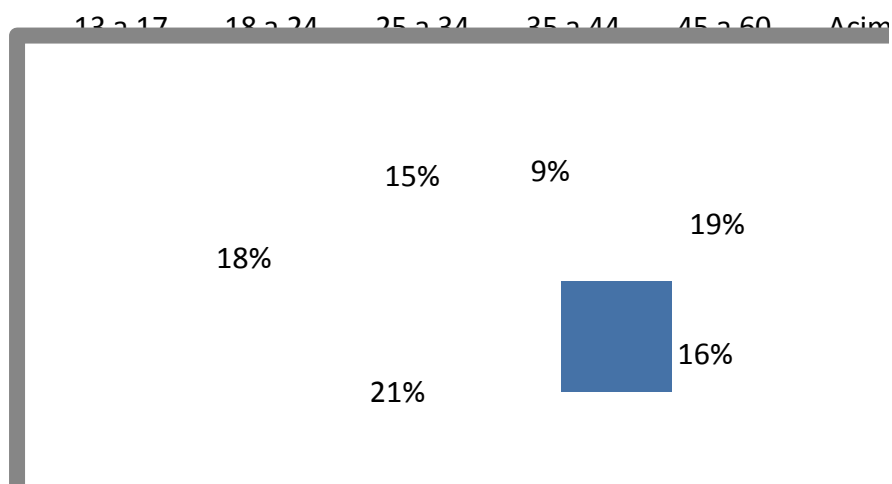


Gráfico 3 - Faixa Etária

De acordo com a ocupação, observou-se que há uma equivalência entre o fluxo de visitantes assalariados da iniciativa privada (27%), pública (23%) e aposentados (21%), com destaque ao número de estudantes (19%) que é bastante significativo.

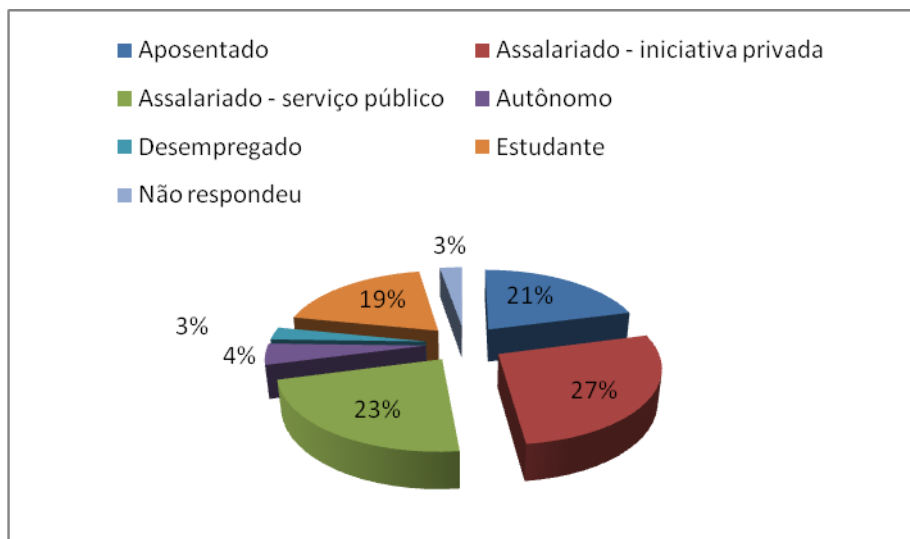


Gráfico 4 - Ocupação do Turista

A seguir, observou-se o gráfico que nos apresenta o grau de instrução do visitante de Lagoa Seca. Em maior parte (48%), concluiu o ensino médio, significando bom grau de instrução.

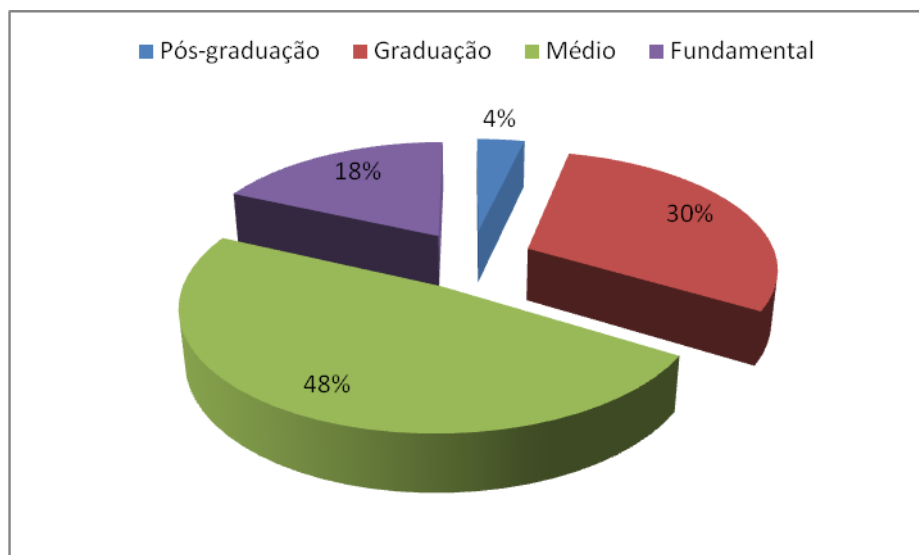


Gráfico 5 - Grau de instrução

- **Motivação da viagem**

A motivação da viagem para Lagoa Seca é fortemente orientada para negócios e trabalho (35%).

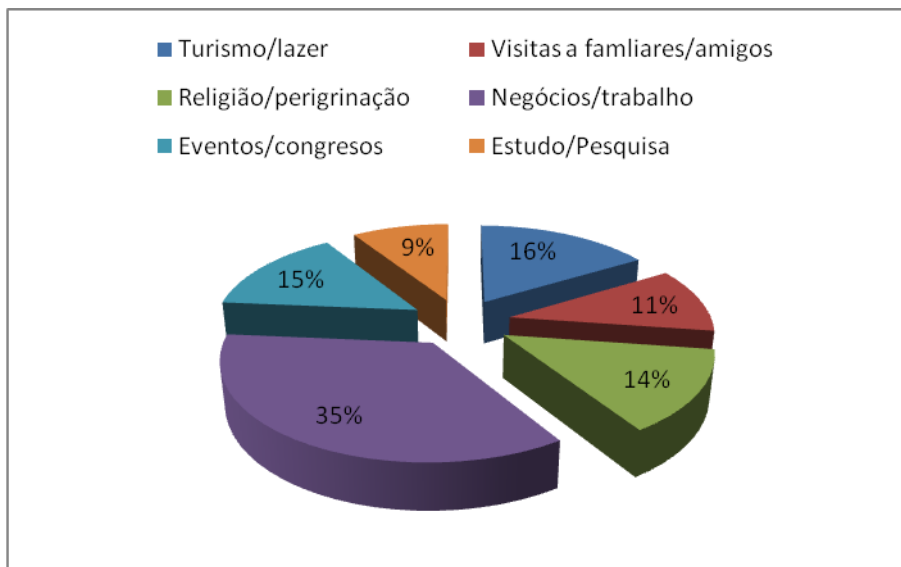


Gráfico 6 - Fluxo de turistas de acordo com a motivação da viagem

Dos entrevistados 75% permanecem menos de 24hs no local o que caracteriza o visitante como excursionista e não como turista, este, representa apenas 19%.

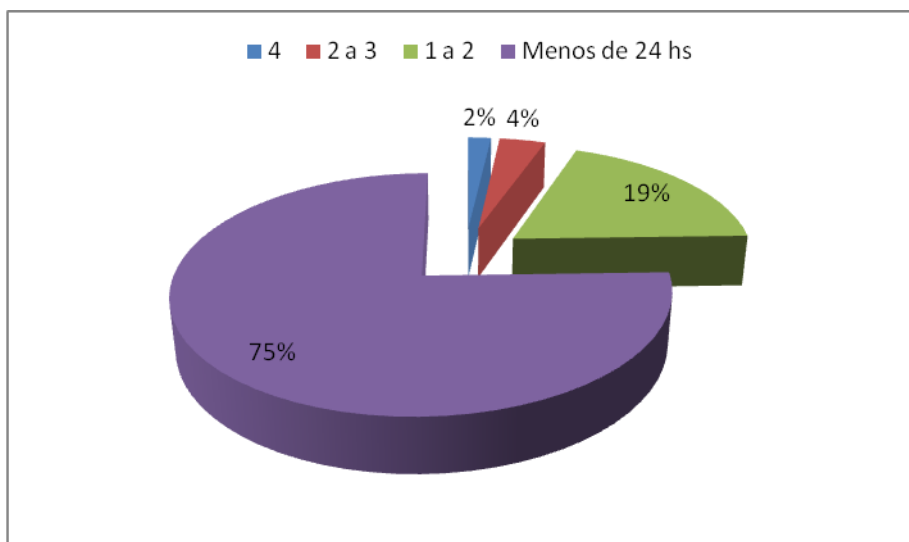


Gráfico 7 - Tempo médio de permanência no local

- **Organização da viagem**

Nenhum dos entrevistados afirmou ter organizado sua viagem com agências de viagens, e, a mídia em geral não foi apontada como meio de influência às visitasões.

- **Meio de transporte utilizado**

Os visitantes utilizam como principal meio de transporte particular (63%), explicado devido à relação distância-tempo-custo das cidades de procedência. Nenhum dos entrevistados citou ter utilizado ônibus de excursão ou carro alugado.

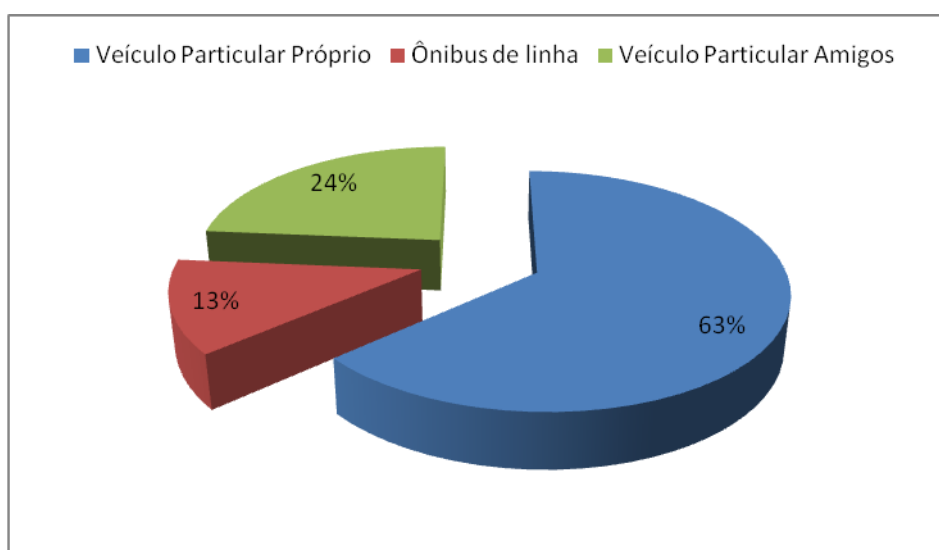


Gráfico 8 - Transporte utilizado

- **Utilização de equipamentos de hospedagem**

A utilização dos meios de hospedagem revela que 70% dos visitantes não se utilizam dos meios de hospedagem, explicado devido à maior parte dos visitantes serem de cidades circunvizinhas, principalmente, Campina Grande, não permanecendo no local por mais de 24hs. Contudo, podemos observar que boa parte desses visitantes (20%) optam por casas de amigos, parentes ou segundas residências. Um dado interessante, encontra-se que 6% hospedam-se no Convento Ipuaruna, devido à realização de eventos e apenas 4% na Pousada Magia do Verde.

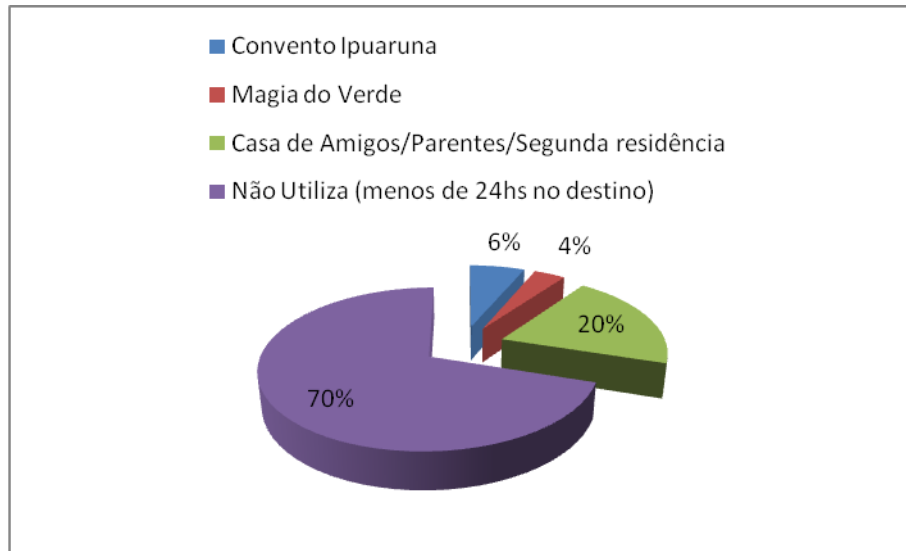


Gráfico 9 - Hospedagem

- **Gasto médio**

O gráfico a seguir nos apresenta que a maioria dos visitantes gasta até 50 reais (74%) em sua viagem, isso acontece devido ao pouco tempo de permanência no destino.

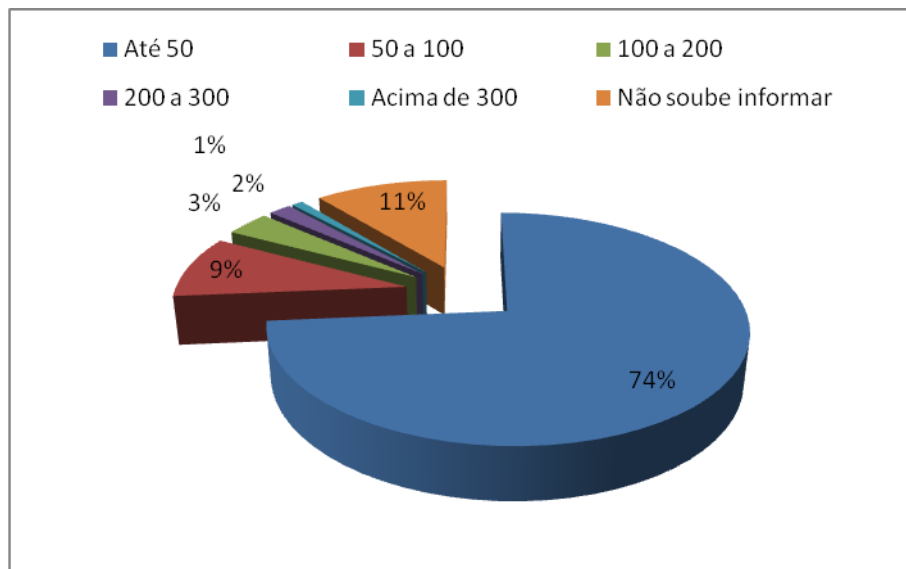


Gráfico 10 - Gasto médio

6.1.4.1.2 Demanda potencial

- **Frequência média/mês de viagens a cidades do interior da Paraíba nos últimos 3 anos**

Com a pesquisa, podemos perceber que há uma equivalência tanto para o grupo de João Pessoa quanto de Campina Grande em relação à frequência de viagens ao interior da Paraíba, em que, a grande maioria das pessoas, 47 em João Pessoa e 65 em Campina Grande, realizam pelo menos 1 viagem ao interior do Estado, o que as caracterizam como grandes centros emissores de viajantes.

Percebemos também que a frequência de viagens é decrescente, reflexo, este, de uma população carente e de desinteresse pela visitação dos mesmos centros receptores e atrativos.

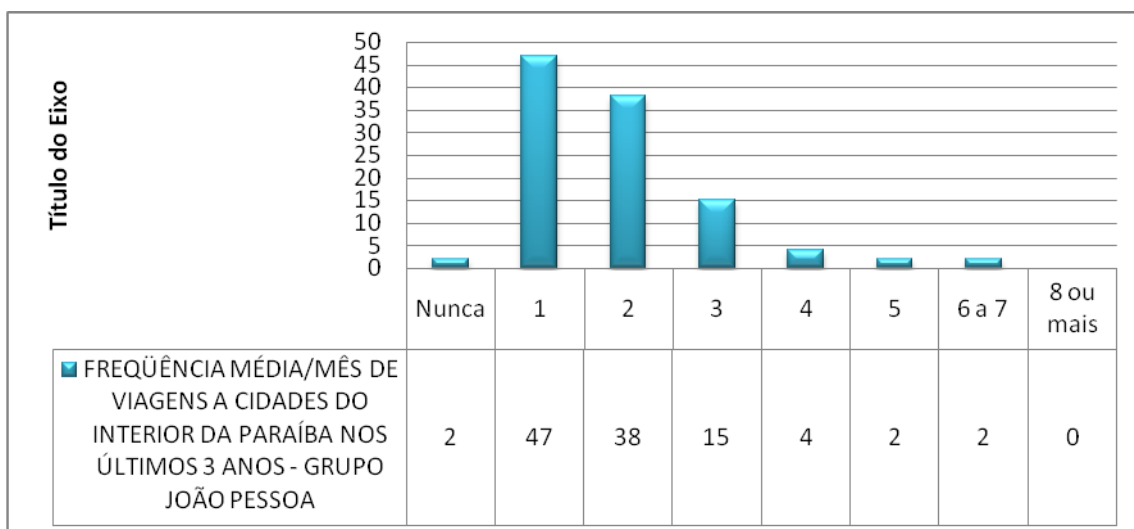


Gráfico 11 - Frequência média/mês de viagens a cidades do interior da Paraíba nos últimos 3 anos - Grupo João Pessoa

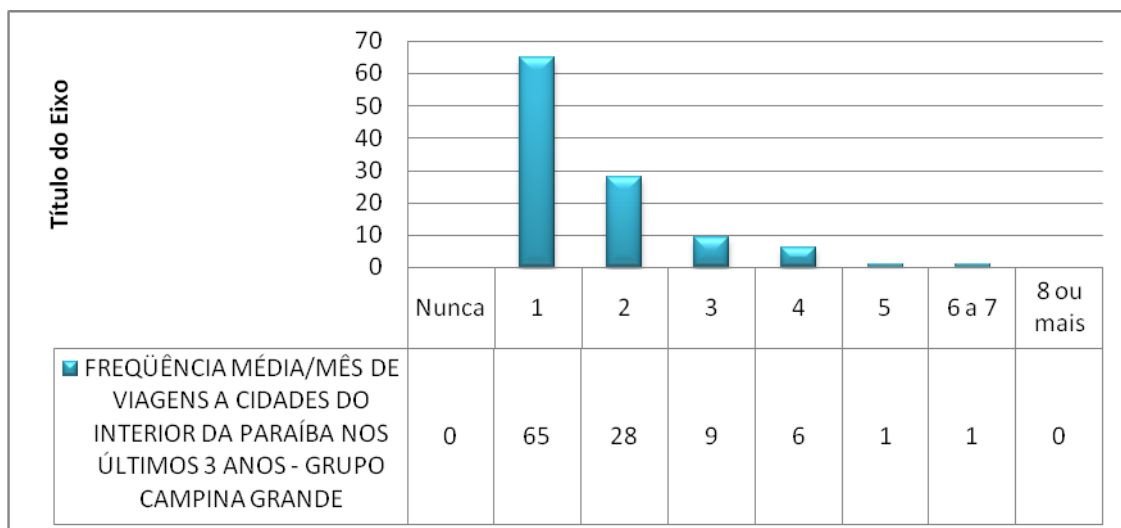


Gráfico 12 - Frequência média/mês de viagens a cidades do interior da Paraíba nos últimos 3 anos - Grupo Campina Grande

- **Destinos mais visitados**

Para o grupo de João Pessoa percebemos, prioritariamente, Campina Grande (41%) como destino mais visitado, seguido de Patos (18%), devido à facilidade de meios de transporte, bom acesso e atrativos turísticos culturais, como as festas juninas.

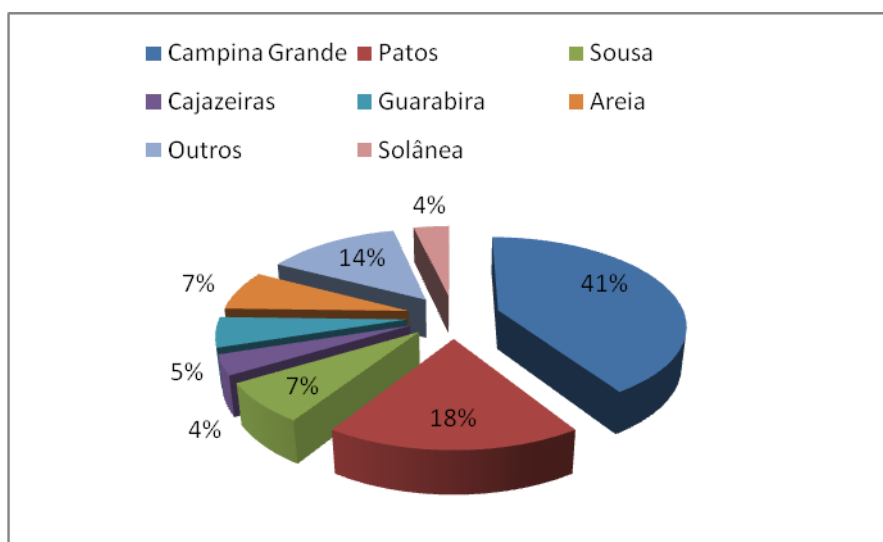


Gráfico 13 - Destinos mais visitados - Grupo João Pessoa

Para o grupo de Campina Grande, os destinos já são mais diversificados, isso porque Campina Grande já está situada no interior e em posição central do mapa do Estado, diminuindo as distâncias entre as demais cidades interioranas seja no Brejo,

Cariri, Agreste ou Sertão, além de ser servida por boas estradas (pavimentada/asfáltica) facilitando a diminuição de tempo e segurança entre as mesmas e os atrativos visitados.

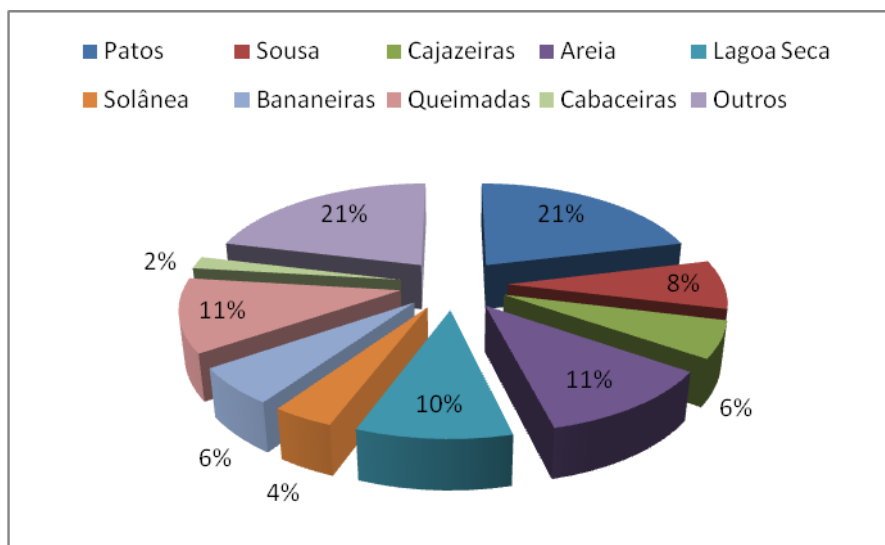


Gráfico 14 - Destinos mais visitados - Grupo Campina Grande

- **Motivação da viagem**

O gráfico nos apresenta os dados sobre a motivação principal da viagem. Para o grupo de João Pessoa e Campina Grande predominou a busca pelo Turismo de Eventos (32%), seguido por visitas a familiares e amigos (23%), e estudo (14%). Isso reflete o grande investimento realizado pelas cidades interioranas, através de verbas das próprias prefeituras, Governo do Estado e Governo Federal, principalmente, em eventos culturais, como o São João e roteiros culturais, a exemplo do o Caminhos do Frio, na região do Brejo Paraibano.

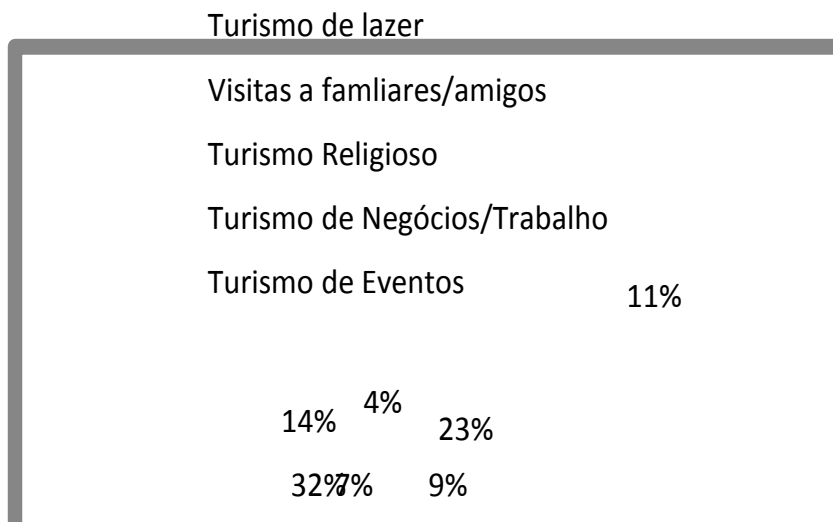


Gráfico 15 - Motivação da viagem - Grupo de João Pessoa e Campina Grande

- **Épocas de realização das viagens**

A maior parte dos entrevistados (63%) viajam no período entre Maio e Agosto, principalmente, no mês de Junho, devido às férias escolares e festas de São João, seguido, entre os meses de Setembro e Dezembro, motivados pelas festividades de final de ano, Natal e Ano Novo.

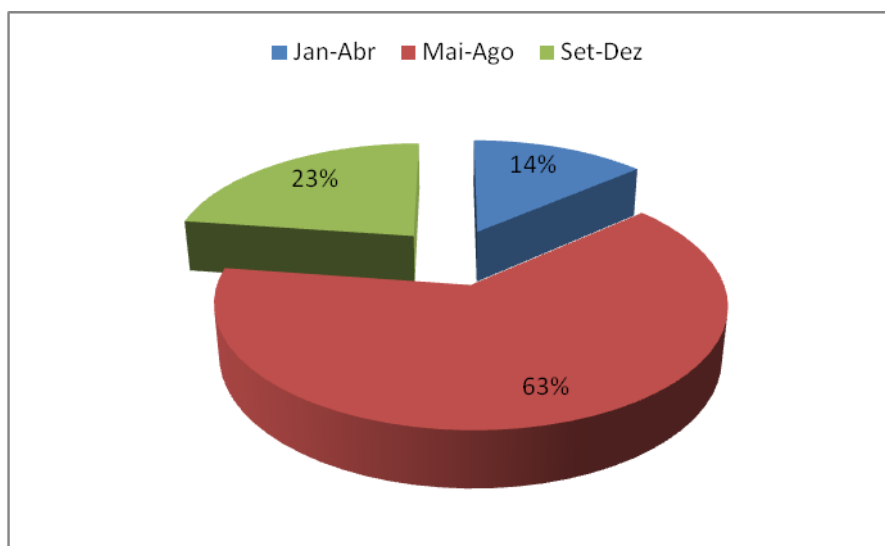


Gráfico 16 - Épocas de realização das viagens

- **Organização da viagem**

Na organização da viagem, percebemos que 68%, a grande maioria das pessoas, organizam sua própria viagem, quando não, se organizam com/entre grupos de afinidades, amigos ou parentes (30%) e a minoria (2%) procuram uma agência de viagens.

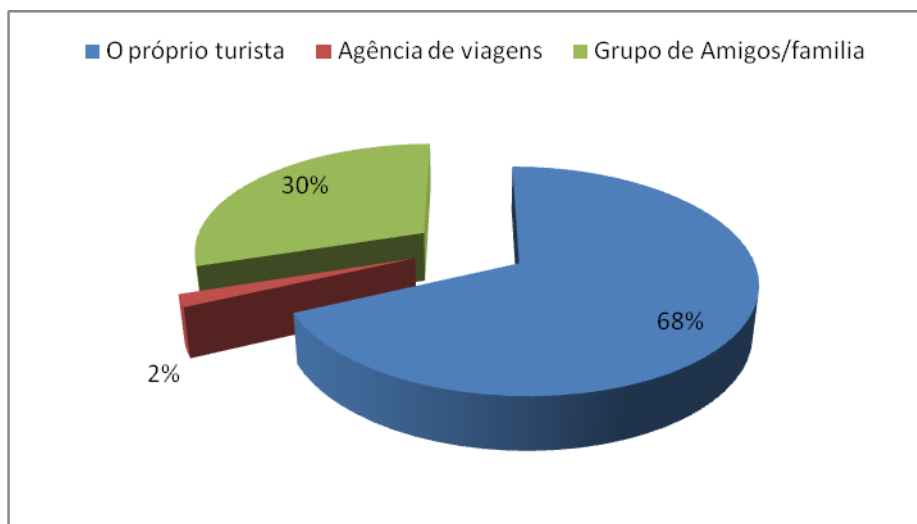


Gráfico 17 - Organização da viagem

- **Exigências mínimas de infra-estrutura**

A grande preocupação com relação à infra-estrutura exigida encontra-se em ter boas estradas (51%) entre os destinos emissor e receptor, promovendo um deslocamento rápido e seguro, apesar da Paraíba ter boas vias de acesso para as principais cidades receptoras citadas como destinos mais visitados através da rodovia federal (BR 230) e estaduais (PB), seguida de segurança (18%), essencial para manter a integridade física do visitante. Um dado curioso é a despreocupação com sistemas de hospedagem, menos de 2%, isso devido porque nas cidades interioranas a grande parte dos visitantes possui casas de parentes e amigos que os hospedam.

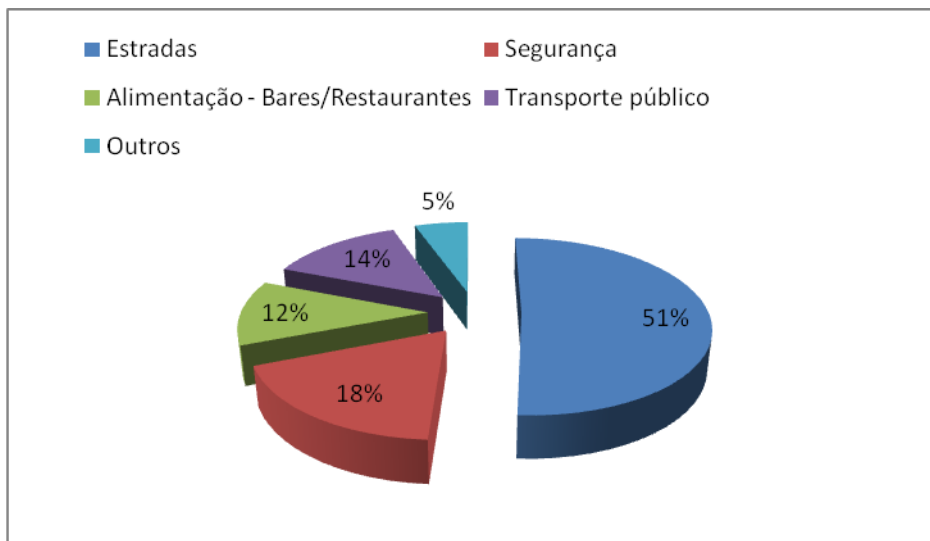


Gráfico 18 - Exigências mínimas de infra-estrutura

- **Interesse por segmentos de turismo**

Quando perguntados quais segmentos turístico o entrevistado teria interesse de visitar confirmamos que a maioria (52%) tem interesse pelo Turismo de Eventos, motivados, principalmente, pelas festividades juninas, porém, um dado interessante apareceu em relação a segunda principal motivação, o Turismo Rural, com 20% de interesse, talvez motivado pelo crescente *stress* gerados pelas as duas principais cidades do Estado, pelas campanhas de marketing realizadas e pelo trabalho das prefeituras locais, amparados pelos governos estaduais e federal, na construção de roteiros de turismo pelo Brejo e Cariri paraibanos.

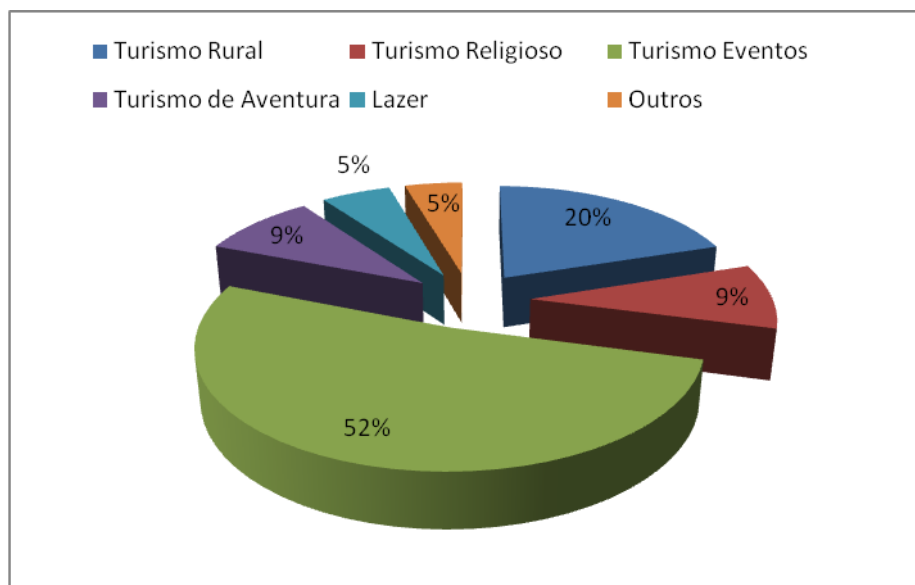


Gráfico 19 - Interesse por segmentos de turismo

- **Atividade de interesse para o turismo rural**

Dos que responderam interesse pelo turismo rural perguntamos quais atividades do segmento mais lhes interessaria. Com 32% do total dos entrevistados, aparece a produção de bens, principalmente, da cachaça e da rapadura, seguido da culinária regional e das apresentações culturais, ambas com 20%. Não menos importante com 8% aparece a vivência do homem no campo, o que qualifica a visita para um segmento do turismo rural, o Agroturismo.

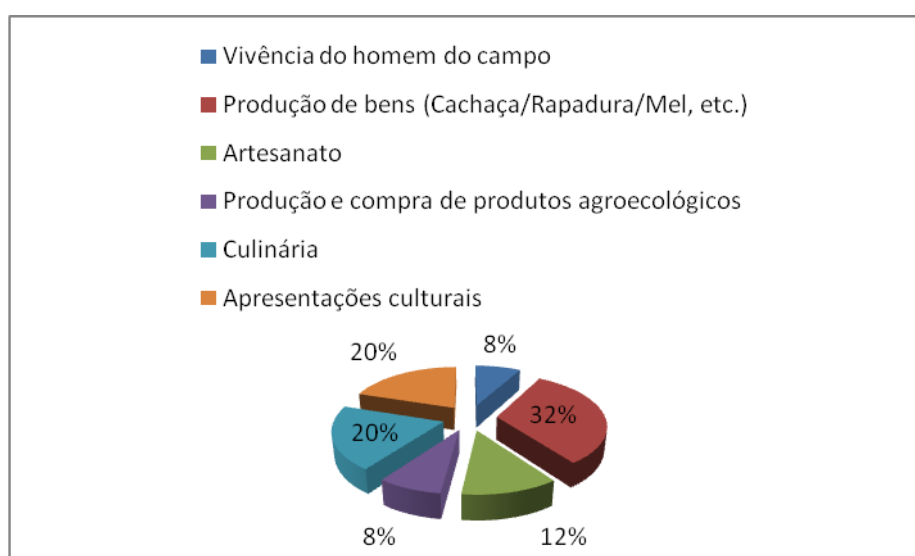


Gráfico 20 - Atividade de interesse para o turismo rural

- **Atrativos conhecidos em Lagoa Seca**

O gráfico nos apresenta que, dos atrativos turísticos de Lagoa Seca, o mais conhecido é a Casa de espetáculos, Villa Forró com 25% e a Imagem da Santa Virgem dos Pobres com 23%, seguidos do artesanato, principalmente, o de estopa com 12%.

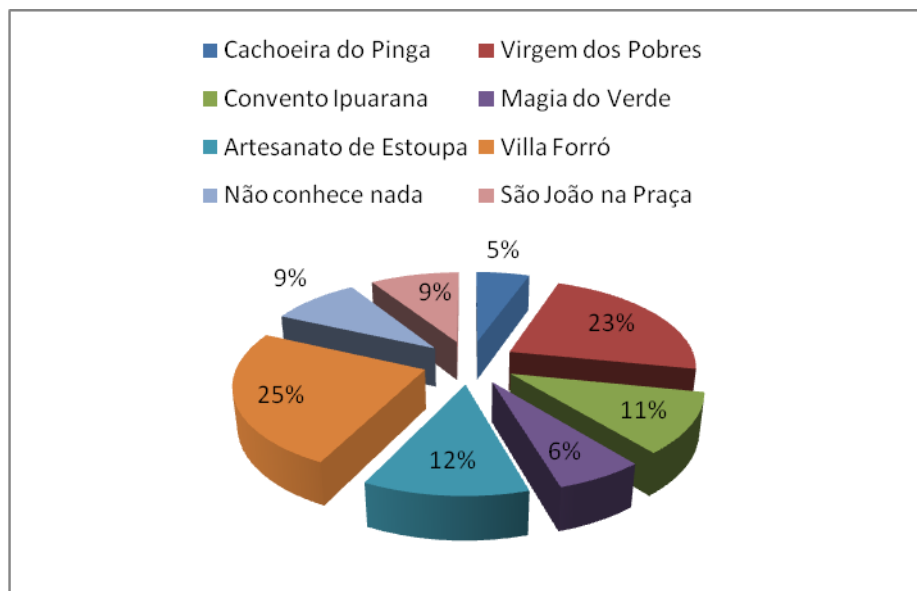


Gráfico 21 - Atrativos conhecidos em Lagoa Seca

6.1.4.1.3 ANÁLISE DA CONCORRÊNCIA

A Paraíba possui 223 municípios divididos em quatro Mesorregiões Geográficas – Litoral, Agreste, Cariri, e Sertão – as quais mantêm suas particularidades no conjunto, através de seus atrativos cênico-naturais e valores histórico-culturais.

Dado as características de oferta e demanda turística de município de Lagoa Seca podemos então realizar a análise de sua concorrência.

Nossa análise começa a partir dos municípios que farão parte do Fórum de Desenvolvimento do Agreste, Campina Grande, Fagundes, Lagoa Seca, Ingá, Pocinhos, Queimadas, Areial, Massaranduba, Mogeiro, Natuba e Riachão do Bacamarte, dentre estes, os que possuem particularidades que se assemelham com o município de Lagoa Seca, tornando-se para o turismo concorrentes, podemos citar:

Com características semelhantes à Lagoa Seca, o município de Fagundes possui atrativos turísticos como, a Pedra de Santo Antônio (Figura 78), local de beleza cênica,

lendas e religião, infra-estrutura de acesso, ponto de apoio ao turista, além de bar, restaurante e hospedaria. O município possui, ainda, sítios de agricultura familiar e que remetem ao passado através da "Revolta dos Quebra-Quilos" e o "Ronco da Abelha".



Figura 75 - Bar e Restuarante e ao fundo Pedra de Santo Antônio, Fagundes - PB

A cidade de Ingá é conhecida por suas itacoatiaras, inscrições rupestres feitas em pedras. A Pedra do Ingá (Figura 79), a mais conhecida destas é atualmente um dos monumentos arqueológicos mais significativos do mundo. A cidade torna-se concorrente, na medida que, Lagoa Seca, também possui pedras semelhantes e localizadas também a margem de rios, contudo pouco exploradas, além de localização de Ingá ser privilegiada, aproximadamente a 95,6km de João Pessoa e 35km de Campina Grande.



Figura 76 - Inscrições rupestres na Pedra de Ingá - PB

Na cidade de Pocinhos encontra-se, também, vários sítios arqueológicos contendo itacoatiaras e pinturas rupestres, que documentam a passagem das antigas

civilizações pelo município, além de um dos maiores sítios paleontológicos do Nordeste; a maior pedra do mundo, em área não afluada, com uma extensão rochosa de aproximadamente três quilômetros; e, o vale (Figura 80) e o Parque das Pedras - equipamento turístico classificado como restaurante típico.



Figura 77 - Vale das Pedras

O município de Massaranduba, fronteira com Lagoa Seca, possui atrativos naturais que concorrem com Lagoa Seca no desenvolvimento do Turismo de Aventura, como as Pedras Escondida e do Marinho (Figura 81), própria para a prática do rapel.



Figura 78 - Pedra do Marinho, Massarambuda - PB

Os Municípios que fazem parte do Fórum de Desenvolvimento do Brejo, Areia, Alagoa Grande, Alagoa Nova, Bananeiras, Borborema, Pilões, Pirpirituba, Solânea, Serraria, Matinhas e Guarabira, parte deles inseridos na Rota Cultural Caminhos do Frio – PB, como já citado, além da proximidade com Lagoa Seca, estão em nível superior de organização e desenvolvimento turístico oferecendo em suas cidades atrativos econômicos consolidados, como os sítios de engenhos de produção de cachaça e da

rapadura em Areia, Bananeiras e Serraria e de flores em Pilões. Além dos atrativos naturais, como a Cachoeira do Roncador em Pirpirituba; e, atrativos culturais religiosos como a estátua do Frei Damião em Guarabira, assim, concorrentes do município.

Os municípios que fazem parte do Fórum de Cultura e Turismo do Cariri Paraibano, entre eles: Cabaceiras, Serra Branca, Boqueirão, Boa Vista, São João do Cariri, Serra Branca, Sumé e Monteiro, começam a se estruturarem em roteiros, caracterizando-se, também, em um estágio de desenvolvimento turísticos acima do município de Lagoa Seca tornando-se, assim, concorrentes, com destaques a seguir:

Cabaceiras, na prática do Turismo Rural em sítios e pousadas instaladas em áreas rurais, como a Pousada Pai Mateus (Figura 83), instaladas no Lajedo do Pai Mateus (Figura 82) e as Pedras amontoadas denominadas Saca de Lã; Boqueirão, através de roteiros de trilhas, passeios de lancha no Açude Epitácio Pessoa e turismo rural no Hotel Xique-Xique; Em Boa vista, no Sítio Bravo, com cavernas, grutas, lagoas e inscrições rupestres; e, em Serra Branca, destaca-se a Serra do Jatobá.



Figura 79 - Lajedo do Pai Mateus, Cabaceiras - PB



Figura 80 - Pousada Pai Mateus

Em João Pessoa no Vale do Gramame inicia-se um planejamento e fomento do turismo rural através de roteiros de trilhas voltadas para diversos públicos, utilizando os moradores locais (Figura 84) como condutores das trilhas, os quais vendem sua produção de hortifrutigranjeiro, de parte, produzida em parte no sistema agroecológico aos visitantes.



Figura 81 - Venda de produtos agrícolas a turistas no Vale do Gramame, João Pessoa -
PB

As cidades do interior da Paraíba, inseridas no Sertão, formado, principalmente, pelos municípios de Patos, Sousa e Cajazeiras, traz em sua essência o local rústico de belas paisagens e importantes patrimônios históricos. Porém, por sua distância aos maiores centros emissores de turistas para Lagoa Seca, não consideramos concorrentes potenciais.

6.1.5 DIAGNÓSTICO SITUACIONAL AMBIENTAL, ECONÔMICO, SOCIOCULTURAL E POLÍTICO-INSTITUCIONAL PARA O TURISMO NO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA

6.1.5.1 Levantamento dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças.

6.1.5.1.1 Forças observadas para o desenvolvimento do turismo

Ambientais

- Escolha e uso eficiente de tecnologias ambientalmente saudáveis na agricultura, que não degradem o ambiente (prática da Agroecologia em propriedades rurais);
- Melhoria das condições ambientais do destino, aliada à melhoria da infraestrutura básica da localidade, como, de transporte, por meio das estradas de acesso ao sítio Amaragi e Cumbe; e de saúde, através dos PSF nas áreas rurais do município, etc.;
- Aumento da área de coleta de lixo para o sítio Oiti;
- Iluminação pública significando melhoria na qualidade de vida dos moradores das áreas rurais;
- Grande número de cisternas e poços na área rural;
- Rio Mananguape proporcionando quedas d'água e corredeiras;
- Fácil acesso através da rodovia BR 104;
- Culturas (agrícolas, avícolas, etc.), que despertam o interesse de turistas para serem visitadas;
- Belos cenários rurais;
- Clima agradável.

Sociocultural

- Construções de escolas de ensino fundamental em áreas rurais;
- Criação do curso superior de Agroecologia da UEPB;
- Oferecimento de curso técnico;
- Valorização e comercialização do artesanato local através da criação do Salão do Artesanato de Lagoa Seca-PB;
- Diversificação da cultural local através dos eventos juninos e religiosos consolidados;
- População simpática e solícita; com grande propensão ao voluntariado.

Econômicos

- Agregação de valor a produtos agrícolas através da agroecologia;
- Comercialização de produtos agroecológicos em feiras livres em cidades circunvizinhas como Campina Grande;
- Movimentação de divisas através das casas de show locais;
- Movimentação de divisas através de visitantes a trabalho de cidades circunvizinhas.

Político-institucional

- Existência de Associações de classe (no entanto, não é encontrada nenhuma associação exclusiva para o turismo, o que pode se tornar uma ameaça);
- Continuidade das políticas públicas.

6.1.5.1.2 Fragilidades observadas que comprometem o desenvolvimento do turismo

Ambientais

- Falta de estudos, fiscalização e monitoramento da capacidade de suporte em atrativos naturais, como por exemplo, a Cachoeira do Pinga;
- Falta de zoneamento ambiental (planejamento e uso do solo);
- Caça predatória (ameaça à fauna local);
- Falta de saneamento básico e de orientação para a não poluição dos rios da região (parte das comunidades rurais de Oiti, Cumbe e Amaragi), rios estes que formam as cachoeiras, utilizadas para banhos pelas populações locais e turistas.
- Poluição ambiental através do uso de agrotóxicos;
- Assoreamento dos rios e poluição dos afluentes (Rio Mamanguape e Riacho do Marinho);
- Falta de saneamento básico na área rural;
- Falta de coleta de quase 60% do lixo da cidade;
- Falta de criação de áreas de preservação ambiental (APA);
- Falta de conservação, preservação, proteção e recuperação dos ambientes naturais, como a Cachoeira do Pinga;
- Falta de investimento do poder público local e dos empresários do setor do turismo que exploram áreas naturais a investir em medidas de conservação, a fim de manter a qualidade e conseqüente atratividade dos destinos;
- Uso excessivo dos recursos naturais (Cachoeira do Pinga);
- Ampliação da demanda pelos recursos naturais disponíveis, que pode gerar competição com a população local pelo uso destes recursos e a conseqüente degradação local;
- Na época de chuvas, as estradas, não pavimentadas, ficam parcialmente intrafegáveis. A má conservação das mesmas é evidente.

Sociocultural

- Estradas rurais mal sinalizadas;
- Formação técnica para o turismo inexistente;
- Êxodo Rural (falta de interesse das novas gerações de agricultores rurais à continuidade na agricultura);
- Pobreza econômica principalmente nas áreas rurais;
- Descaracterização de monumentos rurais;
- Descaso com o bem público (praças e monumentos);
- Destruição do patrimônio histórico (Igreja Nossa Senhora Perpétuo Socorro – Sítio Amaragi).

Econômicos

- Ausência de agência de turismo receptivo e emissivo local;
- Falta de gestão em empreendimentos de hospedagem;
- Falta de estudo da entrada de divisas provenientes do Turismo;
- Falta de incentivo à geração de emprego e renda para área rural na transformação de matéria-prima em produtos de maior valor (agregação de valor – madeira em artesanato; frutas (laranja e maracujá) em geléias, etc.;

Político-institucional

- Ausência de postos de informações turísticas;
- Campanhas de marketing insuficientes à atração de turistas;
- Sinalização turística precária e inexistente;
- Insegurança institucional;
- Cultura de desagregação;
- Falta de participação do setor privado;
- Falta de organização da sociedade civil;
- Ausência de serviços de transporte para deficientes locomotores;
- Baixo poder de investimento dos empresários locais;
- Carência de transporte turístico;
- Ausência de planejamento turístico;
- Carência de informações sobre o fluxo turístico local;

- Abandono de patrimônio público (Prédio da antiga escola da Comunidade de Oiti).

6.1.5.1.3 Oportunidades para o turismo no município de Lagoa Seca-PB

Ambientais

- Ecossistema diversificado;
- Atrativos naturais diferenciados (hidrografia, fauna e flora);
- Localização geográfica (que possibilita a conexão com outras localidades turísticas já consolidadas, como Campina Grande);
- Clima agradável;
- Agricultura agroecológica;
- Interesse pela preservação do meio ambiente;
- A presença da EMEPA E EMATER em várias ações de desenvolvimento rural

Sociocultural

- Valorização do turismo para o interior;
- A criatividade de crianças, jovens e idosos, que utilizam parte de seu tempo para criar peças de artesanatos nos sítios rurais do município;
- Valorização cultural;
- Patrimônio cultural;
- Valorização da cultura regional;
- Hospitalidade (vontade da população de ser inserida no quadro turístico, o que impacta no bom produto);
- Eventos consolidados (São João na Praça e Romaria à Virgem dos Pobres);
- Tradições;
- Patrimônio Histórico;
- Religiosidade.

Econômicos

- O interesse de pequenos proprietários em começar a trabalhar com o turismo - locais para lazer; visitar e para comer (Agroturismo); passar informações educacionais;
- Turismo de eventos e negócios;
- Existência de equipamentos turísticos na região;
- Turismo rural;
- Agroturismo;
- Expansão da economia através do Turismo;
- Geração de novos empregos;
- Aumentar a renda da população;
- Movimentar o setor de hotelaria;
- Abertura de um novo produto turístico para o estado;
- Esportes de aventura;
- Ecoturismo;
- Turismo cultural;
- Desenvolvimento e crescimento econômico;
- Trazer investimentos privados para o município.

Político-institucional

- Alianças políticas entre governos municipal, estadual e federal;
- Melhoria do relacionamento entre setor público e privado;
- Fomento à participação social;
- Criação do Fórum de Turismo do Agreste Paraibano.

6.1.5.1.4 Ameaças para o turismo o município de Lagoa Seca - PB

Ambientais

- Problemas com o armazenamento do lixo;
- Degradação da natureza;
- Caça predatória e indiscriminada;
- Poluição dos rios e canais do centro da cidade;
- Limitações em saneamento básico;
- Fragilidade dos ecossistemas;
- Desconhecimento e/ou falta de referências para situar seus atrativos naturais diante dos de outros municípios

Sociocultural

- Educação.
- Importação musical (perda de identidade cultural);
- Êxodo rural (falta de uma política agrícola que mantenha o homem no campo);
- Exclusão social;
- Ocupação desordenada;
- Sazonalidade turística;
- Falta de preparo para lidar com turismo de aventura e eco-turismo; pois não há infra-estrutura e elementos humanos qualificados e capacitados.

Econômicos

- Pólos turísticos mais organizados (concorrência com produtos consolidados);
- Falta de infra-estrutura turística básica (hotéis, restaurantes e etc.);
- Eventos mal dimensionados que causam problemas de ordem sanitária devido a falta de infra-estrutura.
- Oferta de meios de hospedagem insuficiente.

Político-institucional

- Vontade política;
- Planejamento;
- Empresários do turismo não conscientes de sua responsabilidade como parte de conjunto de ações para o desenvolvimento turístico da região;
- Total descaso e falta de sinalização turística;
- Falta de qualificação e capacitação nas áreas de serviços ligados ao turismo;
- Poder Público mal orientado quanto ao seu “papel, no âmbito do desenvolvimento turístico.

6.2. PROGNÓSTICO DO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA - PB PARA A ATIVIDADE DO TURISMO RURAL

A partir dos dados apresentados, na Análise Situacional, foram definidas as estratégias que irão conduzir as ações para se atingir o objetivo futuro desejado. Para isso, foi elaborado um plano de desenvolvimento sustentável do turismo rural para o município de Lagoa Seca- PB.

6.2.1. Visão 2012

A Visão 2012 é a formulação da imagem desejada para o Município de Lagoa Seca -PB no mercado turístico a médio prazo, que foi compartilhada com os gestores locais, comunidade, estudantes e setor privado e está explicitada da seguinte forma (Figura 85)8:



Figura 82 - Visão 2012

Dentro desta perspectiva de futuro se motivará o caminho pelo qual se demandará o desenvolvimento do município e a qualificação de seus produtos turísticos.

6.2.2. Posicionamento Desejado

A proposta é de que Lagoa Seca - PB se fortaleça, dentro dos princípios da sustentabilidade, como um município-destaque no segmento de **Agroturismo Agroecológico**, apoiado e manifestado no patrimônio cultural, gastronômico, artesanato e no clima rural, enriquecido pela paisagem do agreste paraibano, seus sítios, cachoeira e morros, criando uma identidade e conservando seus recursos naturais.

6.2.3. Objetivo Geral

Promover o desenvolvimento do Agroturismo Agroecológico, de forma sustentável, aumentando a competitividade com outros produtos turísticos da região e estimulando o seu consumo.

6.2.4. Objetivos Específicos

- Utilização racional e sustentável dos recursos naturais disponíveis;
- Organização e integração as atividades turísticas do município, por meio da formação do Fórum do Agreste Paraibano e demais parcerias;
- Estruturação do segmento de turismo de eventos (técnico-científico e cultural);
- Captação de grupos de consumo de maior rentabilidade, aumentando a receita gerada pelo turismo no município;
- Melhoria da infra-estrutura de acesso aos atrativos rurais do município;
- Criação de roteiros turísticos.

6.2.5. Metas

As metas do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo para o Município de Lagoa Seca - PB estabelecem perspectivas de crescimento do fluxo turístico e do gasto médio, do mesmo, no município.

Como primeiro desafio proposto é que a implantação do Plano apresente um crescimento no turismo mínimo de 4% ao ano até 2012, seguindo a média de crescimento do turismo no Estado. Esta estimativa foi feita considerando vários fatores,

desde o potencial da região, o grau de aproveitamento atual dos produtos, estruturas, características dos seus principais competidores, criação do fórum e as possibilidades de oferta a médio e longo prazo.

Outros desafios seriam os aumentos na estadia média do turista para 02 noites; o gasto médio individual/dia para R\$ 130,00; incremento da receita; investimento em promoção/ano (2008-2016).

6.2.6. O Portfólio de Produtos por Mercados

Para estabelecer o portfólio de produtos por mercados consideraram-se as características geográficas e potenciais do Município na formatação de produtos, os recursos e potencialidades para públicos diferenciados, definindo os seguintes segmentos prioritários:

- 1) Agroturismo Agroecológico;
- 2) Turismo de Eventos (técnico-científico e cultural);
- 3) Turismo Religioso;
- 4) Turismo de Aventura.

Foram considerados, como mercados prioritários para se promover estes segmentos, o mercado regional, englobando o fluxo turístico regional dentro do próprio Estado da Paraíba.

6.2.7. Portfólio de prioridades de produtos por Mercado

	Campina Grande	João Pessoa	Brejo/Agreste
Agroturismo	***	**	*
Turismo de Eventos (técnico-científico e cultural)	***	**	*
Turismo Religioso	***	*	**
Turismo de Aventura	***	**	***

*. Maior potencial

6.2.8. Linhas de ação

As linhas de ação nos propicia a conhecimento as ações mais imprescindíveis de planejamento, desenvolvimento e competitividade da atividade turística para o município de Lagoa Seca-PB, com o objetivo de maximizar as forças e oportunidades e minimizar as fraquezas e ameaças, apresentadas a seguir:

- Estabelecimento de mecanismos de gestão, fiscalização, monitoramento e controle ambiental, a fim de evitar a degradação ambiental, como a poluição dos recursos naturais, hídricos e solo, principalmente.

Sugestão: Incentivar a criação de Unidades de Conservação (Parques, APAs, Reserva do Patrimônio Particular Natural (RPPN)). Ex.: RPPN do Sítio Amaragi, a fim de desenvolver atividades de maneira sustentável do segmento de Turismo de Aventura na Cachoeira do Pinga e corredeiras do Rio Mananguape;

- Proibir a caça predatória, ameaça a fauna local.

Sugestão: Criar mecanismos de fiscalização através de parcerias junto ao IBAMA; e, palestras de sensibilização nas comunidades rurais sobre a importância e equilíbrio da fauna e a importância da existência de animais silvestres;

- Implantação e/ou ampliação do sistema de coleta de lixo nas rurais evitando o aterramento, queixa e despejo em áreas de aproveitamento ao turismo, como rios.
- Estabelecimento de uma legislação e diretrizes específicas para o turismo e meio ambiente, que estabeleça limites sobre o uso de áreas naturais, principalmente a empreendimentos turísticos;
- Implementação de instâncias de governanças, como o fórum e comitês, com mecanismos de participação da sociedade na gestão municipal.

Sugestão: Criação do Fórum de Desenvolvimento do Turismo no Agreste Paraibano e do Comitê Municipal de Turismo;

- Abertura de linhas de crédito de apoio à implantação de agência receptiva local;
- Planejar os atrativos de forma sustentável, diferenciado e competitivo com o mercado;
- Demandar a sinalização turística ao local e nos atrativos.

Sugestão: Criar um projeto de sinalização turística através da parceria com o Curso Técnico em Turismo da Escola Técnica Redentorista (ETER) ou com o curso Superior em Turismo do Instituto de Ensino Superior (IESP), ambas, instituições do município vizinho Campina Grande – PB;

- Criar postos de informações turísticas em locais estratégicos, utilizando a mão-de-obra local.

Sugestão: Criação do AGROTUR INFO – Posto de informações turísticas na entrada da Sede do município, na proximidade do Monumento Virgem dos Pobres, ponto estratégico de entrada aos sítios da área rural.

- Promover ações de planejamento municipal, ambiental e turístico a curto, médio e longo prazos;
- Promover estudos sobre capacidade de carga de atrativos turísticos naturais.

Sugestão: Os estudos poderiam ser feitos através de parcerias com o curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais da UFCG, priorizando a área da Cachoeira do Pinga;

- Promover cursos de sensibilização, suporte técnico e capacitação profissional em turismo e meio ambiente para gestores locais e a comunidade em geral.

Sugestões:

- Computação – curso básico de computação e informática, poderá ser promovido pelo SENAI;
- Primeiros Socorros – essencial para a oferta de serviços de guagem seguras e responsáveis. Incluem prevenção contra acidentes, técnicas de salvamento, atendimentos emergenciais, entre outros, promovido pelo Corpo de Bombeiros;
- Artesanato e Embalagens – novas técnicas de trabalho em tecidos, barro, madeira e arranjos feitos com materiais da região, promovido pelo SENAR ou SEBRAE;
- Educação Ambiental – tema obrigatório em municípios, cidades e locais que recebem visitação de ecoturistas e que dependem da conservação e preservação do meio natural para desenvolver o turismo sustentável. Tema envolvente e que privilegia a qualidade de vida da comunidade e ambiental, podendo ser promovido por instituições como o SENAR, UEPB, UFCG, ONG e FURNÊ/UNIPÊ;

- Flora, Fauna e Plantas Medicinais – conhecimento mais abrangente sobre flora e plantas medicinais, pela UFCG e Sindicato dos Trabalhadores Rurais;
- Básico para condutores de visitantes – técnicas e procedimentos da guiagem de turistas, pela ETER;
- Assistência Técnica para Proprietários de Atrativos: realização de cursos de capacitação na área hoteleira, alimentação, turismo, incremento do curso de guia (fauna e flora) e artesanato;
- Relações interpessoais e atendimento ao público (SEBRAE ou SENAR);
- Construção, com a participação de guias e comunidade local de roteiros e circuitos para o turismo em Lagoa Seca;
- Agregar valor aos produtos locais, a fim de atingir uma demanda com maior poder aquisitivo.
- Envolver a comunidade rural no processo de planejamento e tomada de decisão, através da mobilização, sensibilização e participação em seminários e encontros;
- Promover apoio às comunidades, através das associações (artesanato, folclore, tradições);
- Aproveitar as características do município, próprias da Região do Agreste, como belezas cênicas, esportes de aventura, patrimônio histórico-cultural e religioso para o desenvolvimento do turismo interiorano e integrando-os a roteiros de outros municípios;
- Aproveitar o sistema de agricultura agroecológica nos sítios da zona rural para o desenvolvimento do Agroturismo;
- Aproveitar a BR-104 que corta a cidade para aumentar o fluxo de visitantes principalmente vindos de Campina Grande;
- Ampliar a demanda de eventos, através da sensibilização de organizadores de eventos para criarem e captarem novos eventos para o município, aproveitando a mão-de-obra local.

Sugestões:

- Com uma variedade riquíssima em atrativos, será interessante divulgar a região promovendo eventos variados na cidade, podendo ser shows, feiras de artesanato ou festas comemorativas. Nessas ocasiões, os serviços de hospedagem e alimentação (principalmente) poderão expor

fotografias dos principais atrativos do município, fazendo com que o turista se sinta motivado a visitar a região.

- Promoção e apoio a feiras visando desenvolver o turismo de negócios, e agricultura relacionados aos produtos associados, exemplo: Feira das hortaliças, artesanato e gastronomia definindo o evento como ponto de comercialização dos produtos associados.
- Buscar parcerias para o investimento no setor hoteleiro e de alimentação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

No presente estudo, os recursos naturais e a agricultura agroecológica mereceram especial atenção, pois, se acredita que o seu potencial de retorno à comunidade e localidade é imensurável – oferecendo benefícios não somente econômicos, mas, ambientais, sócio-culturais e político-institucional. Assim, a utilização destes, é encarada como fundamental ao desenvolvimento e competitividade local, podendo oferecer diferentes atrações e programar um produto turístico local diferenciado no mercado.

Percebeu-se que a agricultura agroecológica, como atividade econômica praticada nos sítios rurais do município, constitui um importante atrativo diferencial para o desenvolvimento do Turismo Rural, em especial, um segmento do mesmo, o Agroturismo, num mercado regional bastante concorrido. Contudo, a falta de legislação específica e sensibilização dos produtores são os grandes impasses para a implantação da atividade.

O município possui patrimônio artístico-cultural, através do artesanato, bastante significativo (englobando os trabalhos, entre outros, em estopa e madeira) para o desenvolvimento do Agroturismo, apresentando esforços em divulgação e incentivos à sua perpetuação, contudo deve-se incentivar a expansão destes as áreas rurais.

O espaço e a paisagem são aspectos de maior valor para o desenvolvimento da atividade agroturística local e deve haver um maior esforço para a sua preservação, conservação e manutenção, na busca do não-esgotamento prematuro dos recursos não-renováveis e pela exploração irracional dos renováveis.

Percebe-se uma gama de oportunidades a serem exploradas no local, associadas ao desenvolvimento do Agroturismo Agroecológico, como: o Turismo de Eventos, Turismo Religioso e Turismo de Aventura, devendo haver um maior esforço em divulgação dos "produtos" através do incentivo ao desenvolvimento da marca, roteiros turísticos, eventos e potencialidades.

O implemento da atividade agroturística no local beneficiará o município com a geração de emprego e renda, o aumento do fluxo de capital, a preservação da identidade

local, a melhoria da qualidade de vida, intercâmbio cultural e conservação dos recursos naturais.

Os princípios do desenvolvimento sustentável devem ser difundidos na sociedade como um todo do município, para que haja a compreensão da sua importância e para que possa ocorrer o turismo baseado em seus princípios.

O processo de planejamento do turismo rural sob princípios de conservação e gestão ambiental para o município de Lagoa Seca-PB foi importante para marcar o início do desenvolvimento dessa atividade no local; e que esta, aconteça com a participação de todos os agentes da sociedade, visando a atividade sustentável e a perpetuação da utilidade do espaço, onde especificamente com bases nos resultados do estudo e para as condições em que o mesmo foi realizado, concluiu-se que:

1. O inventário turístico evidenciou a potencialidade do município de Lagoa Seca – PB para o desenvolvimento do turismo rural através da identificação detalhada dos principais atrativos turísticos naturais (cachoeiras e corredeiras do Rio Mamanguape), culturais (artesanato) e econômicos, (sítios rurais);
2. Com relação à demanda efetiva turística do município de Lagoa Seca – PB:
 - a. Estar relacionada majoritariamente ao município de Campina Grande – PB (59%), o que demonstra a importância dessa cidade para o desenvolvimento do turismo local;
 - b. Não há planejamento para a permanência do turista acima de 24 h no local;
 - c. A movimentação de divisas provenientes do visitante é em média de R\$ 50,00/dia, considerada pequena;
3. Com relação à demanda potencial turística do município de Lagoa Seca – PB:
 - a. Os principais centros para emissão de turistas a Lagoa Seca-PB são Campina Grande e João Pessoa-PB;
 - b. O turismo rural é o segundo segmento de interesse a visitação;

4. A situação ambiental do município para o desenvolvimento do Turismo Rural é preocupante na medida em que a conservação dos recursos turísticos naturais estão sendo deteriorados pela sua exploração indiscriminada e sem qualquer estudo de capacidade de suporte do atrativo;
5. A situação econômica para o desenvolvimento do Turismo Rural do município é inquietante na medida em a maior parte da população sobrevive da agricultura de subsistência com renda familiar baixa não sendo explorado o turismo como fonte de renda local;
6. A situação sócio-cultural para o desenvolvimento do Turismo Rural do município é expressiva no artesanato, porém pouco difundido na área rural;
7. A situação político-institucional para o desenvolvimento do Turismo Rural do município se apresenta deficitária à medida que não existem estâncias de governanças formadas para o desenvolvimento de turismo como os fóruns;
8. O município de Lagoa Seca-PB se apresenta, numa visão de futuro, como um município destino turístico de referência na região do agreste paraibano pela preservação da identidade cultural, desenvolvimento do agroturismo agroecológico e beleza cênica de suas reservas naturais;
9. É necessária a utilização racional e sustentável dos recursos naturais disponíveis;
10. Os produtos que podem ser ofertados em consonância com os princípios de desenvolvimento, competitividade e sustentabilidade pelo município são em ordem de prioridade: Turismo Rural e Agroturismo, Turismo de Eventos, Religioso, e Aventura;

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Ed. Agropecuária, 2002.

APETUR. **Turismo e desenvolvimento local sustentável na Paraíba**. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros/2006b/lss/1o.htm> Acesso: 10/10/2008.

ARAÚJO, J.G.F. **Abc do turismo rural**. Viçosa, MG. Ed: Aprenda fácil, 2000.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 12 ed. rev.e ampl. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.

BOULLON, R. **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru: Ed. EDUSC, 2002.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Cartilha de orientação ao agricultor familiar: Turismo**. Ministério do Desenvolvimento Agrário/Rede TRAF, 2006.

_____. **Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar (PNTRAF)**. MDA, 2004.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Plano Nacional do Turismo 2007-2010**. MTUR: Brasília, 2007a.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade**. MTUR: Brasília, 2007b.

_____. **Módulo Operacional 4: Elaboração do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional**. MTUR: Brasília, 2007c.

_____. **Programa de Regionalização do Turismo – Projeto de Inventário da Oferta Turística**. MTUR: Brasília, 2006.

_____. **Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. Ministério do Turismo/Secretaria de Políticas de Turismo, 2003. (documento digital).

BRICALLI, L.C.L. **Turismo rural familiar e turismo rural empresarial: uma contribuição ao estudo das tipologias**. In: Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 4., 2003, Piracicaba, SP. Anais... Piracicaba, SP: Fundação Escola Agrícola Luiz de Queiroz – FEALQ, 2003

CALS, J.; CAPELLÀ, C.; VAQUÉ, E. **El turismo en el desarrollo rural en Españã**. Madri: Min. de Agricultura, 1995.

CAMPAHOLA, C; SILVA, J.G. **O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro**. In: Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000.

CANDIOTTO, Luciano Z. P. **Perfil dos Empreendimentos do Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo – PR e Identificação dos Agricultores Familiares.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 5, 2006, Santa Maria. Anais: ordenação, segmentação e regionalização do turismo em áreas rurais. Santa Maria, RS: FACOS/UFSM, 2006.

CAVACO, Carminda. **Turismo, Comércio e Desenvolvimento Rural.** In: ALMEIDA, Joaquim Anécio. RIEDL, Mário. (orgs) Turismo Rural: Ecologia, Lazer e Desenvolvimento. Bauru (SP): Edusc, 2001.

CONAMA, 1986. **RESOLUÇÃO CONAMA Nº 001, de 23 de janeiro de 1986.** Disponível em: www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res2086.html Acesso em: 04/12/2008

Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de Outubro de 1988. 7ª ed. São Paulo: ED. ATLAS S.A.,1996.

CRUZ, R. C. A. da. **As paisagens artificiais criadas pelo turismo.** In Yázigi, Eduardo (Org.) Turismo e Paisagem. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas.** 7 ed. São Paulo: Global, 2003.

EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo. **O turismo na economia nacional: a revolução silenciosa.** Brasília, DF, 2000. EMBRATUR. Manual de municipalização do turismo. 2. ed. Brasília, DF, 2001

FONTELES, J.O. **Turismo e Impactos Socioambientais,** São Paulo, Aleph. 2004

GIANGIORDANO, A. C. **Nuevas fronteras del turismo rural en Europa: el proyecto learder della Comunidad Europea.** São Paulo: CRP/ECA/USP, 1997.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.** 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

GRAZIANO DA SILVA, José. O Novo Rural Brasileiro. **Revista Nova economia,** Belo Horizonte, nº 7, v. 1, 1997

IBGE. **Mapas Base dos municípios do Estado da Paraíba.** Escalas variadas. Inédito.

IRVING, M. A. **Turismo Ética e Educação Ambiental – Novos paradigmas e planejamento.** Em: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo. Ed. Futura, cap. 1, 2002.

LAGE, B.H.G.; MILONE, C. **Economia do Turismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1999.

LEADER. **Cadernos. European Comission.** Escalas variadas. Acesso: 25/05/2008. Disponível em: www.rural-europe.aeidl.be

LEMOS, Leandro de. **O Valor Turístico na Economia da Sustentabilidade**. São Paulo: Aleph, 2005.

LOTTICI KRAHL, Mara Flora. **Turismo Rural: conceituação e características básicas**. Dissertação de Mestrado, Brasília, GEA/IH. UnB: 2002.

MENDES, S. P. L. C. **Determinação de Indicadores da Paisagem. Contributo para o desenvolvimento turístico e gestão integrada da Unidade de Paisagem das furnas**. São Miguel, Açores: Instituto de Turismo da Portugal, 2004.

NETTO, A.P.; TRIGO, L.G.G. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2003

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OMT - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável. Tradução de Sandra Netz**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Código Mundial de Ética do Turismo**. Chile, 1999.

PAB/PB. **Programa de Apoio ao Artesanato da Paraíba**. Acesso: 10/10/2008. Disponível em: <http://www.eumed.net/libros/2006b/lss/1o.htm>

PIRES, P dos S. A dimensão conceitual do ecoturismo. **Turismo – Visão e Ação**. V. 1, n. 1, 1998.

PORTUGUEZ, Anderson P. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. São Paulo: Hucitec, 1999.

REDE TRAF. **Rede Traf**. Acesso: 10/10/2008. Disponível em: <http://www.redetrafa.com.br/r-rede-trafa.asp> 2008

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e Pesquisa científica: Pensamento internacional x Situação Brasileira**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1996.

ROCHA, C. H. **Ecologia da paisagem e manejo sustentável em bacias hidrográficas: estudo do rio São Jorge nos Campos Gerais do Paraná**. Curitiba, 1995, 176 p. Dissertação de pós-graduação (Mestrado em Agronomia) – UFPR, [1995]

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Ambiente Reflexões e Propostas**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000

RODRIGUES, G.S.; CAMPANHOLA; C. Sistema Integrado de avaliação de impacto ambiental aplicado a atividades do Novo Rural. **Pesquisa agropecuária brasileira**, Brasília, v. 38, n. 4, abr. 2003.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1999.

SALVATI, L.E. **Turismo responsável – Manual para políticas públicas**. Brasília: WWF Brasil, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. **Roteiros Turísticos**. Acesso: 10/10/2008. Disponível em: <http://www.setde.pb.gov.br/turismo.shtml>, 2008

SEGER, Celso Darci. **Utilização dos recursos naturais da paisagem para o planejamento de um circuito de ecoturismo na reserva Volta Velha – Itapoá**. Santa Catarina, 2006. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

SENAR. **A instituição**. Acesso: 10/10/2008. Disponível em: <http://www.senarpb.com.br/instituicao.php>

SILVA, Mauren F. da; ALMEIDA, Joaquim A. **Turismo rural: família, patrimônio e trabalho**. In: RIEDL, Mario; ALMEIDA, Joaquim Anécio; VIANA, Andiara Lima Barbosa. Turismo Rural: tendências e sustentabilidade. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

SILVEIRA, Marcos, J. C. **Planejamento territorial e dinâmica local: bases para o turismo sustentável**. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) Turismo e Desenvolvimento Local. São Paulo: Hucitec, 1997.

SWARBROKE, John. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

TRIBUNA DO CARIRI. **Turismo Rural**. Disponível em: www.tribunadocariri.com/index.php%3Fsec%3Dnoticias_arquivo%26pagina%3D96%26cod%3D+Associação+de+Turismo+Rural+e+Cultural+do+Cariri+Paraibano&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=7&gl=br Acesso: 10/10/2008

TULIK, Olga. **Turismo Rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

UNEP/WTO – UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAME/ WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Making tourism more sustainable: a guide for policy makers**. Paris, France: United Nations Publications, 2005.

ZIMMERMAN, Adonis. **Planejamento e organização do turismo rural no Brasil**. In: Turismo rural e desenvolvimento sustentável. Santa Maria: UFSM, 1998.

9. APÊNDICES

Apêndice A - QUESTIONÁRIO - DEMANDA POTENCIAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA DE RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM RECURSOS NATURAIS



DIMENSIONAMENTO DA DEMANDA TURÍSTICA

QUESTIONÁRIO - DEMANDA POTENCIAL

- | | |
|---|--|
| <p>1) Qual a frequência média/mês de suas viagens a cidades do interior da Paraíba?</p> <p>() 1 () 2 () 3 () 4 () 5
 () 6 a 7 () 8 ou mais</p> | <p>() Segurança
 () Alimentação-Bar/restaurantes
 () Transporte coletivo
 () Outros</p> |
| <p>2) Qual o destino mais visitado?</p> <hr/> | <p>6) Por quais motivos você gostaria de viajar ao interior da Paraíba?</p> <p>() Turismo rural
 () Turismo religioso
 () Turismo de eventos
 () Turismo de Aventura
 () Lazer
 () Outros</p> |
| <p>3) Qual o principal motivo de suas viagens?</p> <p>() Turismo de lazer
 () Turismo religioso
 () Turismo de Eventos
 () Visitas a familiares/amigos
 () Turismo de Negócios/trabalho
 () Estudo Outros</p> | <p>7) Qual desses interesses lhe motivaria mais? (apenas os que responderem Turismo Rural)</p> <p>() Vivência do homem no campo)
 Produção de bens (cachaça/rapadura/mel, etc.)
 () Artesanato
 () Produção e compra de produtos agroecológicos
 () Culinária
 () Apresentações culturais</p> |
| <p>4) Como geralmente organiza suas viagens?</p> <p>() Você mesmo sem ajuda
 () Agência de Viagens
 () Grupo de amigos/parentes</p> | |
| <p>5) Quais são suas exigências mínimas de infra-estrutura local?</p> <p>() Estradas</p> | |

Apêndice B - QUESTIONÁRIO – DEMANDA EFETIVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA DE RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM RECURSOS NATURAIS



DIMENSIONAMENTO DA DEMANDA TURÍSTICA

QUESTIONÁRIO - DEMANDA EFETIVA

- | | |
|--|---|
| <p>1) Qual sua cidade de procedência?
_____</p> <p>2) Qual sua ocupação?
 <input type="checkbox"/> Aposentado
 <input type="checkbox"/> Assalariado – iniciativa privada
 <input type="checkbox"/> Assalariado – Iniciativa pública
 <input type="checkbox"/> Autônomo
 <input type="checkbox"/> Estudante
 <input type="checkbox"/> Desempregado
 <input type="checkbox"/> Não respondeu</p> <p>3) Qual seu grau de instrução?
 <input type="checkbox"/> Pós-graduação
 <input type="checkbox"/> Graduação
 <input type="checkbox"/> Médio
 <input type="checkbox"/> Fundamental</p> <p>4) Qual seu grau de instrução?
_____</p> <p>5) Sexo
 <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino</p> <p>6) Qual sua idade?
 <input type="checkbox"/> 13 a 17 <input type="checkbox"/> 18 a 24 <input type="checkbox"/> 35 a 44
 <input type="checkbox"/> 45 a 60 <input type="checkbox"/> Acima de 60</p> <p>7) Qual o motivo de sua viagem?
 <input type="checkbox"/> Turismo/lazer
 <input type="checkbox"/> Visitas familiares/amigos</p> | <p><input type="checkbox"/> Religião/peregrinação
 <input type="checkbox"/> Negócios/trabalho
 <input type="checkbox"/> Eventos/Congressos
 <input type="checkbox"/> Estudo/pesquisa</p> <p>8) Quanto tempo permaneceu no local?
 <input type="checkbox"/> 4 dias
 <input type="checkbox"/> 2 a 3 dias
 <input type="checkbox"/> 1 a 2 dias
 <input type="checkbox"/> Menos de 24 hs</p> <p>9) Como organizou sua viagem?
_____</p> <p>10) Qual o meio de transporte que utilizou?
 <input type="checkbox"/> Veículo particular próprio
 <input type="checkbox"/> Veículo particular amigos/parentes
 <input type="checkbox"/> Ônibus de linha</p> <p>11) Onde ficou hospedado?
_____</p> <p>12) Qual foi seu gasto médio na cidade?
 <input type="checkbox"/> Até 50 <input type="checkbox"/> 50 a 100
 <input type="checkbox"/> 100 a 200 <input type="checkbox"/> 200 a 300
 <input type="checkbox"/> Acima de 300 <input type="checkbox"/> Não soube informar</p> |
|--|---|



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA DE RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM RECURSOS NATURAIS**



**Apêndice C - INVENTÁRIO DA INFRA-ESTRUTURA DE APOIO AO
TURISMO**

INVENTÁRIO DA INFRA-ESTRUTURA DE APOIO AO TURISMO

INFORMAÇÕES BÁSICAS DO MUNICÍPIO

UF:

REGIÃO TURÍSTICA:

MUNICÍPIO:

IDENTIFICAÇÃO

Apresentação do município

Endereço:

Site:

Telefones e fax:

E-mail:

Telefones importantes:

Latitude e longitude:

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Informações gerais

Área:

Temperaturas:

População:

Período de chuvas:

Municípios limítrofes:

Clima:

Distritos:

Altitude média:

Principais atividades econômicas

ADMINISTRAÇÃO

Administração municipal

Nome do prefeito:

Órgão oficial de turismo:

Nomes das secretarias, departamentos e outros:

Instância de governança municipal:

ASPECTOS LEGAIS

Legislação municipal

1.

4.

2.

5.

3.

Outras:

CONTEXTO GERAL

Principais feriados e datas comemorativas do município:

1.

3.

2.

4.

Equipamentos, instalações e serviços públicos:

Abastecimento de água:

Serviços de esgoto:

Serviços de coleta de lixo:

Serviços de energia:

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

ATRATIVOS MAIS VISITADOS

- | | |
|----|----|
| 1. | 3. |
| 2. | 4. |

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

PRINCIPAIS PARCERIAS, REDE DE COOPERAÇÃO, INTERCÂMBIOS E INTERFACES COM O MUNICÍPIO

- | | |
|----|----|
| 1. | 4. |
| 2. | |
| 3. | |

FONTES DE DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO

- | | |
|----|----|
| 1. | 3. |
| 2. | 4. |

MEIOS DE ACESSO AO MUNICÍPIO

Nome da Rodovia:

Tipo de Rodovia:

Federal Estadual Municipal

Sinalização Geral:

Bem Sinalizado Mal Sinalizado

Não Sinalizado

Sinalização Turística:

Bem Sinalizado Mal Sinalizado

Não Sinalizado

Pavimentação:

Asfalto Concreto

Paralelepípedo Saibro Asfalto

Ecológico Chão Batido

Conservação:

Boa Regular Ruim

SISTEMA DE COMUNICAÇÕES

Agências postais

Nome:

Endereço:

Fone:

Postos telefônicos/telefonias celulares

Nome:

Endereço:

Fone:

Radioamadores:

Nome:

Endereço:

Fone:

Emissoras de rádio/TV

Nome:

Endereço:

Fone:

Frequência:

Gênero:

Jornais e revistas nacionais/regionais/locais

Nome:
Endereço:
Fone:

Internet

Nome:
Endereço:
Fone:

SISTEMA DE SEGURANÇA**Delegacia/postos de polícia**

Nome:
Endereço:
Fone:

Corpo de bombeiros

Nome:
Endereço:
Fone:

Outros

Nome:
Endereço:
Fone:
Nome:
Endereço:
Fone:

SISTEMA MÉDICO-HOSPITALAR**Pronto-socorros**

Nome:
Endereço:
Fone:

Hospitais

Nome:
Endereço:
Fone:

Nº de leitos

Especilidades:

Clínicas médicas

Nome:
Endereço:
Fone:

Nome:
Endereço:
Fone:

Nome:
Endereço:
Fone:

Nome:
Endereço:
Fone:

Maternidades

Nome:
Endereço:
Fone:

Postos de saúde

Nome:
Endereço:
Fone:
Nome:
Endereço:

Fone:

Farmácias/drogarias

Nome:
Endereço:
Fone:
Nome:
Endereço:
Fone:
Nome:
Endereço:
Fone:

Clínicas odontológicas

Nome:
Endereço:
Fone:
Nome:
Endereço:
Fone:

Nome:
Endereço:
Fone:
Nome:
Endereço:

Fone:

Outros

Nome:

SISTEMA EDUCACIONAL**Ensino fundamental**

Nome:

Endereço:

Fone:

Nº de alunos:

Nome:

Endereço:

Fone:

Nº de alunos:

Nome:

Endereço:

Fone:

Nº de alunos:

Ensino médio

Nome:

Endereço:

Fone:

Nº de alunos:

Endereço:

Fone:

Nome:

Endereço:

Fone:

Nº de alunos:

Ensino superior

Nome:

Endereço:

Fone:

Cursos:

Cursos técnicos

Nome:

Endereço:

Fone:

Cursos:

Especializações

Nome:

Endereço:

Fone:

Cursos:

OUTROS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS DE APOIO**Locadoras de imóveis**

Nome:

Endereço:

Fone:

Locadoras de**automóveis/embarcações/aeronaves**

Nome:

Endereço:

Fone:

Lojas de artesanato/suvenires

Nome:

Endereço:

Fone:

Centros comerciais

Nome:

Endereço:

Fone:

Galerias de arte/antiguidades

Nome:

Endereço:

Fone:

Lojas de artigos Figuragráficos

Nome:

Endereço:

Fone:

Agências bancárias/casas de câmbio

Nome:

Endereço:

Fone:

Nome:

Endereço:

Fone:

Nome:

Endereço:

Fone:

Serviços mecânicos

Nome:

Endereço:

Fone:

Postos de abastecimento

Nome:

Endereço:

Fone:

Nome:

Endereço:

Fone:

Nome:

Endereço:

Fone:

Locais/templos de manifestação de fé

Nome:

Endereço:

Fone:

Apêndice D - **INVENTÁRIO DOS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA DE RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM RECURSOS NATURAIS**



INVENTÁRIO DOS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS

Hospedagem



Tipo:

Endereço:

Telefone/fax:

Site:

E-mail:

Pontos de referência:

Descrição

Localização e ambiência:

Unidades habitacionais:

Facilidades nas UHs:

Tipo de diária:

Área social:

Recreação e lazer:

Instalações para eventos:

Restrições aos hóspedes:

Descrições e observações complementares:

Gastronomia



Tipo:

Endereço:

Telefone/fax:

Site:

E-mail:

Pontos de referência:

Descrição

Localização e ambiência

Capacidade do empreendimento

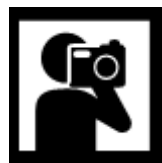
Adaptações e facilidades para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida

Serviços e equipamentos

Tipos de culinária

Descrições e observações complementares

Agenciamento



Tipo:

Endereço:

Telefone/fax:

Site:

E-mail:

Pontos de referência:

Descrição

Localização e ambiência

Serviços especializados

Descrições e observações complementares

Transporte



Tipo:

Endereço:

Telefone/fax:

Site:

E-mail:

Descrição

Abrangência

Tipos de serviço

Perfil dos veículos

Serviços

Descrições e observações complementares

Eventos



Tipo:

Endereço:

Telefone/fax:

Site:

E-mail:

Descrição

Espaço físico

Área para feiras e exposições

Serviços e equipamentos de apoio

Outras instalações e equipamentos

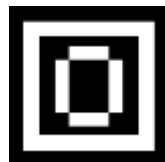
Descrições e observações complementares

Lazer e Entretenimento**Tipo:****Endereço:****Telefone/fax:****Site:****E-mail:****Descrição**

Serviços e equipamentos de apoio

Principais atividades

Descrições e observações complementares

**Outros Serviços e Equipamentos
Turísticos****Tipo:****Endereço:****Telefone/fax:****Site:****E-mail:****Descrição**

Serviços e equipamentos de apoio

Principais atividades

Descrições e observações complementares

Apêndice E - INVENTÁRIO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA DE RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM RECURSOS NATURAIS



INVENTÁRIO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS

Atrativos Naturais



Tipo:

Endereço:

Ponto de referência:

Descrição:

Localização e ambiência:

Localidade mais próxima do atrativo:

Sinalização:

Meios de acesso:

Via terrestre:

Acesso mais utilizado:

Transportes para o atrativo:

Legislações de proteção ao atrativo:

Estado de conservação/preservação do atrativo:

Entrada do atrativo:

Visitação:

Serviços e equipamentos no atrativo:

Atividades realizadas no atrativo natural:

Roteiros turísticos comercializados:

Origem dos visitantes:

Descrição do atrativo:

Observações complementares:

Atrativos Culturais



Tipo:

Endereço:

Ponto de referência:

Descrição:

Descrições do atrativo:

Localidade mais próxima do atrativo:

Período histórico – bens materiais:

Sinalização:

Meios de acesso:

Via terrestre:

Acesso mais utilizado:

Transportes para o atrativo:

Legislações de proteção ao atrativo:

Estado de conservação/preservação do atrativo:

Entrada do atrativo:

Visitação:

Serviços e equipamentos no atrativo:

Atividades realizadas no atrativo cultural:

Roteiros turísticos comercializados:

Origem dos visitantes:

Descrição do atrativo:

Observações complementares:

Atrativos Econômicos



Tipo:

Endereço:

Ponto de referência:

Descrição:

Descrições do atrativo:

Localidade mais próxima do atrativo:

Período histórico – bens materiais:

Sinalização:

Meios de acesso:

Via terrestre:

Acesso mais utilizado:

Transportes para o atrativo:

Legislações de proteção ao atrativo:

Estado de conservação/preservação do atrativo:

Entrada do atrativo:

Visitação:

Serviços e equipamentos no atrativo:

Atividades realizadas no atrativo econômico:

Roteiros turísticos comercializados:

Origem dos visitantes:

Descrição do atrativo:

Observações complementares:

**Atrações Técnicas, Científicas ou
Artísticas**



Tipo:

Endereço:

Ponto de referência:

Descrição:

Descrições do atrativo:

Localidade mais próxima do atrativo:

Período histórico – bens materiais:

Sinalização:

Meios de acesso:

Via terrestre:

Acesso mais utilizado:

Transportes para o atrativo:

Legislações de proteção ao atrativo:

Estado de conservação/preservação do atrativo:

Entrada do atrativo:

Visitação:

Serviços e equipamentos no atrativo:

Atividades realizadas no atrativo:

Roteiros turísticos comercializados:

Origem dos visitantes:

Descrição do atrativo:

Observações complementares:

Atrativos Culturais



Tipo:

Endereço:

Ponto de referência:

Descrição:

Descrições do atrativo:

Localidade mais próxima do atrativo:

Período histórico – bens materiais:

Sinalização:

Meios de acesso:

Via terrestre:

Acesso mais utilizado:

Transportes para o atrativo:

Legislações de proteção ao atrativo:

Estado de conservação/preservação do atrativo:

Entrada do atrativo:

Visitação:

Serviços e equipamentos no atrativo:

Atividades realizadas no atrativo cultural:

Roteiros turísticos comercializados:

Origem dos visitantes:

Descrição do atrativo:

Observações complementares:

10. ANEXOS

ANEXO A - MAPEAMENTO DE FONTES DE ÁGUA SUBTERRÂNEA NO MUNICÍPIO DE LAGOA SECA - PB

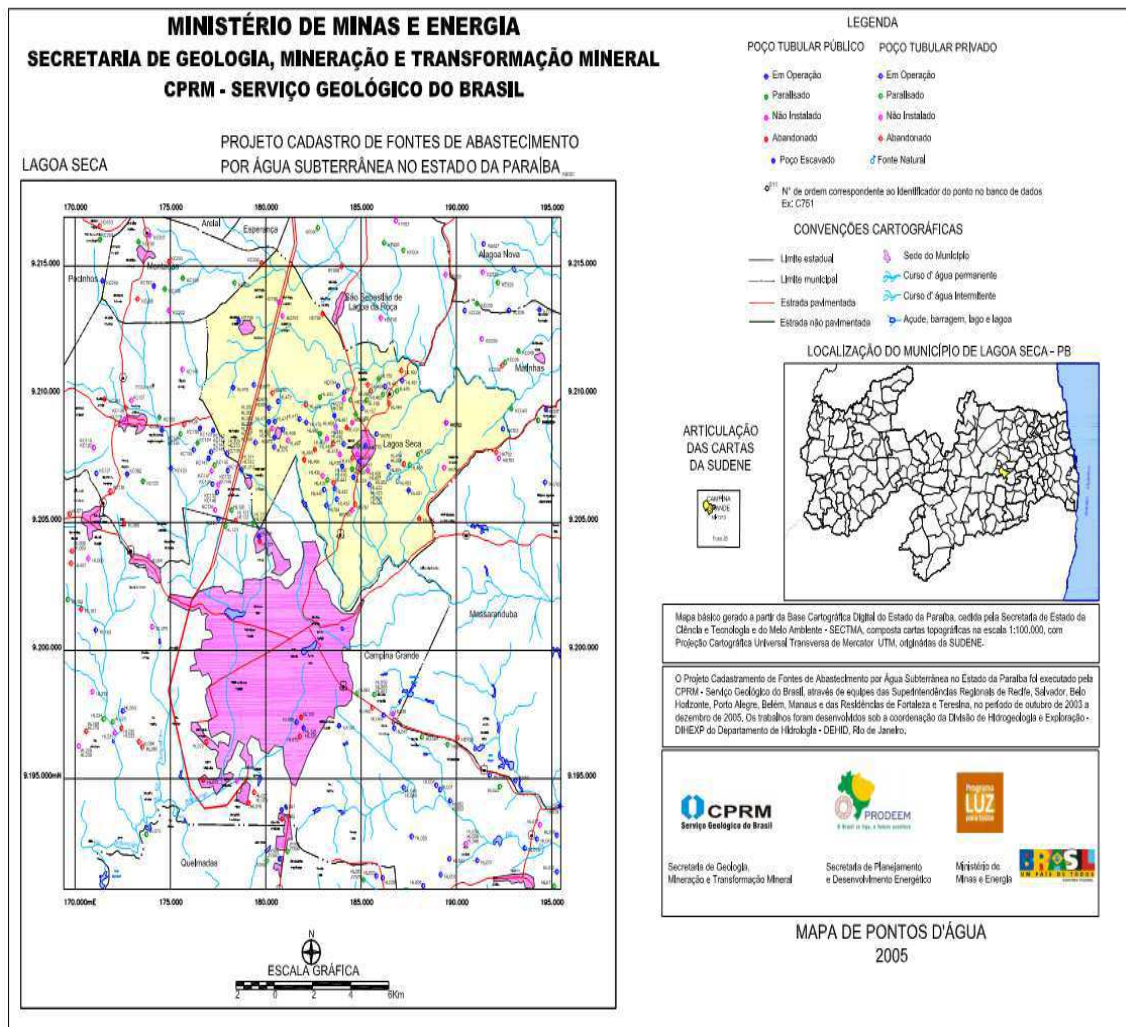


Figura 83 - Mapeamento de fontes de água subterrânea no município de Lagoa Seca - PB. AESA, 2005

ANEXO B - MAPA RODOVIÁRIO DAS RODOVIAS QUE CORTAM O MUNICÍPIO DE LAGOA SECA-PB

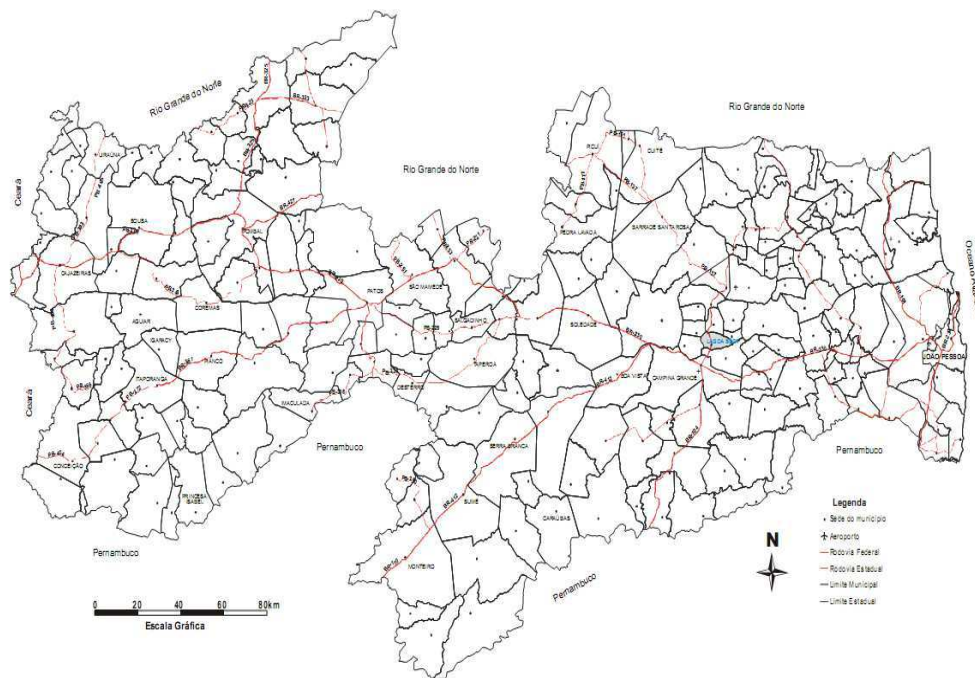


Figura 84 - Mapa Rodoviário das rodovias que cortam o município de Lagoa Seca-PB

ANEXO C - CAPA DA CARTILHA DE LAGOA SECA – AGRICULTURA FAMILIAR

AGRICULTURA FAMILIAR em LAGOA SECA

Cisternas de placas:
água o ano todo



Crédito
para famílias de
baixa renda



Uso de plantas
medicinais



Sindicato incentiva
o uso de produtos naturais



2ª Edição

Anexo D - CARTILHA DA COMISSÃO DE CULTIVOS ECOLÓGICO NO AGRESTE PARAIBANO

Cultivos Ecológicos

um roçado de alimentos para a vida


Textos:

Adriana Galvão Freire - AS-PTA

Revisão de Texto:

Manoel Roberval da Silva

Projeto Gráfico:

Adriana Galvão Freire - AS-PTA
Guilherme Henriques de Carvalho

Desenho de Capa:

Ivaldo Guedes

Fotografia:

Arquivo AS-PTA

Impressão:

epgraf

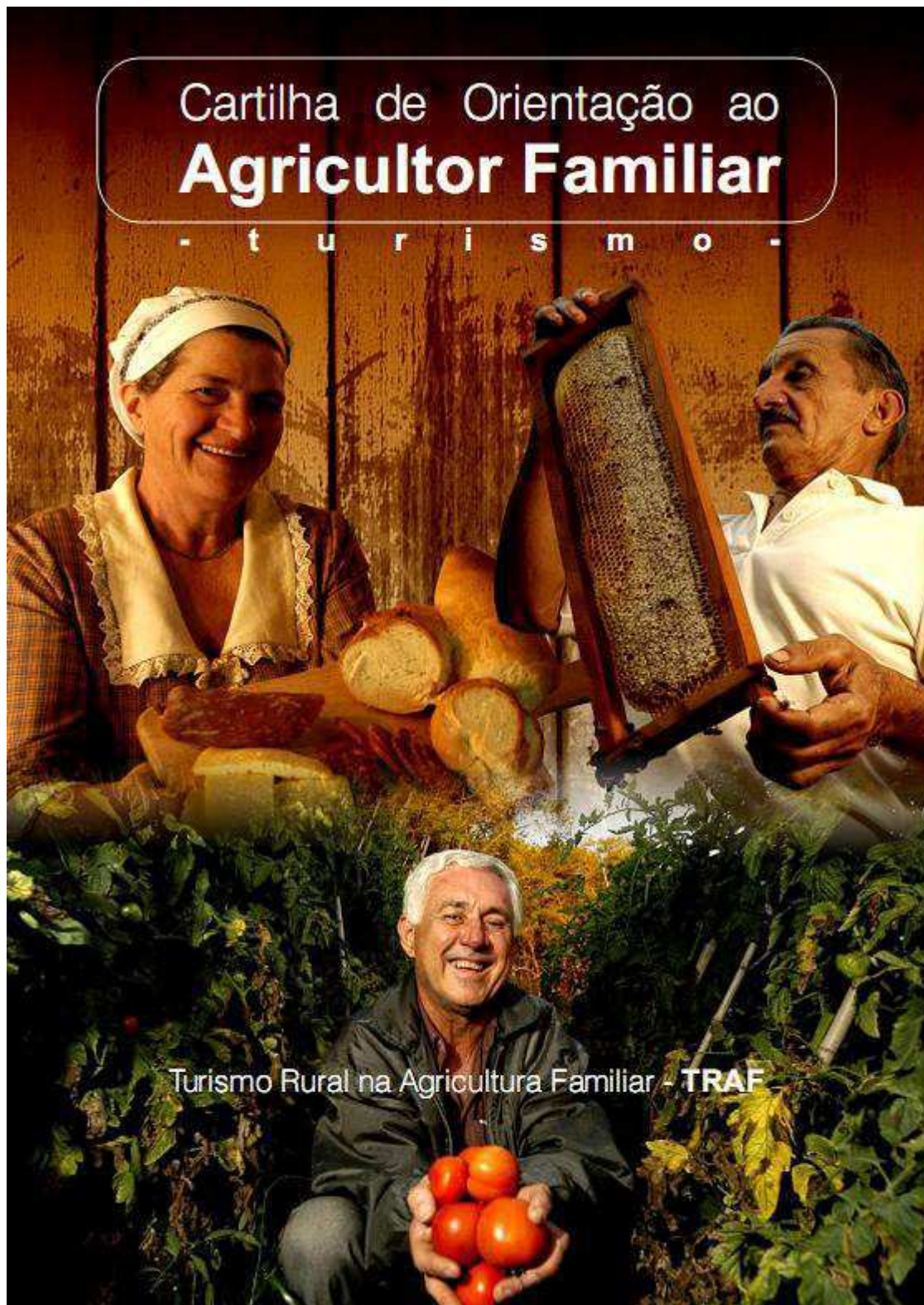
Contatos:

Pólo Sindical da Borborema
Comissão de Cultivos Ecológicos
Rua Getúlio Vargas, 14 - 1º Andar
Centro Esperança - PB
CEP: 58135-000
Fone: (83) 361.3771

AS-PTA

Caixa Postal 33 - Esperança - PB
CEP: 58135-000
e-mail: asptapb@aspta.org.br
fone: (83) 361.9040 / 361.9041

**Anexo F - CARTILHA DE ORIENTAÇÃO AO AGRICULTOR FAMILIAR:
TURISMO, Rede TRAF.**



**Anexo G - PROJETO DE CADASTRO DE FONTES DE ABASTECIMENTO
POR ÀGUA SUBTERRÂNEA EM LAGAO SECA - PB**



MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
SECRETARIA DE GEOLOGIA, MINERAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO MINERAL
CPRM - SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL
PRODEEM - PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO
ENERGÉTICO DOS ESTADOS E MUNICÍPIOS

**PROJETO CADASTRO
DE FONTES DE
ABASTECIMENTO POR
ÁGUA SUBTERRÂNEA**

PARAÍBA

**DIAGNÓSTICO DO MUNICÍPIO
DE LAGOA SECA**

Outubro/2005

PRODEEM
A Melhorar a Qualidade da Água

CPRM
Serviço Geológico do Brasil
Secretaria de Geologia,
Mineração e Transformação Mineral
Secretaria de
Desenvolvimento Energético
Ministério de
Minas e Energia

BRASIL
2005

Anexo H - INFORMATIVO DA AGRICULTURA FAMILIAR: A FEIRA DE PRODUTOS AGROECOLÓGICOS DE LAGOA SECA, AS-PTA

Informativo da Agricultura Familiar A Feira de Produtos Agroecológicos de Lagoa Seca



A experimentação de produtos naturais no município de Lagoa Seca começou a partir de uma visita de intercâmbio realizada ao Centro-sul do Paraná. A partir dessa visita, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais passou a se preocupar com o uso indiscriminado de veneno dentro do município, principalmente por serem produtores e exportadores de verduras.

Esse processo ganhou um estímulo maior quando o Sindicato promoveu uma visita de José Lichesck, um agricultor do Paraná, e um curso de produtos naturais realizado no sítio

Lagoa do Gravatá. Deste curso, 2 agricultores saíram capacitados e animados em realizar diversos experimentos em suas terras. Os resultados desses experimentos sempre eram analisados coletivamente por um grupo de agricultores e agricultoras do município.

Em 1999, o Sindicato propôs então a esse grupo que se montassem também pequenos experimentos. Os agricultores e agricultoras passaram a desenvolver experiências em um canteiro e fazer comparação, ver os prejuízos, os males que causam o veneno para quem pulveriza e também para quem consome os produtos.

As experiências passaram a dar resultado, os agricultores e agricultoras passaram a acreditar e novas pessoas passaram a experimentar o biofertilizante, a calda bordalesa, a calda de fumo, a manipueira, o dipel, o óleo de nim, o extrato de melão de São Caetano e outros tantos produtos. Zezinho Plácido cumpriu um papel importante na busca e na pesquisa dessas novidades. Experimentava em casa e logo saía divulgando os resultados para o grupo.

Em 2001, foi realizado no município de Lagoa Seca um diagnóstico sobre o uso de agrotóxicos. Esse diagnóstico foi um momento importante dentro do processo de formação dos agricultores e agricultoras que saíram sensibilizados em abandonar de vez a sujeição aos produtos químicos.

Desta forma, produção de alimentos limpos foi aumentando e com ela a



consciência de que estava produzindo produtos diferenciados. A fim de dar visibilidade ao trabalho e permitir que o consumidor possa ter direito de escolha de um alimento saudável a um preço acessível, iniciou-se um intenso processo de debate e troca de experiências sobre comercialização.

O grupo achou importante, portanto, iniciar os trabalhos formando primeiramente um mercado consumidor e dentro

